

Crônicas de Maú Kuchi Uma Viagem Inesperada



Este livro de ficção busca valorizar a rica cultura do povo Macuxi, que reside e residiu ao norte do estado de Roraima, bem como na Guiana Inglesa e Venezuela. Nele, exploraremos algumas de suas lendas, entrelaçando-as com um toque de ficção científica. Os Macuxi constituem a maior tribo de Roraima e estão subdivididos em vários outros grupos presentes também na Guiana Inglesa e Venezuela. Apesar de ocuparem uma extensão territorial maior do que a de muitos países europeus, ainda não se conhece ao certo os motivos que impediram a formação de uma civilização própria. A falta de fontes confiáveis para pesquisa dificulta a compreensão dos fatores que limitaram o progresso tecnológico desse povo. No entanto, acreditamos que as lendas possam fornecer algum entendimento sobre os motivos que retardaram o desenvolvimento desse povo, que aprendeu a enxergar a natureza de forma espiritual.

Vale ressaltar que este livro não deve ser considerado como material histórico, uma vez que tal tarefa é incumbida aos arqueólogos e antropólogos. Aqui, contaremos uma história repleta de aventuras e

SANTOS – CRONICAS DE MAÚ KUCHI VOLUME I – UMA VIAGEM INESPERADA.

convidamos você a embarcar nessa jornada.: SANTOS,

Fabricio Cavalcante

60000 palavras

Fabricio Cavalcante dos Santos

Rua Imperatriz, Nova Cidade, nº835, Boa Vista-

RR

095-981255807

fabriciotecmed@gmail.com

<i>CAPÍTULO 1 - Uma História Esquecida</i>	7
Os Guardiões do Caminho	8
<i>CAPÍTULO 2 – Os Maias</i>	16
A Noite do Ataque	17
O Comandante Quisquis	19
O Guerreiro Ayar	26
O Batalhão Maia	30
<i>CAPÍTULO 3 – Aldeia de Coro</i>	37
As instruções Antes da Batalha	38
A Cidade de Coro	40
A Festa de Lua Cheia	44
O Início do Ataque	47
O Navegante e a Tempestade	50
A Matadora de Deuses	57
O Ataque	60
Cidade em Chamas	64
Um Guerreiro Destemido	67
A Morte de um Guerreiro	68
Uma Vitória com Gosto de Derrota	73
O Caos	76
<i>CAPÍTULO 5 — Perdidos em uma Noite de Luar.</i>	81
Uma Floresta Misteriosa	82
Os Grandes Caçadores	85

A Guerreira Rupunini	94
Uma Caçada por Vingança	97
Esperando a Paz	103
O Sem Deus	105
<i>CAPÍTULO 6 — A Caverna Misteriosa</i>	109
A Caverna	110
A Luz na Escuridão	115
A Caminho da Caverna	120
<i>CAPITULO 7 – Um Lugar Perigoso</i>	127
O Puma Brilhante	128
A Encruzilhada Mortal	144
Caminhos Tortuosos	152
Ainda Presos na Caverna	157
A Fúria de um Caçador	159
Um acidente no Caminho	162
Marikumana	170
<i>CAPÍTULO 8 — Um Novo Dia</i>	178
Os Últimos a Saírem	179
Sem Amigos	185
A Floresta de Xuruguara	187
As Arvores que andam	189
Um Abrigo para o Frio da Noite.	194
A Caçada Noturna	196
Um Banquete na Caverna	197

O Mapinguari	210
CAPÍTULO 9 — A Volta do Conquistador	221
Dois Dias Antes	222
Uma Mina e um Navegante Misteriosos	226
A Reunião	237
A Grande Fogueira	248
Uma Nuvem Negra no Horizonte	268
A Onça e Uirapuru os Reis da Chuva	273
Um Vingança Necessária	282
CAPÍTULO 10 — O Rio Yari-Marú	288
Yari-Marú: O Rio Proibido e suas Criaturas Sombrias	289
O Ataque ao Acampamento	296
Uma Floresta em Fúria	307
Criatura ou Deuses	313
O Amanhecer	324
O Choro	358
Uma Ajuda Inesperada	372
A Batalha contra os Yokais	382
CAPÍTULO 11 — Uma Nova Casa	389
A Casa Voadora	390
Quem são “Eles”	394
Uma Nova Família	401
Ele não Morreu	405
FIM	408



CAPÍTULO 1 - Uma História Esquecida

Os Guardiões do Caminho

Numa noite de lua cheia, a comunidade inteira se reuniu ao redor da fogueira. Era a noite das histórias, e o ancião, conhecido como Wähä-Wirän-Kän¹, estava prestes a compartilhar as antigas lendas da tribo. Eles eram os guardiões do caminho que leva ao Monte Roraima há séculos. Assim que ele começou a falar, todos fizeram silêncio e se concentraram em suas palavras. Wähä-Wirän-Kän era descendente do pai dos Macuxis.

"Com meus oitenta anos, contemplo essa majestosa montanha, que se esconde entre as nuvens, e recordo a história do meu povo. Nosso pai foi o fundador do que hoje chamamos de povo Macuxi. Nossa história não é a mais bela ou romântica; ela está repleta de dor e sofrimento, mas merece ser contada a todos. Ainda possuo a prova de que tudo o que digo é verdade. Meu pai me entregou, e ele recebeu de seu pai, e assim tem sido por várias gerações. Hoje, não tenho filhos nem netos, pois Deus não me concedeu tal bênção. Sou descendente

¹ Wähä-Wirän-Kän: Tartaruga que Corre;

do maior guerreiro que esta terra já conheceu, e esta noite trarei à memória o nosso passado. Amanhã, iniciarei minha última jornada ao Monte Roraima, para enterrar meu maior tesouro", pronunciou Wähã-Wirân-Kän.

Todos na tribo estavam atentos ao ancião, e ele solicitou que trouxessem um grande pote de barro. Dentro do pote, havia farinha, e do meio dela, ele retirou um objeto envolto em um antigo couro. O objeto ainda brilhava, pois estava bem preservado. Foi nesse momento que ele começou a contar a maior aventura de todas...

Há muitos anos atrás, em uma época em que histórias eram contadas pelos nossos anciãos na beira de uma grande fogueira, nasciam as lendas que eram a única fonte de conhecimento sobre um passado distante. Hoje, temos muitos meios de aprender, o que nos permite entender um pouco do que aconteceu. Naquela época, os povos indígenas das terras à beira-mar, que hoje conhecemos como América Central e Mar do Caribe, eram dominados pela nação mais poderosa: os Maias. Os Maias, devido ao seu comércio, dominaram a arte da fabricação de ferramentas, e seu avanço tecnológico lhes garantia vantagem sobre os demais povos da região, que

enfrentavam com ferro e fogo. Entre os povos subjugados estava a aldeia de Coro, dos povos Karibs, localizada no litoral norte do continente sul. Os habitantes da cidade eram forçados a pagar tributos.

Ao longo dos séculos, os maias haviam aprendido a arte de fabricar armas com pedras, ossos e outros materiais. Eles foram os primeiros a dominar toda a América Central e a trocar conhecimento com os habitantes locais em troca de sabedoria e tecnologia. Entre as tecnologias compartilhadas estava a navegação pelo mar, que eles adquiriram dos chineses e fenícios, os primeiros povos de outras partes do mundo a fazerem contato com eles. Essa troca foi fundamental para o domínio e crescimento de seu Império.

O impacto da navegação no crescimento e expansão do Império Maia é inegável. Eles prosperaram tanto que já estavam projetando uma nova capital no continente, devido às limitações de espaço. A antiga capital estava ficando pequena, e seus governantes tinham planos ambiciosos para a construção de grandes templos e para o desenvolvimento urbano. No entanto, as constantes tempestades na região causavam prejuízos e a

necessidade de mudar a capital entre os governantes era crescente. Era necessário construir outra cidade onde as classes e os grupos sociais pudessem ser separados. O local já estava definido. Para isso, eles estavam capturando escravos em todas as partes, especialmente os rebeldes e os inimigos.

A habilidade de navegar pelos mares permitiu aos maias expandirem sua influência e estabelecerem comércio com outras civilizações. Era como se suas frotas de barcos fossem as asas que lhes possibilitavam voar sobre as águas, invadindo e controlando novas terras. Era uma dança entre as ondas, onde os maias deslizavam pelas correntezas, desbravando horizontes desconhecidos.

Outra forma importante de troca de conhecimento ocorria por meio de casamentos políticos. Os maias uniam-se em matrimônios estratégicos com líderes de outros povos amigos, tecendo uma rede de alianças que permitia a partilha de conhecimentos e tecnologias. Era como entrelaçar os fios de diferentes teares, criando um tecido forte e colorido que unia povos distintos sob o controle do poderoso Império Maia.

A capital do primeiro Império Maia erguia-se majestosa na Ilha de Tecun Uman², que flutuava graciosa no rio Usumacinta. Era um centro pulsante de comércio e cultura, onde os habitantes se banhavam na opulência e sabedoria adquiridas ao longo das trocas com outras civilizações. Era como um farol brilhante, iluminando os corações e mentes daqueles que ali viviam.

Os maias foram os primeiros e únicos a dominar essas tecnologias na região até sua extinção. Eles adquiriam essas técnicas em troca de ouro e pedras preciosas, materiais que, antes do encontro com esses povos distantes, não possuíam valor econômico. Para os navegantes chineses e fenícios, esses materiais reluzentes eram verdadeiros tesouros, e os maias, generosos como o sol que ilumina a terra, podiam oferecê-los em abundância. Assim, as terras sagradas da região passaram a ser procuradas e exploradas em busca desses tesouros cintilantes.

Entretanto, para o governo central do primeiro Império Maia, as relações comerciais e diplomáticas com povos de outras partes do mundo também trouxeram

² Ilha de Tecun Uman – Localizado na Guatemala;

perigos iminentes. O medo de ataques vindos de terras distantes assombrava seus líderes, como uma sombra ameaçadora que pairava sobre o horizonte. Por isso, postos de controle e comando marítimo foram estabelecidos ao longo do litoral dominado pela tribo Karib. A necessidade de proteger os tesouros preciosos da capital maia levou os governantes a impor um domínio feroz sobre os povos vizinhos, despertando revoltas e resultando no massacre e na escravidão de tribos inteiras pelas forças militares maias.

Assim, entre os altos e baixos do comércio, alianças e conflitos, a história dos maias se entrelaça com as águas do Mar do Caribe, em uma dança incessante entre a prosperidade e a crueldade, a sabedoria e a tirania, deixando marcas profundas no tempo e na memória das civilizações que os precederam.

Os habitantes da aldeia de Coro eram como pássaros enjaulados, indígenas Karibs que viviam sob o domínio dos maias. Enquanto os maias teciam seus sonhos arquitetônicos, erigindo templos majestosos e desenhando símbolos misteriosos em suas escritas hieroglíficas, os Karibs viviam na sombra desse

esplendor, como árvores enraizadas em solo fértil, mas privadas de luz.

Em troca da ilusão de paz, os habitantes das aldeias Karibs eram forçados a entregar tributos e oferendas aos maias, como se fossem gotas de orvalho nas mãos ávidas do sol. As aldeias, com seus portos agitados, eram como faróis atraindo navios estrangeiros e canoas vindas de terras vizinhas, despertando a atenção vigilante dos maias. Esse comércio com outros povos tecia uma rede de prosperidade que abraçava toda a região, mas ao preço da liberdade dos Karibs.

Entretanto, como o eco distante de tambores, o descontentamento começou a se espalhar entre as aldeias. O sistema de tributos e as restrições impostas pelos maias começaram a ser questionados, como um murmúrio que se insinua nos ouvidos atentos. Os Karibs, pacíficos por natureza, começaram a tecer conspirações em segredo, traçando os fios de uma revolta contra os grilhões que os aprisionavam. O coração pulsante dessa ousadia seria a aldeia de Coro, escolhida como epicentro da insurgência, pois ali as raízes do conhecimento e desenvolvimento eram mais profundas. Ansiavam por

erguer asas poderosas e voar para a liberdade, construindo uma nação soberana onde Coro brilharia como estrela guia.

Contudo, a escuridão não permite segredos por muito tempo. Quando os maias captaram os murmúrios da rebelião que ecoavam pelos ventos, enviaram um exército como um trovão ruidoso, pronto para esmagar a ousadia dos rebeldes e provar que o poder jazia em suas mãos. A esperança, que por um breve momento acariciou os corações dos Karibs, foi varrida como uma chama frágil diante da tempestade iminente.



CAPÍTULO 2 – Os Maias

A Noite do Ataque

Em uma noite de lua cheia, quando o prateado do luar banhava a terra, um batalhão de soldados maias se camuflava na sombra da floresta, como serpentes pacientemente à espreita. Seus corpos eram como torres imponentes, esculpido pela dureza da guerra, envoltos em túnicas de lã, tecidas com a força de suas tradições ancestrais. Cada passo ecoava com a firmeza de seus propósitos, enquanto seguravam em suas mãos armas que prometiam desencadear a fúria de tempestades.

Na aldeia de Coro, um reduto de paz enclausurado pela natureza exuberante do Mar Caribe, o espírito festivo se desdobrava em cada canto. Como pássaros em revoada, os habitantes dançavam em harmonia ao ritmo dos tambores e entoavam canções que ecoavam como sussurros suaves ao vento. Eles não suspeitavam das sombras vigilantes que observavam seus movimentos, dos olhos ferozes que penetravam as trevas da noite.

No coração da floresta, os soldados maias

permaneciam aguardando, atentos como predadores em sua emboscada. A tensão vibrava no ar, como um fio esticado prestes a ser rompido. A ordem de ataque era um segredo ardente na mente de seu comandante, esperando o momento oportuno para desencadear o caos sobre a aldeia.

O Comandante Quisquis

O comandante Quisquis era um experiente líder, com mais de 15 anos de batalhas sangrentas. Sua ferocidade contra os inimigos contrastava com seu amor paterno, pois havia dedicando-se a treinar seus filhos para trilharem o mesmo caminho. Seus sonhos se entrelaçavam com o desejo de maior cooperação na corte do imperador Maia Kukulcán, e a oportunidade de capturar sacrifícios ao deus Kinich Ahau³ era sua chance de ascensão.

Prontamente preparado para a batalha, o comandante maia exibia as marcas de guerras passadas em seus braços e rosto, testemunhos de sua experiência e bravura inabaláveis. Com longos cabelos negros, amarrados em um rabo de cavalo, e uma barba curta e bem aparada, sua presença era imponente. Sua pele morena e bronzeada pelo sol refletia a força de sua determinação, enquanto músculos definidos e tonificados atestavam seu treinamento incansável.

³ Kinich Ahau = Deus sol Maia;

Sob sua armadura de guerra elaborada, feita de couro reforçado com tiras de osso e detalhes em ouro, Quisquis protegia seu peito, braços e pernas. Um capacete de osso resguardava sua cabeça. A armadura exibia desgastes e arranhões, testemunhas silenciosas de suas muitas batalhas. No entanto, não eram apenas os vestígios de conflitos anteriores que chamavam atenção. A cicatriz no rosto era o traço mais marcante, uma ferida profunda causada por uma lança que cortou de cima para baixo sua sobrancelha esquerda sem atingir seu olho esquerdo ficando uma leve fenda do lado esquerdo até a bochecha.

Adornos de ossos e pepitas de ouro enfeitavam seu corpo, revelando sua riqueza e poder. Um símbolo de grandeza era ostentado em seu braço direito, onde os adornos de ouro contabilizavam o número de vitórias em combates corpo a corpo contra seus inimigos. Um colar com um pingente representando o deus Kinich Ahau adornava seu pescoço, simbolizando sua posição de liderança e opulência.

E assim, o comandante Quisquis se erguia, um guerreiro enigmático que navegava entre a crueldade e o

amor, entre o desejo de poder e a responsabilidade paterna. Seus traços físicos, suas cicatrizes e sua imponente armadura contavam histórias de coragem e vitórias passadas. Ele se tornara uma figura lendária, um símbolo vivo do poder e da determinação maia.

À medida que adentrava o campo de batalha, Quisquis encarava seu destino com olhos intensos e expressivos, revelando a essência de sua determinação e astúcia. Era a hora de enfrentar o inimigo, envolvido pelo turbilhão de metáforas que compunham a dança da guerra e da sobrevivência. Seu nome ecoaria nos anais da história, uma memória de coragem que transcenderia gerações.

As armas de combate que ele empunhava compunham uma variedade de instrumentos maias, como uma espécie de espada esculpida em madeira com placas de obsidiana e osso afiado, uma adaga de ouro reluzente e um escudo de madeira e obsidiana, adornado com pedras preciosas. Sua espada de obsidiana e osso era uma ameaça temida pelos inimigos, pois ele dominava habilmente seu manuseio em combate. A adaga de obsidiana era usada com precisão letal contra

seus adversários, enquanto o escudo o protegia dos ataques inimigos. Quisquis também carregava consigo uma espada larga de obsidiana, uma maça de pedra, um machado de pedra e uma lança com ponta de pedra, todas decoradas com desenhos que retratavam deuses e animais sagrados. Seu arsenal incluía ainda um escudo de madeira circular, também ornado com ilustrações, que lhe conferia proteção em combates corpo a corpo. Essas armas eram responsabilidade de seu armeiro, encarregado de sua manutenção e limpeza.

Quisquis acreditava ser um instrumento em mãos de seu deus Kinich Ahau, e se entregava à sua missão com dedicação e fé. Era um comandante maia temido e respeitado por todos que o serviam.

À frente de um batalhão de soldados maias, oculto nas sombras de uma densa floresta, Quisquis aguardava o momento propício para atacar a aldeia de Coro, em meio às celebrações da festividade da lua cheia. Suas ordens eram proferidas com autoridade, prontas para conduzir seus homens rumo a mais uma gloriosa vitória.

Quisquis era um líder reverenciado e temido entre os maias. Reconhecido por sua habilidade estratégica e

comando impecável, dedicou sua vida a conduzir seu povo em guerras e campanhas de conquista. Em sua última expedição, decidiu levar consigo seu filho mais novo, Ayar, para que aprendesse com o pai e se tornasse o próximo comandante quando retornassem à sua terra natal. Quisquis sabia que o futuro de seu povo estaria seguro nas mãos do filho, pronto para assumir o comando.

Quisquis chamou Ayar com voz firme:

Quisquis – Ayar, aproxime-se. Preciso falar contigo.

Ayar – Sim pai. O que está acontecendo?

Quisquis: Tenho uma missão crucial para você. Será o líder da invasão à cidade de Coro nesta noite. Este será o seu teste final antes de se tornar um comandante em nossa cidade.

Ayar – Estou pronto pai. O que devo fazer?

Quisquis – Você liderará o ataque. Confio em sua habilidade e coragem. Se tudo correr bem, voltaremos com os despojos e prisioneiros. Será um grande avanço em sua carreira militar. Devemos esperar até que todos os líderes rebeldes cheguem à festa e aproveitem suas

bebidas e celebrações para que possamos adentrar a aldeia sem resistência. Dividiremos nossas forças: um grupo irá para a beira do mar para impedir fuga por barcos; outro grupo irá para a parte de trás da aldeia, na região da floresta, para evitar que escapem para a mata; e o maior grupo atacará o centro da cidade, semear o pânico.

Ayar – Farei o meu melhor, pai.

Quisquis – Sei que faremos. Agora vá se preparar. Amanhã será um dia importante para nós. Lembre-se, use as flechas incendiárias primeiro, não queremos perder nossos homens!

Ayar – Entendido, pai. Farei o que for preciso para trazer-nos a vitória. No entanto, tenho uma pergunta. Por que essa invasão é tão crucial? Qual é o objetivo final?

Quisquis – É uma questão de honra e respeito, meu filho. A cidade de Coro representa uma ameaça constante à nossa nação. Eles têm nos desafiado há muito tempo, e agora é a nossa oportunidade de mostrar a força e poder de nosso povo. Além disso, Coro é rica em recursos e possui muitos prisioneiros que podem ser trocados por valiosos bens.

Ayar – Compreendo pai. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para obter a vitória e honrar nosso povo.

Quisquis – Sei que você fará isso. Agora, vá se preparar. Amanhã, quando retornarmos à nossa terra, será um dia decisivo para nós. Nosso povo conta com você.

O Guerreiro Ayar

Ayar, um jovem guerreiro destemido, liderava seu próprio grupo de combatentes, uma fraternidade forjada ao longo dos anos, dedicada ao estudo das artes bélicas. Sob o comando de seu pai, Quisquis, a tarefa desse grupo era salvaguardar o filho do comandante. Ayar transbordava de orgulho por sua ascendência, sendo o terceiro elo de uma linhagem de guerreiros e líderes. Dos quatro filhos varões de seu pai, todos já haviam sido promovidos a comandantes de outros batalhões. Somente Ayar permanecia, destinado a suceder seu pai, que seria então aclamado conselheiro do imperador ao regressarem triunfantes à cidade natal, com prisioneiros e tesouros em reboque. Ayar possuía a perícia de um jovem guerreiro valente, adestrado para liderar contingentes, mas ainda lutava para dominar sua ansiedade. Atormentado pelo desejo de provar seu valor e honrar a linhagem de sua família.

Quisquis depositava plena confiança em seu filho, reconhecendo seu potencial para tornar-se um comandante magnífico. Conferiu-lhe as orientações

necessárias para liderar o assalto à cidade de Coro e confiou-lhe o comando. O jovem guerreiro, fervoroso, preparou-se com determinação, pois não queria decepcionar seu pai. Em ocasiões anteriores, Ayar já havia liderado pequenos contingentes e obedecido ordens com esmero. Agora, no entanto, encontrava-se à frente do batalhão de seu pai pela primeira vez, e essa missão era de crucial importância. Caso evitasse baixas e riscos desnecessários, demonstraria estar apto ao comando, haja vista que, estrategicamente, a cidade não representava uma ameaça iminente. As defesas eram tênues, não havendo quaisquer perigos que pudessem inquietar o grupo de Quisquis, desde que a liderança se fizesse de forma magistral.

Ayar alimentava a esperança de ser recebido em casa com louvores e glórias. Acreditava haver dado o melhor de si para provar sua dignidade como herdeiro do comando, quando seu pai enfim se aposentasse. Consciente do peso que carregava ao liderar um batalhão do exército maia, encontrava-se preparado para enfrentar qualquer adversidade que o futuro lhe reservasse.

Um comandante, frequentemente, é agraciado

com parte dos despojos e assume o controle da cidade onde seu batalhão reside ou é designado. Ademais, o líder de uma tropa tem a responsabilidade de administrar as cidades, gerando lucros ainda maiores para os comandantes. Portanto, quando Ayar assumir o comando, sua prosperidade se ampliará ainda mais.

Ayar, o caçula de Quisquis, o destemido comandante maia, era um jovem guerreiro ambicioso e decidido, ansiando por trilhar os passos de seu pai e tornar-se um líder em sua própria cidade. Possuía uma estatura imponente e musculosa, seus cabelos negros e lisos reluziam ao sol, assim como seus olhos cintilantes. Vestia uma túnica de lã escarlate, adornada com detalhes de ouro e prata, e portava consigo uma espada de madeira cravejada com obsidiana e ossos, além de um escudo de madeira. Seus adereços compreendiam ossos de animais e um capacete de madeira, ornado com a mandíbula de uma queixada. Fora treinado nas artes da guerra por seu próprio pai. Sua lealdade para com o imperador Kukulcán era inabalável, estando disposto a tudo para proteger seu povo e servir ao seu deus, Kinich Ahau. Era um líder venerado pelos soldados sob seu comando, e seus

inimigos estremeciam diante de sua presença.

O Batalhão Maia

Um batalhão maia pronto para a batalha era uma visão aterradora, destinada a infundir medo e terror em seus inimigos antes mesmo do confronto.

Os guerreiros sempre ostentavam couraças elaboradas, confeccionadas com penas de quetzal, jade e outros materiais preciosos, para proteger seus peitos. Seus capacetes e escudos eram adornados com imagens e inscrições do deus Kinich Ahau, proporcionando proteção para suas cabeças e corpos. Calçavam calças amplas, geralmente feitas de algodão, que eram amarradas à cintura com cintos decorativos. Nos pés, usavam botas de couro resistente ou sandálias de palha. Ademais, exibiam diversos adereços, como colares, braceletes e pulseiras confeccionados com jade e outros materiais valiosos, os quais indicavam seu status social e habilidades marciais. Todos ostentavam pinturas de guerra, seja através de pinturas corporais ou tatuagens, as quais revelavam sua posição no batalhão. Tais pinturas frequentemente consistiam em representações

de divindades ou animais, bem como símbolos relacionados à guerra e caça.

Os soldados vestiam túnicas de lã vermelha, também enfeitadas com detalhes em ouro e prata, e portavam capacetes de madeira para salvaguardar suas cabeças. Suas armas principais consistiam em arcos e flechas, lanças e maças. Além disso, utilizavam espadas de pedra, escudos de madeira e cordas para capturar e conduzir seus prisioneiros.

As maças empunhadas pelos soldados maias eram usualmente confeccionadas em pedra ou metal forjado. Eram empregadas como armas para combates corpo a corpo, sendo manejadas com uma única mão. As maças apresentavam uma cabeça pesada, frequentemente cônica ou esférica, fixada a um cabo curto. A cabeça da maça podia ser feita de pedra, metal ou cerâmica, e tinha o propósito de causar danos máximos ao impactar o inimigo. Muitas vezes, eram adornadas com inscrições ou imagens do deus Kinich Ahau.

Os soldados maias também empregavam fundas como armas de arremesso. A funda consiste em uma bolsa de couro ou tecido, em formato de saco, que abriga

uma ou mais pedras como projéteis, os quais são arremessados utilizando uma alça de corda. As fundas utilizadas pelos maias eram confeccionadas em couro ou tecido e eram adornadas com inscrições ou imagens do deus Kinich Ahau. Essas armas eram empregadas tanto para a caça quanto para o combate. Embora fossem de curto alcance, as fundas podiam causar danos significativos ao impactar o alvo. A habilidade de arremesso com funda era considerada uma destreza valorosa entre os guerreiros maias.

Nas batalhas terrestres, o exército era dividido em três unidades: a primeira composta por lanceiros, a segunda por arqueiros e a terceira por guerreiros com espadas. Entretanto, ainda não haviam recuperado a habilidade de montar que possuíam antes do Grande Inverno Branco, que ceifou todas as suas A'u⁴. As lhamas não eram confiáveis em combate e não tinham a mesma velocidade dos A'u, criaturas quadrúpedes grandes e robustas, com cascos nas patas e caudas semelhantes às do tamanduá. Sua coloração variava entre o marrom e o preto, embora também houvesse alguns exemplares

⁴ A'u, nome dado aos Cavalos;

brancos. O frio e o gelo dizimaram esses animais, que morreram de fome devido à escassez de pastagens.

Quando o batalhão maia estava pronto para lançar um ataque, os soldados se alinhavam formando uma linha sólida, com os comandantes à frente. Avançavam lentamente, batendo seus escudos e entoando palavras de guerra e ameaças aos inimigos, enquanto se aproximavam destes. Era uma cena impressionante, capaz de inspirar temor e respeito em todos que a presenciavam. Porém, naquela noite, o ataque seria diferente. Seria um ataque surpresa, uma demonstração de que os maias não toleravam traição.

Os soldados haviam chegado dois dias antes, desembarcando em uma área despovoada que facilitou sua aproximação sorrateira. Avançavam sob o manto da noite, com um batedor na vanguarda, orientando e identificando o caminho, alertando sobre a presença de sentinelas ou grupos vigias na floresta. Tinham conhecimento de que os habitantes locais temiam a floresta noturna, devido às suas crenças em feras e espíritos, o que lhes concedia a vantagem de se deslocarem sem serem detectados.

Quisquis e seu batalhão eram considerados uma fortuna em movimento, pois ao longo dos anos haviam acumulado vastas riquezas, graças aos saques realizados em nome do deus Kinich Ahau. Eram uma tropa vitoriosa, que havia conquistado inúmeras aldeias e vilarejos em suas campanhas, e essas pilhagens lhes haviam presenteado com uma profusão de tesouros, como ouro, prata, pedras preciosas e artefatos valiosos.

Ademais, Quisquis era um comandante perspicaz e astuto, dominando a arte de manobrar suas tropas rumo à vitória. Possuía um aguçado instinto estratégico e era reverenciado como líder pelos soldados sob seu comando. Esses atributos contribuía para o sucesso e a opulência do batalhão de Quisquis.

Apesar de sua prosperidade e riqueza, o batalhão liderado por Quisquis era temido e repudiado por muitos dentro e fora do país. Eram vistos como invasores e conquistadores pelas aldeias e vilarejos que saqueavam, despertando temor e ódio em relação ao batalhão de Quisquis, inclusive na corte do imperador. Por esse motivo, Quisquis almejava ser conselheiro do imperador, pois possuía habilidades políticas que lhe permitiram

nomear seus filhos para o comando de outros batalhões. Tal feito provocou inveja em outros comandantes e líderes militares, que os designavam para missões perigosas e arriscadas.

Quisquis conquistou a confiança do imperador devido ao número de vitórias alcançadas e à riqueza que trazia consigo, fazendo com que sua fama se espalhasse por todo o país. Além disso, sua reputação se consolidava devido à maneira como lidava com revoltas, sempre recorrendo à crueldade e à violência. No entanto, tanto para Quisquis quanto para seus soldados, a prioridade era cumprir o dever de servir ao deus Kinich Ahau e proteger o imperador Kukulcán.

A conquista da mina de prata nos Qullasuyu foi uma das maiores proezas de Quisquis e seu batalhão, conferindo-lhes vasta riqueza e renome. A mina de prata era um local de importância suprema para o império Maia, pois jorrava uma quantidade generosa de prata, metal precioso altamente reverenciado pela corte do imperador Kukulcán. A investida na mina de prata exigiu dos soldados de Quisquis notável habilidade militar e estratégia. Enfrentaram uma fortaleza inimiga,

guarnecida e bem equipada, porém emergiram vitoriosos da batalha graças à força, determinação e astúcia. A conquista da mina de prata tornou-se um marco na trajetória de Quisquis, brindando-o com fama e prestígio incalculáveis no império Maia.

Agora, em meio à exuberância da floresta, o formidável batalhão de Quisquis empreendia uma busca por mais tesouros na cidade de Coro, um entrelaçado de caminhos comerciais onde marinheiros vindos do mar do Caribe, ou "Mar Kalina", negociavam e trocavam suas mercadorias. A cidade de Coro resplandecia em opulência e prosperidade, nutrida por suas transações comerciais com outras regiões da América Central e do Sul.

Determinados, Quisquis e seus soldados adentrariam a cidade de Coro com o intuito de saquear e agregar mais riquezas ao império Maia. Tinham ciência de que a cidade era presa fácil, pois seus habitantes eram majoritariamente comerciantes e não guerreiros. Contudo, também sabiam que Coro possuía uma importância vital para os marinheiros do mar do Caribe, e que seus cidadãos estavam dispostos a lutar com fervor para proteger suas vidas e seus bens.



CAPÍTULO 3 – Aldeia de Coro

As instruções Antes da Batalha

Ayar assumiu a liderança e avançou com determinação, instruindo seus soldados com voz firme. Percorria as fileiras, observando cada guerreiro com olhos penetrantes. Seu coração pulsava de ansiedade, ansiando pelo momento de demonstrar suas habilidades e conquistar reconhecimento como um grande comandante. Em frente a cada soldado, detinha-se, encarando-os nos olhos e proferindo palavras de encorajamento: "Que o divino Kinich Ahau esteja conosco nesta batalha. Recordem-se de vossos treinamentos e lutem com bravura". Desejava a sorte individual a cada um antes de emitir a ordem para avançar.

Ayar, com voz firme e segura, proclamou aos seus companheiros:

Ayar – Meus irmãos, estamos a ponto de engajar o combate contra a cidade rebelde de Coro. Embora sejam mercadores e não guerreiros, não devemos subestimá-los. Estejam preparados para todas as

eventualidades. Lembrem-se de que estamos lutando em nome de nosso deus KINICH AHAU e pela glória do império Maia.

Os soldados, em uníssono, responderam: "Sim, senhor. Demonstraremos nossa força e determinação. Mostraremos a esses mercadores que não podem nos desafiar".

Ayar prosseguiu: "Agora, rezem ao nosso deus, para que ele entregue essa cidade de traidores em nossas mãos. Adentrem seus muros e quebrem todo aquele que se opuser. Despertem neles a fúria e façam-nos sentir a dor merecida por terem conspirado contra nossa paz em seus salões. Retribuiremos com a mesma afetuosidade que desejaram para nós. Os pais lamentarão a perda de seus filhos, as mães saberão que jamais tornarão a ver seus filhos e filhas. Nesta noite, lágrimas banharão crianças e mulheres. Agora, avancemos e conquistemos mais riquezas e tesouros para o império Maia.

Os soldados, imbuídos de uma fúria indomável, rugiram em resposta: "Urra!"

A Cidade de Coro

A aldeia de Coro se erguia como uma pequena jóia à beira-mar, presenteando os olhos com uma visão espetacular. À sua frente, um rio serpenteava entre os mangues, em meio a uma floresta tropical verdejante. As pequenas cabanas de palha e madeira se organizavam em torno de uma praça central vibrante, onde as pessoas se reuniam para tecer conversas e compartilhar histórias. No coração dessa praça, um majestoso salão de festas erguia-se, adornado com pinturas e desenhos coloridos que celebravam a fauna e os deuses da região. Próximo ao porto, uma rua fervilhante era palco do comércio entre os moradores e os navegantes vindos de outras aldeias.

Cada cabana possuía sua própria personalidade singular, varandas que presenteavam panoramas deslumbrantes do mar, enquanto desenhos e pinturas retratavam a vida selvagem e os mitos que habitavam aquele lugar. As ruas, acariciadas pela terra batida, eram cercadas por árvores frutíferas e jardins floridos, onde a vegetação típica da região se expressava em todo

seu esplendor.

A vida na aldeia seguia uma essência simples, entrelaçada com o espírito comunitário. Os moradores dedicavam-se ao trabalho nas roças e à pesca, preservando com afincos suas tradições e crenças. Festas animadas e celebrações frequentes preenchiam a praça central e o amplo salão, onde danças, música e contos ancestrais eram compartilhados entre amigos e familiares. A aldeia de Coro era uma verdadeira pérola tropical, abraçada por sua beleza natural e seus habitantes acolhedores.

Ao norte da aldeia, erguia-se um pequeno e encantador porto. Sua praia de areia branca e água cristalina estendia-se por quilômetros, em harmonia com a exuberante vegetação da floresta tropical. Rochas e recifes naturais pontuavam a paisagem, atraindo uma diversidade de peixes e seres marinhos, transformando-o em um ponto de encontro para os pescadores da aldeia.

O porto abrigava uma série de docas de madeira, onde as canoas e embarcações dos pescadores se amarravam. Ali, a movimentação era constante, com

barcos chegando e partindo, carregando os frutos do mar, frutas e outras preciosidades da região. Além de seu papel vital na pesca, o porto era um centro comercial importante, onde a troca de mercadorias com outras aldeias e civilizações costeiras ocorria de forma rotineira.

A aldeia de Coro despontava como uma joia do comércio, onde grupos do povo karibs dedicavam-se à troca e negociação de mercadorias. Como um farol brilhante, sua localização privilegiada atraía povos de todas as regiões, ansiosos para adquirir novos tesouros e compartilhar seus próprios.

A aldeia era um verdadeiro caldeirão de culturas e povos, onde ideias e mercadorias fluíam em uma dança envolvente. O comércio era a essência pulsante da economia local, habilmente praticado pelos seus habitantes.

Os arredores de Coro exibiam uma riqueza incomparável, um tesouro de biodiversidade e recursos naturais. A flora e a fauna dançavam em harmonia, oferecendo aos habitantes uma abundância a ser explorada e compartilhada. Coro era uma sinfonia de

vitalidade, entrelaçando cultura, economia e a beleza intrínseca da natureza.

A Festa de Lua Cheia

Naquela noite, a aldeia se envolvia em uma festa da Lua Cheia, como um véu místico que abraçava a atmosfera. Os povos Karibs, guardiões de lendas e crenças, reverenciavam a presença da Lua Cheia em sua mitologia. Diziam que ela era uma deusa da fertilidade, governante das marés e dos ciclos da natureza. Acreditava-se que mulheres grávidas que vislumbrassem seu quarto crescente seriam abençoadas com filhos vigorosos e sadios. Outra lenda se espalhava, proclamando a Lua Cheia como um espírito sagrado, protetor dos pescadores e viajantes noturnos. Se oferendas fossem oferecidas antes da partida para a pesca, a sorte sorriria, e os mares seriam generosos em suas capturas.

Essas narrativas ancestrais também conferiam à Lua Cheia um chamado para rituais sagrados, especialmente aqueles relacionados à fertilidade e à colheita. Com frequência, tais rituais eram realizados na praia, onde canções e danças se erguiam em louvor à

divina Lua.

Os habitantes da aldeia inteira participavam fervorosamente dessa celebração, imersos em uma atmosfera em que as bebidas fluíam livremente, deixando-os, porventura, menos atentos aos arredores. O coração da aldeia pulsava com pessoas dançando, cantando e festejando a Lua Cheia, alheios aos perigos que se ocultavam nas sombras. O som da música e das gargalhadas ecoava pelas ruas, enquanto o luar derramava seu brilho nos céus. Barracas comidas e bebidas se aglomeravam pelas ruas, mercados fervilhavam com compradores e vendedores em busca de ofertas tentadoras.

Casas adornadas com flores e fitas coloridas testemunhavam a alegria contagiante, enquanto todos ostentavam seus trajes mais festivos. O ar vibrava com notas musicais e risos, uma atmosfera de união e felicidade entre todos.

A praça principal da cidade se enchia de almas dançantes, rodopiando ao redor da fogueira, ao som dos músicos e dos ritmados passos dos dançarinos. Era uma

noite de celebração e júbilo, em que ninguém poderia prever o terror que se aproximava.

‘Os líderes da região haviam se reunido para participar da festa e realizar uma importante assembleia para discutir o destino do povo Karibs. O destino, entretanto, tecia suas teias sinistras, escondendo-se nas sombras da noite que prometia ser memorável.

O Início do Ataque

Quisquis, imerso nas sombras da floresta, contemplava o batalhão maia desbravando o caminho em direção à cidade de Coro. A ansiedade dominava seu ser, pois ansiava pelo desfecho da investida, desejando ardentemente descansar e compartilhar seus conselhos com o imperador. Seu filho, Ayar, liderava a vanguarda, forjando um exército disciplinado e engendrando uma estratégia invasora. Do topo do morro, sua barraca o permitia vislumbrar a cidade e a aproximação do batalhão, enquanto seu coração pulsava em compasso acelerado. Compreendia que o êxito nesse assalto seria crucial para sua ascensão na corte imperial e para a salvaguarda do Império Maia.

Ayar, num turbilhão de nervosismo e ansiedade, aguardava o assalto iminente. Ansiava desesperadamente por exibir sua maestria como comandante, buscando o reconhecimento de seu pai, Quisquis, e do imperador Kukulcán. Por anos, dedicara-se a treinar incansavelmente para esse momento,

decidido a fazer o que fosse necessário para assegurar a vitória. Observava seus soldados se preparando para o embate, minuciosamente verificando armas e aparatos de proteção. Consciente de que o destino de Coro e sua reputação como líder estavam intrinsecamente vinculados à sua habilidade em conduzir o ataque e conquistar a cidade.



CAPÍTULO 4 – O Navegante, A Espada e o Ataque a Coro

O Navegante e a Tempestade

Um pouco distante do agito do centro urbano, onde a celebração fervilhava, encontrava-se Maú em sua moradia, que, para os padrões da época, proporcionava um considerável conforto. Erguida com paredes de tabique e assoalho de madeira, a casa abrigava num único espaço o quarto, a cozinha e a sala. Organizada e aconchegante, possuía uma modesta varanda onde Maú se sentava num banco de madeira para contemplar a festa e sua família. Encontrava-se solitário e ainda imerso na tristeza causada pela partida de seu pai. Ele era o único filho.

Seu pai o havia criado, educado e treinado devido à prematura perda de sua mãe durante o parto. Quando seu pai faleceu, Maú já tinha sua própria família, sendo pai de três filhos e esposo de Rupunini. A morte de seu pai ocorreu de forma natural, uma vez que ele já tinha alcançado idade avançada e acumulado vasta experiência, o que proporcionou a Maú um rico acervo de

conhecimento e sabedoria. Seu pai jamais retornou à navegação após o naufrágio, pois, ao conhecer a mãe de Maú, não encontrou mais motivos para regressar à sua terra natal. Em Coro, dedicou-se ao trabalho no porto, auxiliando na manutenção de embarcações que chegavam com problemas. Seu nome era Ivan, mas já havia sido chamado de "O Comandante Ivan, o Vermelho", devido ao rubor que tingia seu rosto nos dias ensolarados.

Ivan desempenhara a função de comandante em um navio de carga, uma imponente embarcação capaz de transportar uma grande quantidade de caixas. Levava alimentos para sua terra, que sofria com a carência ocasionada pelo rigoroso inverno e o frio implacável. Peixes e mercadorias adquiridos em outras terras eram levados por seu navio, impulsionado pelas velas. Quando a brisa não soprava, remos eram utilizados. O navio possuía seis remos de cada lado e sua tripulação era composta por 15 homens. Quando o navio estava completamente carregado, ele operava com apenas 10 homens, o número necessário para navegar.

Antes de assumir o comando da embarcação, Ivan serviu durante muitos anos no exército do temido Rei

Haldor, onde aprendeu a lutar e a liderar homens. Em uma batalha, foi ferido na perna, o que lhe tirou a capacidade de correr e o fez andar com uma ligeira manqueira. Com os recursos acumulados ao longo de sua carreira militar, adquiriu um navio e formou uma tripulação. Comprava mercadorias de outros povos e as transportava para vender em sua terra natal.

Em sua derradeira jornada, uma terrível tempestade assolou o navio. Seus homens eram experientes e já haviam enfrentado tormentas anteriores, mas essa era avassaladora, destroçando o mastro central e todas as velas. Na luta contra os ventos, vários marinheiros foram lançados às águas. O navio parecia desafiar as nuvens e voar pelos céus. Quando a tempestade finalmente passou, apenas Ivan e outros dois sobreviveram. Um deles com a perna quebrada, com o osso exposto, enquanto os demais exibiam apenas arranhões, sem ferimentos graves. Os instrumentos que Ivan utilizava para se orientar foram perdidos, e o céu permanecia encoberto, como uma nuvem que os aprisionara. Os dias se passaram, e um nevoeiro continuava a envolver o navio, impedindo Ivan de

discernir a direção em que seguiam.

O homem com a perna quebrada sucumbiu à febre, e sua perna exalava um odor fétido. No terceiro dia após a tempestade, ele partiu, restando apenas Ivan e seu companheiro de tripulação. Envolto em tecido, o corpo foi lançado ao mar, atraindo a atenção de tubarões famintos, que prontamente o devoraram. O sol emergiu no horizonte, e o mar assumiu uma tonalidade mais resplandecente, distinta da escuridão à qual estavam acostumados a navegar. Terra não se avistava, e uma semana já se passara. Saciavam sua sede com a água da chuva e se alimentavam dos peixes que conseguiam pescar, mas disputavam cada captura com os tubarões que os acompanhavam incansavelmente, tanto de dia quanto de noite. Ivan desconhecia aquele céu, mas sabia que poderia retornar ao lar.

Na tentativa de encontrar uma solução para aquela situação, percebendo a aproximação de outra tempestade, Ivan empreendeu uma improvisação de remos. Contudo, outra tormenta, menos violenta que a anterior, porém capaz de causar mais estragos à embarcação, os atingiu. Após a passagem da tempestade, notaram que outro tripulante havia

se ferido na perna esquerda. A lesão parecia insignificante, mas em poucos dias ele ardia de febre, e, após cinco dias de agonia, não resistiu e pereceu. Ivan permaneceu solitário no navio durante dias, até que foi encontrado por pescadores que se depararam com a embarcação severamente danificada e o encontraram inconsciente, segurando firmemente sua espada, pois acreditava que sem ela não adentraria o paraíso. Incapazes de rebocá-lo até o porto, retiraram Ivan e o levaram até Coro, onde recebeu cuidados atenciosos e conheceu sua esposa, Mauale Kuchi. A espada foi o único vestígio que restou de seu passado.

Em Coro, Ivan pôde finalmente descansar e recuperar suas forças. A cidade acolheu-o como um náufrago que retorna à terra firme após enfrentar as fúrias do oceano. Seus olhos, outrora tão vivos e destemidos, guardavam agora as marcas de suas provações. Mauale Kuchi, uma mulher de beleza singular, cuidou dele com devoção e ternura, enfeitando o ambiente com suas cores e fragrâncias. A vida lhe sorriu de novo, e o coração de Ivan encontrou abrigo em seu amor.

Maú Kuchi e a Espada de Metal

Maú, um mestiço de sangue Karibs e navegante das terras geladas, encontrava-se sozinho em sua morada, enquanto Rupunini conduzia seus filhos para a celebração festiva. Solitário em sua varanda, ele contemplava a beleza do único legado deixado por seu pai. Seu progenitor o havia instruído nas artes da guerra, um tipo de conflito estranho àquela terra. Por essa razão, Maú não integrava a guarda da aldeia. Apesar de ser um guerreiro reverenciado, os líderes não viam a necessidade de formar batalhões ou exércitos com táticas de batalha semelhantes às suas. Ele era um batalhão de um só homem. Dessa forma, quando necessário, era convidado a se unir às forças de defesa, e, ao finalizar seus serviços, era dispensado.

Sua estatura era imponente, e seus olhos azuis destacavam-se na multidão, herança de seu pai. Maú possuía cabelos negros e brilhantes, assim como uma pele morena clara, semelhante à de sua mãe. Habilidade nas andanças pela floresta, ele aprendera com seus avós maternos a arte da caça e pesca. Sua destreza em rastrear

os caminhos trilhados pelos animais em busca de alimento e água facilitava suas incursões pela selva. Dominava o uso do arco e flecha, da lança e do machado de pedra, mas sua arma predileta era a espada, aquela que seu pai o ensinara.

Maú trajava vestes sombrias e exibia uma expressão de tristeza e abatimento. Em silêncio, sentava-se enquanto os outros membros da tribo se preparavam para a festividade da lua cheia, contemplando seu presente e admirando o gélido metal, repleto de intrincados detalhes em uma língua que lhe era incompreensível.

A Matadora de Deuses

A espada era muito antiga, seu pai havia herdado dela de seu avô e já estava em sua família há quatro gerações. Era uma arma icônica da cultura de seu pai, utilizada tanto para combate quanto para cerimônias. Feita de um metal prateado, forjado à mão por ferreiros da Terra do Gelo, terra natal de seu pai, possuía uma lâmina longa e reta, com uma borda e ponta afiadas. A guarda e o cabo eram decorados com designs de runas e desenhos geométricos. Com seus 90 cm de comprimento, era usada com uma mão. Seu pai considerava a espada uma arma de corte e perfuração, permitindo ao guerreiro realizar golpes precisos e potentes. A guarda, geralmente composta por duas peças de metal, protegia a mão do guerreiro do contato com a lâmina. O cabo, feito de madeira com revestimento de couro e adornado com incrustações de metal e uma pedra preciosa verde, oferecia segurança e conforto nas mãos, proporcionando um controle e manuseio superiores. Era uma espada rara e valiosa, não apenas pelo design, mas também pela história e tradição que carregava consigo.

Seu pai contou que a lâmina possuía um nome gravado, "MFXFMIRF FM DMNHTI", que remetia à sua história. A escritura significava "Matadora de Deuses" ou, como seu pai falava, "Gudernes Dræber", pois seu tataravô havia lutado contra uma criatura mística e a derrotado em combate.

Aquela criatura assolava a vila onde viviam, ceifando a vida dos moradores. Um animal poderoso e peludo, com rosto de lobo e pernas de bode. Ao recordar a história, Maú riu, lembrando a forma como seu pai a representava e descrevia, revivendo os momentos compartilhados ao seu lado.

Agora, Maú sentia-se responsável por proteger sua família, já que seu pai não estava mais presente. No entanto, uma profunda tristeza o acompanhava pela falta da orientação e conselhos paternos. Ele tentava concentrar-se nas tarefas diante de si, mas a dor da perda ainda ecoava em seu coração.

Enquanto isso, sua esposa Rupunini e seus filhos Taurepang, Arekuana e Kamarakoto desfrutavam da celebração da lua cheia, dançando e cantando ao redor da fogueira. Maú observava à distância, sentado em uma

cadeira de madeira, lembrando os momentos felizes que compartilhara com seu pai e expressando gratidão por ter sido criado por um guerreiro forte e amoroso.

O Ataque

Maú estava na varanda de sua casa, pronto para ir dormir, quando ouviu o som das flechas incendiárias cortando o ar e os gritos desesperados da população. Num átimo, ele se ergueu e agarrou sua espada. Consciente de que sua família precisava ser protegida, Maú saiu correndo em direção ao centro da aldeia.

Ao chegar lá, deparou-se com sua esposa, Rupunini, e seus três filhos: Taurepang, Arekuana e Kamarakoto, imersos no caos, buscando abrigo das flechas que ainda choviam sobre eles. Tentavam se encaminhar para casa, mas a situação de pânico era intensa, com muitos feridos e corpos caídos pelo chão. Os soldados inimigos ainda não haviam alcançado o epicentro da aldeia, porém o fogo já começava a engolir as moradias. Maú, ao se aproximar apressadamente, estendeu a mão para Rupunini.

Maú – Vocês estão bem? Todos balançaram a cabeça, indicando que não haviam sido feridos. Precisamos sair daqui o mais rápido possível! Se permanecermos, seremos capturados! Sigam-me!

Iniciaram uma corrida em direção à periferia da cidade.

Nesse instante, os soldados já estavam atacando o porto e avançavam em direção ao centro, enquanto a periferia também era alvo de seus ataques. Rupunini apontou para os soldados e indagou, com medo e confusão:

Rupunini – Quem são eles? O que desejam em nossa aldeia?

Maú – Não sei ao certo, nunca testemunhei uma força tão bem equipada. Precisamos abandonar a cidade o quanto antes! Rupunini, apreensiva em adentrar a floresta durante a noite, mencionou:

Rupunini – Não é seguro adentrar a floresta à noite, principalmente na lua cheia.

Maú – Eu sei disso, mas não temos escolha. Estão ceifando a vida de todos à sua frente.

Nesse exato momento, um soldado trancou a porta de uma casa e incendiou o telhado de palha. Uma família estava aprisionada ali dentro, e os gritos de angústia eram dilacerantes. Os três seguiram correndo, assombrados pela perversidade daquele homem.

Rupunini – Mas e as crianças, Maú? Elas não

conseguem correr tão rápido quanto nós. Maú pegou um dos filhos e o colocou em seu colo, enquanto o filho mais velho, Taurepang, corria à frente. Rupunini segurava o filho mais novo, Kamarakoto, em seus braços. Testemunharam soldados atacando pessoas nas ruas com suas lanças, mas conseguiram escapar dos golpes em meio ao caos.

A cidade estava repleta de visitantes, fazendo com que as ruas se tornassem um emaranhado de pessoas fugindo, enquanto os soldados selecionavam suas vítimas. Muitos tentavam se render, porém os soldados não tinham misericórdia.

Ao presenciar as atrocidades cometidas pelos soldados, Maú afirmou:

Maú – Temos que correr o máximo que eles aguentarem, não há outra opção. Precisamos levá-los conosco, não podemos deixá-los aqui sozinhos. Agora, vamos, precisamos correr!

Enquanto flechas ainda caíam sobre a cidade, um dos soldados tentou atacar a família de Maú, mas foi atingido por duas flechas e caiu ferido, deixando sua lança no chão. Maú apontou para a lança e olhou para

Rupunini.

Rupunini assentiu e pegou a lança que estava caída próxima a eles, desferindo um golpe contra o soldado caído, enquanto Maú já empunhava sua espada. Juntos, colocaram os filhos à frente e saíram correndo pelas ruas da aldeia, tentando passar despercebidos pelos soldados inimigos enquanto fugiam.

Utilizaram o conhecimento que tinham da cidade para escapar das vias principais, buscando refúgio nas ruas secundárias, onde havia menos pessoas tomadas pelo desespero.

Cidade em Chamas

O ataque à cidade de Coro foi dividido em três etapas, cuidadosamente planejadas pelo comandante Ayar e seus soldados. A primeira etapa consistiu em uma chuva de flechas incendiárias sobre as defesas da cidade, como gotas ardentes que caíam do céu. Esse ataque tinha o propósito de quebrar o moral dos defensores e semear o caos e a confusão pelas ruas estreitas.

Na segunda etapa, os soldados maias investiram diretamente contra as torres de vigia da cidade, empunhando suas espadas e lanças com determinação implacável. Era uma dança letal, uma coreografia sangrenta em que aço se chocava contra pedra. Enquanto isso, os arqueiros maias não cessavam de disparar flechas incendiárias, alimentando o inferno que se desenrolava diante deles, enfraquecendo os defensores com um banquete de chamas.

A terceira etapa marcou o ataque terrestre final, com os soldados maias invadindo as ruas da cidade como uma maré furiosa. Por onde passavam, deixavam um rastro de morte e desespero, como um vendaval destrutivo

que arranca tudo em seu caminho. Saqueavam as casas e estabelecimentos, ávidos por pilhar qualquer riqueza que pudessem carregar consigo. Os que sobreviviam a esse tormento eram arrancados de seu lar e destinados à escravidão ou aos rituais de sacrifício, entregues ao deus Kinich Ahau.

Enquanto a cidade de Coro era tragada pela fúria dos soldados maias, a população corria em desespero pelas ruas, buscando uma rota de fuga no labirinto de caos e violência. Alguns se escondiam em suas moradas ou em estabelecimentos comerciais, buscando abrigo frágil contra o vendaval de destruição. Outros, movidos pela esperança escassa, lançavam-se em direção à floresta, buscando a proteção incerta entre as árvores ancestrais.

No entanto, a fuga era uma miragem distante, pois os soldados maias estavam por toda parte, caçando implacavelmente qualquer ser que cruzasse seu caminho. Mulheres e crianças corriam, suas lágrimas se misturando aos gritos de terror, enquanto os homens lutavam uma batalha desigual, suas armas impotentes contra os guerreiros bem treinados e armados.

A cidade inteira ardia em chamas, um manto infernal que consumia casas e estabelecimentos, transformando-os em brasas crepitantes. O ar estava saturado de fumaça e o som dos gritos ecoava pelos becos estreitos, carregado de dor e desesperança. Era uma cena de terror, uma pintura destrutiva em que não parecia haver espaço para a esperança ou salvação para os habitantes encurralados de Coro.

Um Guerreiro Destemido

Ayar adentrou a cidade como um vendaval implacável. Sua espada reluzia com destreza, ceifando vidas dos defensores com a precisão de um dançarino mortal. O som da batalha reverberava pelas vielas estreitas, ecoando como uma sinfonia dissonante enquanto Ayar avançava, cortando todos que ousavam cruzar seu caminho. Não havia espaço para piedade em seu coração, pois sua determinação o impelia a cumprir sua missão e provar seu valor como comandante. Seu rosto estava coberto de uma mistura de suor e sangue, mas isso não abalava sua determinação. Ayar persistia, focado em sua tarefa, até que, enfim, alcançou o coração pulsante da cidade, onde o líder da aldeia o aguardava. Com um brado de guerra, Ayar investiu contra o líder, derrubando-o e proclamando sua vitória. Era um golpe destinado a dilacerar a moral dos defensores, a fazê-los se renderem. E foi exatamente o que aconteceu. Os soldados maias prontamente começaram a fazer prisioneiros, encarcerando aqueles que resistiram em seus grilhões.

A Morte de um Guerreiro

Maú e Rupunini corriam desesperadamente pela aldeia, buscando escapar do cerco implacável dos soldados maias. No entanto, o destino os levou a um encontro inesperado com Ayar e seus dois asseclas. O olhar feroz de Ayar denotava sua fúria, enquanto se posicionava obstinadamente para impedir sua fuga.

Ayar, com uma mescla perversa de desprezo e malícia, cercou a família com seus capangas.

Ayar: Hahaha! Vejo aqui uma família de presas tentando fugir.

Ayar: Eu sou o predador de vocês, sedento por sangue! Se querem escapar de minhas garras, terão que me matar para isso! Soldados, preparem-se!

Os soldados que acompanhavam Ayar assumiram prontamente suas posições de combate.

Ayar: Não permitirei que escapem. - Disse Ayar com uma expressão de determinação estampada no rosto.

Maú encarou Ayar com igual determinação, pronto para lutar.

Maú: Não permitirei que nos façam mal. - Proferiu,

empunhando sua espada com firmeza.

Maú – Estamos apenas protegendo nossa família e nossa aldeia.

Ayar olhou para Maú com um misto de raiva e desprezo.

Ayar – Oh, oh, oh... Parece que você possui uma espada magnífica! Eu a quero para mim! Esta noite, vocês morrerão. Vocês são meros inimigos fracos e desonrados, roubando as armas de meus guerreiros. Disse, com desdém.

Ayar – Acabarei com todos vocês e tomarei esta aldeia para o meu povo.

Maú sabia que estava em desvantagem numérica, porém sua vantagem residia no treinamento recebido de seu pai. Seu pai transmitira a Maú todos os conhecimentos sobre o combate com espadas e lanças, o que faria toda a diferença naquela batalha iminente.

Maú ergueu sua espada com agilidade, posicionando-se à frente de sua família, pronto para defendê-los. Rupunini empunhava a lança de um dos soldados tombados, firmando-se ao lado de Maú. Os dois soldados de Ayar se aproximaram, prontos para o ataque,

mas Maú e Rupunini estavam preparados. Com destreza, movimentaram-se, esquivando-se dos ataques dos soldados, ao mesmo tempo que protegiam as crianças resguardadas atrás deles. Nesse momento, os soldados recuaram, percebendo que não estavam diante de oponentes despreparados.

Os soldados tentaram atacar novamente, porém Maú e Rupunini demonstraram serem mais fortes e velozes, derrubando um soldado após o outro. Rupunini feriu gravemente um dos soldados com a lança, enquanto Maú, habilidosamente, abateu o outro com um golpe preciso de sua espada.

A batalha havia se iniciado há apenas alguns minutos, mas já era uma prova árdua e intensa. Maú e Rupunini lutavam lado a lado com determinação e bravura, enfrentando os soldados maias.

Embora tivessem conseguido abater alguns de seus inimigos, logo ouviram a voz de Ayar comandando a entrada de mais soldados na luta. Nesse instante, Ayar e Maú passaram a travar um confronto pessoal. A luta entre eles assemelhava-se a um duelo entre titãs, pois ambos eram guerreiros habilidosos e experientes nas

artes marciais.

Maú firmava sua espada com firmeza, pronto para proteger sua família a qualquer custo, enquanto Ayar brandia sua lança com determinação e fúria. Contudo, Maú logo percebeu uma brecha nas defesas de Ayar quando este atacava, aguardando pacientemente uma oportunidade de contra-ataque. Ayar investia com ataques cada vez mais ferozes, enquanto Maú se defendia e respondia aos golpes. Rupunini, empunhando sua lança, mantinha os filhos a salvo, impedindo que opressores se aproximassem.

Com um olhar de ira estampado no rosto, Maú não hesitou e identificou novamente a abertura deixada por Ayar em seu ataque. Com um golpe certeiro, desarmou Ayar de sua lança e cravou sua espada no peito do adversário, pelo lado esquerdo. Ayar tombou no chão, soltando um gemido de dor.

Outros soldados precipitaram-se para atacar o casal, porém a vantagem estava do lado de Maú e Rupunini, e logo os soldados restantes foram abatidos. Maú e Rupunini se entreolharam, ofegantes e cobertos de suor, mas com um brilho triunfante nos olhos.

Aproximaram-se de Ayar, que jazia gravemente ferido no chão, e Maú desferiu mais um golpe de espada no peito de seu caído oponente. Ayar encarou-os com olhos repletos de dor e fúria, mas não conseguiu proferir palavra alguma, sufocado pelo mar de sangue. Maú e Rupunini se entenderam em um olhar, cientes de que precisavam fugir antes que mais soldados surgissem. Agarraram as crianças e precipitaram-se rumo à selva, deixando Ayar e os soldados maias para trás.

Os soldados correram em auxílio de seu líder estendido ao solo, concedendo a Maú e sua família a oportunidade desesperada de escapar. Enquanto corriam, Maú e Rupunini trocavam olhares de admiração, conscientes de que nunca haviam lutado juntos com tamanha resolução e harmonia. Complementavam-se na batalha e emergiam como vencedores.

Uma Vitória com Gosto de Derrota

A floresta é banhada pelo brilho prateado da lua cheia, enquanto o comandante Quisquis observa o devastador ataque à cidade de Coro. Sob o manto sombrio da noite, um grupo de soldados, com semblantes abatidos e olhares pesados, chega à sua tenda, carregando consigo um corpo inerte.

Quisquis reconhece-o como sendo seu filho, Ayar. Ele, um líder de batalhão renomado por sua determinação e força de vontade, luta para dissimular a dor dilacerante ao vê-los depositarem o corpo do jovem guerreiro a seus pés, vitimado na cruenta batalha.

Yumil - Comandante, lamentamos profundamente. Fracassamos! Capturamos a cidade, ela é nossa, com toda a sua riqueza.

Yum - Contudo, o lamento nos consome. Apontando para o corpo, continua a falar. – Ele combateu como um bravo guerreiro, Ayar tombou no campo de batalha como o valente soldado que sempre fora! Diz um dos soldados, com olhar triste e cabeça baixa.

Quisquis engole em seco e fita o corpo inerte de seu filho, repousado no solo diante de seus pés. Por um momento, imóvel, ele luta contra as lágrimas que ameaçam escapar de seus olhos.

Quisquis - Quem foi? Indaga, com firmeza, a voz embargada.

Kinich - Ainda não sabemos, comandante, responde outro soldado. - Mas faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para descobrir e trazer justiça ao seu filho.

Quisquis volta seu rosto para o céu adornado pela lua, assente e enxuga os olhos com o dorso da mão.

Quisquis - Vingaremos sua morte, proclama ele, com uma determinação implacável. - Que todo o batalhão se prepare para o ataque. Ninguém escapará. O assassino será encontrado.

Os soldados assentem e se dispersam para cumprir as ordens do comandante.

Quisquis permanece solitário em sua tenda, contemplando a imensidão da floresta. Seus olhos retornam ao corpo de seu filho, travando uma batalha interna contra a dor avassaladora da perda. Ergue sua

armadura e empua suas armas, dirigindo-se em direção à cidade, com uma determinação inabalável. Ele está disposto a fazer justiça em nome de seu filho e de todo o batalhão.

O Caos

As ondas do mar exibiam um vermelho sinistro, tingidas pelo sangue que atraía os peixes para mais perto da costa, devorando os corpos que flutuavam na superfície. O cais, consumido pelas chamas, exibia barcos naufragados e mercadorias dispersas.

O mangue, nas proximidades da cidade, também se manchava de sangue, enquanto a lama da cidade fluía por valas até chegar ao manguezal. Naquela noite, uma quantidade abundante de sangue fora derramada.

A cidade de Coro encontrava-se em ruínas e em chamas, com suas defesas destroçadas, casas e estabelecimentos saqueados e destruídos. A população se encontrava como refém, tentando compreender o ataque e o cerco, impotentes para auxiliar os feridos.

Cadáveres jaziam espalhados pelas ruas, e a atmosfera estava impregnada de dor e desespero. As pessoas buscavam desesperadamente por parentes e amigos perdidos entre os prisioneiros, ansiando reunir-se com suas famílias. Todos estavam em estado de choque,

envoltos em uma sensação de perda e devastação.

Os sobreviventes capturados foram reunidos e conduzidos ao centro da cidade. Estavam destinados a testemunhar o julgamento e a execução dos líderes. As chamas consumiam as residências e estabelecimentos, e o ar era preenchido por fumaça e gritos de agonia e desespero.

Na praça central, o comandante Quisquis repousava em uma cadeira na tribuna de honra, normalmente reservada aos líderes da aldeia durante festividades. À sua frente, uma mesa repleta de comida e cadeiras desordenadas. Ele exibia desconforto e inquietude, apoiando-se em sua longa espada de madeira com obsidiana. Seu semblante sério denotava silêncio, enquanto escutava as sentenças proferidas por seus oficiais. Seu olhar gélido dirigido aos líderes rebeldes gelava o coração de qualquer um que o encarasse. Lutava para controlar a dor provocada pela perda de seu filho, Ayar.

O líder Waikanã da aldeia começou a gritar:

Waikanã - Por que mataram meu povo? O que fizemos para merecer isso? Nunca erguemos uma pedra

contra vocês! Eu os amaldiçoo para que não saiam dessa floresta. Que o deus Puma os persiga nesta noite e beba o sangue de seus homens...

Enquanto ele falava, Quisquis se ergueu e, com um único golpe, decepou a cabeça do líder. A aldeia inteira gritou em desespero e dor. O corpo decapitado permaneceu em pé, enquanto suas mãos se moviam apontando em direção a Quisquis. Este se aproximou do corpo inerte e o chutou, fazendo-o desabar da tribuna. Em seguida, caminhou até onde a cabeça se encontrava, pegou-a pelos cabelos e a exibiu aos reféns capturados, gritando.

Quisquis – Este é o destino daqueles que ousarem falar mais uma palavra!

Os reféns, ainda mergulhados em lágrimas, observavam-no retornar ao seu lugar e sentar-se. Ele chamou alguns de seus soldados e ordenou que continuassem com o julgamento.

Os sobreviventes encontravam-se em estado de choque, lutando para processar o que havia ocorrido e decidir qual rumo tomar. Muitos estavam feridos e necessitavam de auxílio, enquanto aqueles que não

havam sido capturados buscavam reunir seus pertences e fugir para a selva ou outras aldeias. O ataque à cidade de Coro havia sido devastador e a recuperação levaria anos.

Os soldados maias saqueavam casas e estabelecimentos, levando consigo tudo o que pudessem e muitos prisioneiros para serem vendidos como escravos ou utilizados como sacrifícios ao deus KINICH AHAU. As mulheres, crianças e homens eram tratados de forma distinta: enquanto as mulheres e crianças eram capturadas e levadas, os homens eram mortos ou gravemente feridos durante a batalha. Tudo o que não era levado era destruído e incendiado.

Os líderes rebeldes foram mortos e os reféns que estavam gravemente feridos ou que poderiam atrapalhar a jornada de retorno também foram executados, todos decapitados.

Determinado a descobrir o responsável pela morte de seu filho, Quisquis deu ordens para que os prisioneiros fossem interrogados, indagando quem havia enfrentado Ayar e onde poderiam encontrá-los agora.

No entanto, os prisioneiros mostravam-se pouco

cooperativos, muitos deles aterrorizados e desesperados para escapar das garras dos soldados maias. Quisquis sentia sua frustração crescer diante da escassez de respostas, mas seu desejo de encontrar o culpado pela morte de seu filho permanecia inabalável.

Insistiu nos interrogatórios, mas nenhum dado útil lhe foi fornecido. Sua exaustão se acentuava, com o coração tomado por um peso insuportável. Convencido de que o assassino de seu filho não estava entre os prisioneiros capturados, descobriu que um grupo de aldeões havia fugido em direção ao sul da floresta. Ordenou, então, que os prisioneiros fossem conduzidos de volta à sua cidade de origem e que o batalhão se preparasse para partir. Alguns homens permaneceriam com ele, decididos a rastrear o assassino de seu filho.



CAPÍTULO 5 — Perdidos em uma Noite de Luar.

Uma Floresta Misteriosa

Ao adentrarem a floresta, Maú e Rupunini, experientes caçadores, tinham plena consciência de que aquele ambiente selvagem deveria ser tratado com respeito, pois se mostrava como um lugar de iminente perigo. Sob a luz da lua cheia, ela revelava cenários de uma beleza sublime, envoltos em mistério.

A luminosidade lunar encontrava obstáculos ao penetrar na densidade das árvores, chegando apenas em parte da vegetação inferior. Contudo, quando conseguia, concedia um brilho prateado tanto às plantas quanto aos animais. Quanto mais intensa a luminosidade da lua, mais tudo se transformava em um esplendor prateado.

O vento, ao sussurrar entre as folhagens, conduzia uma dança misteriosa e arrepiante das plantas, enquanto insetos luminosos, como os vagalumes, adicionavam ainda mais beleza ao local.

As plantas, sob a influência da luz lunar, pareciam trocar de lugar, revelando novas formas iluminadas. Correr pela floresta constituía um desafio até mesmo para um adulto, imagine então para alguém que carregava

consigo crianças.

Uma das principais dificuldades de transitar pela floresta de Yukupa⁵ era a presença abundante de espinhos e insetos hematófagos. Diversas espécies de plantas ostentavam espinhos, sendo que cada um carregava seu próprio veneno, o que se tornava um obstáculo significativo ao adentrar regiões com mata virgem.

Apesar de todas as adversidades, a floresta de Yukupa era, sem dúvidas, um lugar repleto de vida e beleza. A diversidade de plantas e animais era impressionante, e cada recanto da floresta trazia consigo sua própria história e segredos guardados.

A noite se revelava verdadeiramente mágica, com a luz da lua projetando sua iluminação singular sobre tudo. Os animais, em sua dança ancestral, percorriam a floresta, alternando entre caça e serem caçados, movendo-se sob o brilho lunar.

O fogo crepitante na aldeia lançava seu fulgor, iluminando timidamente o caminho, porém ao mesmo tempo ocultava possíveis obstáculos, como buracos e

⁵ Yukupa – Floresta Amazônica Tropical;

troncos dissimulados na escuridão. O ar, quente e úmido, estava impregnado com o perfume das flores e plantas exóticas, entrelaçado com a fumaça emanada pelos lares da aldeia. O estalido da madeira queimando nas casas ecoava por toda a floresta, onde uma miríade de mosquitos e insetos preenchia o ambiente com seus ruídos peculiares. A fumaça, por sua vez, dissipava parte desses intrusos sedentos de sangue. O brilho lunar também se espelhava nas águas serenas de um pequeno regato, a fonte de vida líquida para a aldeia. Aquela água límpida e cristalina refletia a lua, contribuindo para criar uma atmosfera verdadeiramente mágica.

Os Grandes Caçadores

Não era possível ignorar a presença oculta dos animais na floresta, pois o som dos galhos sendo quebrados ecoava, revelando que feras selvagens estavam à caça. Os grunhidos eram abafados pelos gritos desesperados das famílias e dos demais moradores da aldeia, que se lançavam em desabalada corrida pela densidade da mata. A sinfonia natural da floresta, composta pelo canto dos grilos, o coaxar dos sapos, o zumbido dos insetos e o gorjeio dos pássaros noturnos, era sobrepujada pelos clamores de terror.

A paisagem ao redor, tão deslumbrante, exótica e perigosa, passava despercebida no ímpeto da fuga. À medida que avançavam pelos trilhos secretos da floresta, ela se revelava em toda a sua beleza e em seus perigos fatais.

A floresta é um ser vivo imponente, retribuindo àqueles que a desrespeitam. Suas árvores gigantes erguiam-se majestosas aos céus, adornadas por trepadeiras exóticas que cresciam e se entrelaçavam, alimentando-se umas das outras. Tratava-se de um vasto

organismo que se estendia em todas as direções, e os animais selvagens eram seus guardiões. Moviam-se com destreza e elegância entre o emaranhado de folhagens, sem emitir sequer um ruído.

Cada animal conhecido possuía representantes de tamanho superior aos dos próprios seres humanos. As serpentes d'água, com suas mandíbulas capazes de engolir um homem inteiro de uma só vez, eram predadoras vorazes. Alimentavam-se de outras criaturas de porte semelhante ou maior, como os jacarés, cuja envergadura se assemelhava à de troncos de árvores, capazes de conter o equivalente a cinco a dez homens alinhados. Toda a floresta conspirava contra o incauto que se aventurava em suas entranhas sem o devido respeito.

Rios, lagos e matas possuíam seus animais dominantes, cada qual com suas áreas de caça. Os indígenas Karibs haviam aprendido a respeitar esses territórios sagrados. Além disso, criaturas místicas e divinas habitavam essas terras, dotando rios, lagos, florestas e vales de um caráter sobrenatural.

A floresta de Yukupa revelava-se peculiar, uma vez

que abrigava uma miríade de biomas que se transformavam conforme a região. Era possível desbravar lagos ocultos em meio à exuberante vegetação, atravessar pântanos, escapar de areias movediças traiçoeiras, percorrer os sinuosos igarapés, desvendar os caudalosos rios, explorar grutas e cavernas, desbravar planaltos e mergulhar nos vales profundos. Essa variedade de habitats propiciava uma vida abundante para os mais diversos animais, fornecendo-lhes uma rica fonte de alimento. Ao mesmo tempo, ensinava ao homem a importância de conviver em harmonia e respeito com a floresta.

Os caçadores, como Maú e Rupunini, entendiam que a prudência e o respeito à floresta eram essenciais para coexistir em equilíbrio com ela. Sabiam onde encontrar suas presas e quais plantas eram seguras para se alimentar. Tinham conhecimento sobre como se proteger dos espinhos e dos insetos venenosos.

Contudo, eles eram caçadores diurnos, acostumados a buscar suas presas sob o sol. Durante o dia, adentravam a floresta, preparavam suas armadilhas para capturar animais que supririam as necessidades da

aldeia. Ao amanhecer do dia seguinte, retornavam para checar as armadilhas. Caçar à noite na floresta era uma prática perigosa, pois era quando os grandes predadores também estavam em busca de suas presas.

Entretanto, naquela noite, a situação era diferente. Maú e Rupunini viam-se obrigados a fugir do ataque que assolava sua aldeia, e, em meio à pressa da fuga, não haviam levado tochas, o que tornava a caminhada ainda mais perigosa. Era nesse período que os animais noturnos, tais como cobras venenosas, aranhas, jaguares, pumas e outros, emergiam de suas tocas, sentindo-se à vontade para caçar nas entranhas da floresta.

Não apenas a família de Maú, mas também outros moradores da aldeia buscaram refúgio na floresta. A aldeia já havia sido alvo de ataques por navegantes que aproveitavam a escuridão para pilharem seus bens. No entanto, aquele ataque era diferente, pois não se limitava ao saque de mercadorias; pessoas estavam sendo feitas reféns, intensificando o sentimento de desespero. Os soldados perceberam que alguns aldeões haviam se refugiado na mata e estavam em sua perseguição,

causando alvoroço e atraindo predadores de porte imponente que caçavam nas proximidades.

Maú e Rupunini conheciam bem os perigos da floresta, sabendo que muitos caçadores jamais retornavam de suas expedições. Eles nunca ultrapassavam os limites das áreas conhecidas e dos territórios comuns de caça, uma vez que havia criaturas do tamanho de dez homens que precisavam ser abatidas em grupo.

Aquele local era o lar de criaturas gigantescas, e eles já haviam testemunhado uma grande diversidade delas. Entre elas estavam os Sáurios-carcarás, predadores imponentes com garras afiadas, dentes pontiagudos, asas semelhantes às de morcegos e cabeças achatadas; os tatus gigantes com caudas espinhosas, animais semelhantes aos tatus, porém com cascos resistentes e corpos robustos; e os Ayhu, de aparência geralmente alongada e robusta, com patas providas de cascos que os protegiam dos ambientes hostis e dos predadores. Alguns deles tinham tamanho avantajado, pesando o equivalente a vários homens, enquanto outros eram de porte menor. Alimentavam-se de folhas, ervas,

galhos e talvez até frutas, utilizando dentes largos e trituradores para mastigar sua comida.

Além disso, existiam os Mapinguaris, criaturas que lembravam preguiças, porém se moviam sobre as patas traseiras, exibindo presas imensas e línguas semelhantes às de tamanduás. Dotados de mandíbulas e dentes largos, bem como garras imponentes, as fêmeas caçavam incessantemente, tanto durante o dia quanto à noite. Alimentavam-se de qualquer coisa e carregavam seus filhotes numa espécie de bolsa abdominal. Portanto, quando confrontado com uma fêmea de Mapinguari, a presa estaria lutando contra duas criaturas, sendo a menor do tamanho de um homem adulto, porém incrivelmente forte.

Por outro lado, os machos eram solitários, preferindo caçar e se deslocar durante a noite. Esses animais, erguidos em posição vertical, atingiam o tamanho de quatro ou cinco homens, enquanto as fêmeas eram geralmente menores. Os machos possuíam uma pelagem densa e exalavam um odor penetrante. Ambos possuíam garras que podiam chegar a um metro de comprimento. Enfrentar uma dessas criaturas seria uma

sentença de morte.

Em um dia comum, quando os caçadores percorriam a floresta sob a luz da lua cheia, podiam avistar essas magnânimas criaturas movendo-se entre as árvores, farejando o odor da carnificina e observando-as em sua caçada. Eles ouviam os grunhidos e rosnados dos animais enquanto se deslocavam através da selva, em busca de sua próxima refeição. A floresta pulsava de atividade animal, e os habitantes da aldeia sabiam que precisavam permanecer em estado de alerta para não se tornarem vítimas de um ataque.

Naquela situação, todos os sinais foram ignorados, pois estavam desesperados para escapar dos soldados maias. Foi então que Maú parou e começou a procurar um esconderijo adequado. Seguiram em direção conhecida, tomando cuidado para evitar se tornarem presas dessas ameaçadoras e gigantescas criaturas.

Enquanto corriam, ouviam os grunhidos e rosnados dos animais da floresta ao seu redor. Era uma noite de lua cheia, e os animais estavam mais ativos do que o normal. Escutavam o uivo dos lobos-guará e os gritos dos macacos-prego, mas o som mais aterrorizante

vinha das imensas formigas-cortadeiras, que rastejavam pelo chão. O som se assemelhava ao arrastar de uma serpente entre as folhas caídas. Esses insetos eram perigosos, pois poderiam cortar qualquer coisa que encontrassem pelo caminho, inclusive o corpo de um ser humano. Era um desafio evitar seus ataques.

Maú sente o odor e encontra vestígios de um animal de grande porte, incapaz de identificar exatamente qual, mas consciente de sua periculosidade e de sua provável companhia. Parou, olhou ao redor e fez um sinal para que todos se detivessem e se agachassem. Estavam amedrontados com a situação, o choro do bebê ecoando, cientes de que aquele animal poderia estar os observando. Precisavam sair dali e manter-se distantes do animal, protegendo sua família. No entanto, não sabiam como apagar suas pegadas, pois o odor de sua pele e seu suor poderiam atrair os animais até eles. Então, Maú para e chama a atenção de todos.

Maú: Silêncio... – Ele sussurra. – Há um animal grande aqui.

Rupunini também sentiu o cheiro da fera e apontou na direção de onde vinha. Ela indicou que

deveriam seguir para o outro lado.

Rupunini: Precisamos partir daqui. – Ela fala em voz baixa, apontando para o nariz. – Ele está caçando... – E aponta na direção que devem seguir.

Ela cobre a boca do bebê para evitar que chore e atraia os animais. Em seguida, seguem rumo oposto ao possível esconderijo do animal, mantendo-se afastados do vento para não espalhar seu cheiro. Maú sabe que não podem permanecer ali por muito tempo. Recorda-se de uma caverna oculta a uma distância considerável e apressa o passo, pois precisam alcançar aquele local o mais rápido possível e se abrigar até o amanhecer, quando poderão continuar sua fuga.

Ao lado de Maú está sua esposa, Rupunini, avançando pela selva, seguindo seus passos e protegendo seus filhos da melhor maneira possível. Nesse instante, voltam-se e avistam as tochas dos soldados perseguindo os moradores que buscaram refúgio na floresta. Alguns gritos ecoam de aldeões sendo capturados, porém é impossível discernir se foram mortos ou feitos reféns. Só lhes resta correr.

A Guerreira Rupunini

Rupunini era uma guerreira experiente e habilidosa, uma guardiã incansável pronta para enfrentar qualquer ameaça. Dotada de uma percepção aguçada, ela se mantinha sempre vigilante, pronta para reagir diante de qualquer perigo iminente. Além disso, possuía o dom da rastreabilidade, capaz de seguir os rastros deixados por animais e seres humanos. Sua destreza na arte da natação também era notável, atravessando rios e lagos com graciosidade. Além de todas essas habilidades, era uma exímia conhecedora das plantas medicinais, dominando a arte da cura ao utilizar as ervas da floresta para tratar feridas e doenças.

Determinada, Rupunini seguia os passos de Maú. Casaram-se ainda na juventude e, juntos, ergueram sua família, sempre lutando para protegê-la e ensinando seus filhos a viverem com segurança.

Ela era uma mulher esguia, de estatura elevada e portadora de uma forma atlética. Seus cabelos negros, cacheados, emolduravam seu rosto, enquanto seus olhos castanhos brilhavam com coragem e perspicácia. Vestia

uma túnica de couro vermelho, cuidadosamente amarrada ao redor das pernas e presa à cintura por uma fita de coca. Seus joelhos eram envolvidos por botas de couro marrom, firmes e resistentes. Uma bolsa de couro repousava em sua cintura, onde guardava suas armas e plantas medicinais. Em seu braço, um punhal de pedra encontrava-se firmemente amarrado, enquanto desenhos entalhados em quadrados adornavam seu braço esquerdo. Rupunini era uma guerreira experiente e destemida, sempre pronta para proteger sua família e defender-se.

Maú e Rupunini corriam há mais de uma hora através da floresta, buscando escapar dos soldados maias e evitando os perigos ocultos na selva. Haviam deixado para trás a cidade de Coro, arrasada pelos invasores maias, e agora lutavam pela sobrevivência de sua família entre as densas árvores. As crianças, exaustas e apavoradas, seguiam seus pais incansavelmente. Maú e Rupunini sabiam que os soldados maias estavam a pouca distância, em sua perseguição implacável. Não podiam permitir-se serem capturados.

Chegaram diante de uma caverna oculta,

camuflada no coração da floresta, junto a uma imponente elevação rochosa. Sua formação se deu pelo incessante fluxo da água, que ao longo do tempo desgastou a pedra, criando uma abertura peculiar. O local erguia-se majestosamente, e ao adentrá-lo, mergulhava-se em direção ao ventre da terra. Era um refúgio seguro, um abrigo protegido onde encontrariam alívio e a chance de descansar por um breve instante.

Conscientes dos perigos iminentes, Maú e Rupunini optaram por manter as crianças ocultas enquanto se preparavam para o iminente confronto. Agarraram firmemente suas armas: uma espada para Maú e Rupunini empunhava uma lança, além de possuir um arco com algumas flechas. Determinados, posicionaram-se na entrada da caverna, prontos para encarar a batalha iminente, determinados a lutar pelos seus filhos e pelo futuro que almejavam. A proximidade dos soldados maias não lhes causava temor algum.

Uma Caçada por Vingança

O comandante Quisquis encontrava-se imerso em seus planos, sentado na tenda enquanto seus olhos percorriam a noite da densa floresta. Em seu coração, ardia o desejo ardente de vingança pela perda de seu filho Ayar na sangrenta batalha contra os habitantes de Coro. O semblante sombrio de Quisquis revelava sua determinação implacável. Subitamente, as abas da tenda se abrem e um grupo de soldados maiias adentra, trazendo consigo uma notícia de extrema importância.

Yum - Comandante, nossos batedores acabaram de relatar que encontraram uma família em fuga pela floresta.

Kinich - Parecem ser os responsáveis pelo ataque e a morte de Ayar.

Um franzir de testa surge no rosto de Quisquis, cujos olhos parecem brilhar na penumbra do ambiente.

Quisquis - Onde estão eles? - questiona com a voz grave.

Yumil - Estão se escondendo em uma caverna, a aproximadamente uma hora daqui - responde

prontamente.

Kinich - Nossos batedores os estão observando à distância, mas aguardamos suas ordens para atacar.

Quisquis reflete por um momento, pesando suas opções. Ciente de que precisa agir rapidamente, enquanto os inimigos se distanciam a cada instante, ergue-se e fita o soldado, esboçando um sorriso de satisfação.

Quisquis - Eu o matarei, lenta e dolorosamente. Arrancarei sua pele enquanto ainda estiver vivo.

Quisquis – Sua esposa será dada aos homens, seus filhos serão escravos. Preparem-se, homens! Teremos uma caçada nesta noite. - Quero todos os soldados que ficaram, para entrar na floresta.

Quisquis - Eu mesmo liderarei o ataque. Nenhum deles escapará. Vingaremos a morte de Ayar e demonstraremos a todos que os Maias não são para serem subestimados!

Ele ergue a sua longa espada de obsidiana, reverenciando-a como uma extensão de sua alma, enquanto profere uma prece a Kinich Ahau, implorando por força e a morte de seus inimigos. Os soldados acenam em concordância e deixam a tenda para cumprir as

ordens do comandante.

Os soldados saem da tenda para se prepararem para a perseguição, enquanto Quisquis permanece solitário por um instante, fixando seu olhar no céu da densa floresta. Entre as sombras das árvores, ele contempla as estrelas cintilantes e observa as nuvens que deslizam graciosamente diante da lua, vislumbradas através de uma pequena abertura que permite a troca de ar na tenda. É nesse momento de introspecção que se prepara para o confronto derradeiro.

Compreende que não pode se permitir falhar, pois a honra de sua família e de seu povo está em jogo. Como um predador implacável, fará uso de todas as suas habilidades e estratégias para capturar os responsáveis pelo ataque brutal e pela morte de seu filho, Ayar. Seu coração arde de vingança, e seu espírito guerreiro está pronto para o embate que se aproxima.

Quisquis ergue sua espada obsidiana, sua companheira de batalhas, e sente seu peso familiar em suas mãos. Ela é uma extensão de sua determinação e coragem. Em seus olhos, brilha uma chama de determinação, capaz de incendiar qualquer obstáculo em

seu caminho. Ele está pronto para enfrentar o destino e reescrever a história com as próprias mãos.

O vento sussurra entre as árvores, como um sinal de apoio à sua causa. Quisquis inspira profundamente, enchendo seus pulmões com a energia vital da floresta. Cada fibra de seu ser está em sintonia com a natureza ao seu redor, como se ele e a selva fossem um só. É nesse momento que ele se torna parte do mundo, um guerreiro enraizado na terra, com o objetivo claro de restaurar as posições de forças de seu povo.

Na crença dos maias, Quisquis compreende que eles foram escolhidos pelo verdadeiro deus Kinich Ahau para levar a justiça aos povos. Eles se veem como superiores aos outros, unguídos com o poder divino. A luz de Kinich Ahau brilha sobre eles, conferindo-lhes um status inigualável. Os maias são seres temidos e respeitados, uma força imbatível que não conhece limites.

A morte de Ayar abala essa crença, pois representa uma quebra na harmonia e superioridade dos maias. Quisquis sente o peso dessa perda, que mancha a reputação de seu povo. Agora, mais do que nunca, é necessário restaurar a confiança e a posição de força que

os maias sempre ocuparam. Quisquis carrega o fardo dessa responsabilidade em seus ombros, como um verdadeiro guardião da identidade maia.

Ele ergue a cabeça com determinação, seus olhos brilham com uma chama intensa. É chegada a hora de reafirmar a supremacia maia, de reestabelecer o medo e a reverência que inspiram nos corações de todos. Quisquis é a personificação desse poder, um líder destemido e incansável, disposto a enfrentar qualquer obstáculo em seu caminho.

E assim, em meio às sombras da selva, Quisquis se torna a personificação do poder maia. Sua jornada é mais do que uma busca por justiça; é uma luta para reafirmar a identidade e a força de seu povo. E, à medida que ele avança, cada passo é um eco dos antigos sussurros dos deuses maias, ecoando a promessa de um retorno triunfante e a restauração do seu lugar de direito no mundo.

Com determinação inabalável, Quisquis com seus homens avançam em direção ao desconhecido. Nenhum obstáculo será grande o suficiente para detê-lo, pois ele é um comandante destemido e implacável, uma força da

natureza que não conhece limites.

E assim, sob o brilho das estrelas e a sombra das árvores ancestrais, Quisquis se lança em busca de justiça, deixando para trás o rastro de sua determinação. Seus passos ressoam no solo, ecoando sua coragem e a promessa de que nenhum inimigo ficará impune. A história está prestes a ser escrita com sangue e suor, e Quisquis será o protagonista dessa saga de coragem e redenção.

Esperando a Paz

O local onde a caverna se encontra está distante da aldeia, exigindo quase uma hora de caminhada através da selva. Portanto, os clarões das chamas devorando as casas e os clamores de dor da população não podem ser avistados nem ouvidos dali.

A noite se apresentava escura e silenciosa, com a única luminosidade provinda da lua cheia, resplandecendo sobre as copas das árvores. A floresta tropical fervilhava com a vida noturna, gigantescas criaturas se movendo nas sombras. O ar úmido e abafado envolvia tudo, enquanto os sons dos insetos e dos pássaros ecoavam pelo ar.

Maú procurava ocultar seu medo enquanto aguardava, fixando seu olhar na espada e à frente. Tentava adivinhar a origem de um possível ataque ou se o inimigo já havia se retirado. Em sua mente, repassava os movimentos e treinamentos transmitidos por seu pai. Jamais poderia imaginar que enfrentaria um inimigo tão numeroso. Já havia confrontado ladrões que assaltavam a aldeia em busca de comida, mas jamais testemunhara

uma investida tão devastadora e implacável.

Ciente da necessidade de recordar tudo o que lhe foi ensinado por seu pai, ele reconstituía mentalmente cada movimento e se concentrava em sua família. Observava a entrada da caverna, sem avistar Rupunini, imaginando-a com seus filhos resguardados no interior, esperando pelo desfecho do ataque para poderem retornar em segurança ao lar.

Questionava-se sobre a situação da cidade. Quais amigos teria perdido durante a invasão? Como estaria sua casa? E seus parentes? Reconduzia seus pensamentos à família, recordando-se dos perigos da floresta. Acaso a caverna abrigaria alguma fera?

Ideias sombrias se infiltravam em sua mente. O temor de falhar invadia seus pensamentos, apesar de todos os anos de preparação e treinamento. O receio de não estar à altura da tarefa assombrava-o. Um turbilhão de pensamentos tumultuava sua concentração. Sua maior apreensão residia em deixar seus filhos desamparados e sua família encurralada naquele local perigoso, onde a selva reinava soberana.

O Sem Deus

Maú não tinha devoção por nenhuma entidade. Seu pai havia lhe contado sobre os deuses de sua terra natal e como eles frequentemente entravam em conflito. Já seus avós maternos haviam ensinado a ele as tradições de sua tribo, onde apenas os Karibs acreditavam em um mundo espiritual que permeava tudo. Essa colisão cultural o fez questionar a existência divina ou sentir que as divindades não se importavam com sua existência.

Um acidente marcou ainda mais a vida de Maú na adolescência. Enquanto brincava com seu primo, que era como um irmão para ele, juntamente com outras crianças na praia, um tubarão atacou seu amigo na área rasa e infligiu uma mordida profunda em sua coxa direita. Sua tia e mãe de seu primo era profundamente religiosa e prestava culto à "Mãe D'água". A comunidade se comoveu com a situação e todos fizeram preces aos deuses de sua cultura, buscando um milagre, mas infelizmente seu amigo não resistiu e faleceu.

Essa perda fez com que Maú se afastasse de religiões e crenças. Embora ele participasse das

cerimônias, não adorava nenhum deus, pois tinha aprendido que a vida é perigosa e exigia constante vigilância, sem baixar a guarda.

Naquela noite, diante daquela situação, ele contempla a Lua e admira toda a sua beleza, uma entidade completamente indiferente às crueldades que haviam ocorrido em sua aldeia momentos antes. Ele diz:

Maú - Se há um deus que criou a Lua, você deve ser mais poderoso que ela e o Sol. E, por dedicar-se a criar algo tão belo, você é extremamente minucioso. Falam de um deus esquecido por muitos, aquele que criou tudo, mas eu não sei se é você. Ó, Deus desconhecido, ajude-me! Eu não sei quem você é, mas por favor, não permita que minha família pereça esta noite.

Ele volta seu olhar para a floresta, buscando saber se o inimigo se aproximava. Retorna à entrada da caverna e se assenta sobre uma pedra. Estava exausto e sabia que o ataque seria letal. Quando as tochas começam a iluminar o caminho, ele observa atentamente os soldados maias aproximando-se.

Ele tinha plena consciência de que precisava agir rapidamente para proteger sua família. Lá dentro,

Rupunini sentia uma inquietação profunda em relação ao seu marido e escondeu os curumins numa parte sombria da caverna antes de voltar para encontrar Maú.

Ela se aproximou cautelosamente e Maú perguntou:

Maú – E as crianças?

Rupunini – Eu as deixei lá embaixo. Ela permanecia ao lado dele, pronta para auxiliá-lo a qualquer momento. Ambos estavam exaustos e suados, mas determinados a vencer os soldados que os perseguiram.

Maú se levantou, empunhando sua espada, preparado para enfrentar os guerreiros maias. Rupunini pegou seu arco e flechas, pronta para a batalha.

Subitamente, Maú virou-se para Rupunini e sussurrou:

Maú - Vou distrair os guerreiros enquanto você leva as crianças para a caverna. Lá estarão seguros. Rupunini fitou Maú com preocupação estampada em seus olhos.

Rupunini - Mas e você? - perguntou ela, preocupada.

Rupunini - Como conseguirá se defender sozinho contra tantos adversários?

Maú sorriu, dando uma palmadinha no ombro de Rupunini.

Maú - Eu sei me cuidar - respondeu, confiante.

Maú - Apenas preocupe-se com a segurança das crianças. Eu juro que me reunirei a vocês assim que puder.

Rupunini concordou, consciente de que não poderia mudar a decisão de Maú. Ela retornou ao local onde as crianças estavam e, de mãos dadas, tateando no escuro, guiou-as para o fundo da caverna, seguindo as instruções de Maú.

Enquanto isso, Maú se voltou para enfrentar os soldados maias, que se aproximavam velozmente.

Ele ergueu a espada e se preparou para o combate, ciente de que sua habilidade e determinação seriam fundamentais para sobreviver àquele embate desafiador.



CAPÍTULO 6 — A Caverna Misteriosa

A Caverna

Maú desiste de distrair os soldados e volta para a caverna em busca de sua família. Com o coração acelerado, ele acende uma tocha e corre em direção ao abrigo. Sabe que precisa proteger os seus e tomar uma atitude. Ele assovia, imitando o canto de um pássaro, um sinal conhecido por Rupunini nas horas de caçada. Rupunini responde e os dois se encontram, com os curumins escondidos atrás de uma pedra.

Determinado, Maú lidera o caminho, buscando a melhor rota, enquanto Rupunini acende sua tocha para iluminar o trajeto. Juntos, adentram as profundezas da caverna, explorando cada vez mais fundo.

Em um momento de pausa, Rupunini indaga:

Rupunini – O que aconteceu?

Maú responde, com olhar atento ao caminho:

Maú – Os soldados não caíram nas armadilhas nem nos sons, estão se aproximando.

Apontando para o interior da caverna, Maú declara:

Maú – Por aqui. Precisamos nos esconder ainda

mais, eles estão chegando perto demais."

Preocupado com a quantidade de homens, Rupunini mantém a serenidade para não alarmar as crianças.

O caminho à frente é perigoso, repleto de pedras e buracos no chão. Há trechos amplos, mas também passagens estreitas, onde precisam se espremer entre as rochas.

Avançam pelo túnel escuro, tentando evitar ruídos e qualquer sinal que possa atrair atenção indesejada. Maú olha para trás, buscando qualquer indício dos soldados inimigos. Sabe que não podem permanecer ali por muito tempo, pois a ameaça está cada vez mais próxima. Pássaros e morcegos voam rasantes sobre eles, intensificando o medo a cada passo dado rumo ao desconhecido.

Precisam encontrar um lugar seguro para se esconder e esperar até que o perigo passe. Após alguns minutos de caminhada, alcançam uma caverna mais ampla, onde poderão se abrigar com segurança.

Maú suspirou aliviado e dirigiu um olhar para Rupunini e as crianças, cientes de que haviam escapado

por pouco. Sabiam que precisavam se manter alertas e preparados para qualquer eventualidade, pois ainda não estavam verdadeiramente seguros. No entanto, pelo menos por enquanto, estavam a salvo da implacável perseguição dos soldados maias.

A caverna se apresentava ampla e envolta em escuridão, com o ar frio e úmido envolvendo-os. Maú percebia o som suave da água escorrendo pelas paredes, assim como o eco dos seus passos reverberando na rocha. Questionava-se sobre o que encontrariam naquela escuridão, mas não tinha tempo para divagações. Sua concentração estava voltada para a proteção de sua família e a busca pela fuga.

Avançavam pelo interior da câmara, buscando uma possível rota de fuga caso os soldados os encontrassem ali. Era essencial ter uma alternativa para sair sem serem detectados. À medida que se adentravam nas profundezas da caverna, procuravam por um local seguro onde pudessem se esconder e descansar. De repente, Rupunini parou e lançou um olhar preocupado a Maú.

Rupunini - A tocha está se apagando - disse ela.

Rupunini - Precisamos de mais luz.

Maú fitou sua tocha e constatou que também estava próxima do fim. Sabia que não poderiam prosseguir na escuridão, pois desconheciam os perigos que os cercavam. Observou ao redor, em busca de uma solução, e avistou um monte de gravetos e galhos espalhados pelo chão.

Maú - Aqui! - exclamou, apontando para os gravetos.

Maú - Podemos usá-los para acender outra tocha.

Rupunini assentiu e prontamente começou a reunir os gravetos e galhos, enquanto Maú pegava uma pedra e uma corda que trouxera consigo. Trabalharam rapidamente, empenhados em criar uma nova tocha antes que as demais se extinguissem por completo.

Eles conseguiram acender uma nova tocha, o que trouxe um alívio a Maú. Agora poderiam prosseguir com a fuga. Trocaram um olhar determinado, preparados para continuar a caminhada, quando ouviram um som se aproximando, semelhante a passos.

Maú - Eles estão se aproximando - sussurrou Maú.

Maú - Precisamos encontrar um esconderijo. Eles se apressaram em direção à parte mais profunda da caverna, buscando abrigo atrás de uma imponente rocha. Maú lançou um olhar determinado a Rupunini e seus filhos, ciente de que precisavam permanecer unidos e lutar em conjunto para sobreviver. Os sons naquele ambiente desconhecido eram estranhos, e o medo provocava uma sinfonia de ilusões em seus sentidos.

A Luz na Escuridão

A nova tocha não possuía material suficiente para se manter acesa, e a brasa queimando na madeira proporcionava uma frágil iluminação em sua jornada pela caverna.

Na obscuridade envolvente, Maú e Rupunini avançavam cautelosamente, confiando no tato e nos sussurros de suas próprias respirações para se orientarem. Nada além do negro absoluto preenchia seu campo de visão, mas eles sabiam que precisavam prosseguir, buscando abrigo contra os soldados maias que os perseguiam implacavelmente.

Subitamente, Maú se imobilizou, agachando-se, ao perceber um ruído estranho que rompia o silêncio sepulcral. Ele puxou Rupunini para junto de si, sussurrando:

Maú - Ouvi algo adiante. Talvez seja uma fera.

Rupunini ergueu seu arco e flecha, Taurepang empunhou a lança, preparando-se para o combate. Maú desembainhou a espada e avançou com cautela, determinado a descobrir a origem do ruído. Seguiram pelo

túnel lentamente, guiando-se pelo som até chegarem a uma abertura que os conduzia a uma câmara ainda mais ampla.

Os gravetos remanescentes extinguíram-se, e eles se encontraram em completa escuridão. Contudo, algo atraiu a atenção de Maú. Tropelando na escuridão, ele esbarrou em algo parecido com um baú. Enquanto tentava reacender a tocha improvisada, seus olhos se arregalaram em espanto.

Maú - Rupunini, venha ver isso! - sussurrou Maú, chamando a atenção da mulher. Rupunini se aproximou e, ao vislumbrar o achado, ficou tão maravilhada quanto ele. Era um tesouro antigo, com joias e objetos de ouro cintilando na escuridão. Maú e Rupunini ficaram boquiabertos diante da riqueza que se desvelava, mas logo se recordaram do perigo iminente e afastaram-se do tesouro, decididos a prosseguir em busca de um refúgio seguro para se ocultarem.

Com a diminuição do fulgor da tocha, uma luz distinta envolveu o local. A caverna estava impregnada de fungos bioiluminosos, que emitiam um brilho intenso na escuridão, conferindo ao ambiente uma aura mágica.

Maú e Rupunini se entreolharam, atônitos com tal descoberta. Nunca haviam presenciado algo semelhante, e para eles, tudo aquilo parecia feitiçaria. Era como se a própria caverna estivesse viva, pulsando com luz e energia.

Com passos cautelosos, adentraram o labirinto cavernoso, guiando-se pelo resplendor dos fungos. A umidade no ar era quase sufocante, mas recuar não era uma opção. Tinham consciência de que precisavam avançar, encontrar um esconderijo seguro e planejar o próximo movimento.

Enquanto prosseguiam, Maú notou que o som dos soldados havia se atenuado. Indagou-se se haviam perdido o rastro ou se desistido da busca. De qualquer forma, sabia que era imperativo continuar avançando, resguardando sua família e buscando uma saída do intrincado labirinto subterrâneo.

Após um tempo de caminhada, alcançaram uma nova câmara, inundada pela luminosidade dos fungos reluzentes. Observaram o entorno, surpreendidos com a vastidão da caverna e o número exorbitante de cogumelos que vicejavam ali. Era um refúgio aparentemente seguro,

onde poderiam se ocultar e se proteger dos inimigos. Deitaram-se no chão exaustos, porém agradecidos por estarem a salvo, ao menos por ora.

Maú e Rupunini contemplavam estupefatos a visão que se desdobrava diante deles. A caverna revelava-se como uma verdadeira maravilha da natureza, repleta de fungos que irradiavam uma luz azul-esverdeada. As paredes ostentavam um musgo luminescente, conferindo ao cenário uma atmosfera verdadeiramente mágica.

Os dois se aproximaram da parede, fascinados pelos fungos. Maú tocou um deles, que cintilou como um farol intermitente. Rupunini soltou um riso tímido, completamente encantada.

Rupunini – Nunca vi nada igual, comentou, com o olhar vagando pelo entorno.

Rupunini – Parece que encontramos um refúgio seguro para passarmos a noite.

As crianças também se maravilharam com a visão da caverna, onde a iluminação era tão perfeita que permitia uma visão panorâmica do ambiente. Corriam de um lado para o outro, perseguindo insetos que reluziam na escuridão e brincando com os cogumelos e outros

objetos cobertos pelos fungos brilhantes.

Rupunini – Temos comida e água, e podemos nos ocultar dos soldados aqui. Ela segurou as mãos das crianças.

Rupunini – Vamos explorar um pouco mais, sugeriu, lançando um sorriso para Maú.

Rupunini – Quem sabe não encontramos algo ainda mais intrigante por aqui.

Sentiam-se seguros e protegidos naquele lugar, e Rupunini expressou sua gratidão ao destino por terem encontrado um abrigo seguro.

Maú – Acredito que podemos permanecer aqui pelo tempo que for necessário, afirmou, fitando Rupunini.

A Caminho da Caverna

Os soldados maias avançavam pela floresta, seguindo o rastro que haviam descoberto. Eles eram experientes e sabiam que estavam se aproximando da caverna, onde acreditavam que a família responsável pela morte de seu líder, Ayar, estava escondida. O comandante Quisquis liderava o grupo, determinado a vingar seu filho e trazer justiça para seu povo.

No entanto, de repente, um estranho ruído ecoou pelo ar.

Grrrr!!!

Era um grunhido gutural, que parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo. Os soldados ficaram tensos, observando cautelosamente ao seu redor. E então, um imponente jaguar surgiu na clareira, saltando de trás de uma árvore. Com sua pelagem marrom-escura e olhos brilhantes, ele encarava os soldados com uma expressão desafiadora, rosnando ferozmente.

Os soldados se prepararam para atacar, mas o comandante Quisquis ergueu a mão para detê-los. Ele sabia que os jaguares eram animais temidos e perigosos,

e não queria arriscar a vida de seus homens. Recuaram alguns passos e observaram o animal com cautela. No entanto, o jaguar parecia não ter intenção de recuar e avançou em direção aos soldados, rosnando cada vez mais alto.

Subitamente, outro estrondo ecoou:

Kree-Kree!!!

Com o som, o jaguar voltou para a mata.

Os soldados se voltaram, surpresos. Quisquis olhou para cima das árvores, preocupado, e avistou uma criatura semelhante a um morcego, com asas membranosas e uma cabeça alongada adornada com uma crista. Era um Sáurios-carcarás, um réptil voador que habitava a floresta e caçava na região.

A criatura soltou um grito agudo e atacou os soldados maias, ferindo alguns deles. Voava em mergulhos rasantes, dificultando a defesa dos soldados na penumbra da mata. Embora eles retaliassem com flechas e lanças, seus esforços eram em vão. A criatura derrubava os soldados no chão.

Quisquis e os soldados não compreendiam os dois ataques consecutivos. Um som grave começou a emergir,

enquanto o chão tremia e o ruído de folhas e galhos quebrando se aproximava dos soldados, crescendo como uma avalanche de pedras descendo de uma montanha em direção ao grupo.

Grooonn!!! Ruuunn!!! O som aumentava à medida que se aproximava do grupo de homens.

Não houve tempo para pensar, pois, de repente, saltou do meio da vegetação como um raio um animal enorme e feroz. Logo em seguida, um numeroso grupo de Peccary-Kajá⁶ que os nativos chamam de queixada, uma espécie de javali, surgiu emitindo um barulho alto e agudo. O líder do bando atacava todos à sua frente.

Iiihh!!!

Todos testemunharam um animal gigantesco, com pelagem escura e olhos vermelhos como brasas, chifres retorcidos e presas enormes salientes da boca, correndo em direção aos soldados com uma fúria indomável. Ele era seguido por uma manada imensa. O líder do bando deveria pesar cerca de 150 quilos.

Os soldados buscaram refúgio nas árvores, pois

⁶ Peccary-Kajá – Porco do Mato ou javali sul-americano;

um animal em grupo representa um perigo iminente. Alguns soldados foram pegos de surpresa pela debandada, sendo atacados e dilacerados, desaparecendo entre a massa de animais negros e enfurecidos.

Os gritos do soldado abatido abalaram a moral dos demais homens, que não compreendiam a sequência dos três ataques.

A manada de Peccary-Kajá estava sendo caçada pelos jaguares e Sáurios-carcarás, que buscavam presas fáceis naquela noite devido ao grande número de indivíduos na manada.

Os Peccary-Kajás, andarilhos da floresta, formam grupos familiares em que suas manadas podem abrigar mais de 200 indivíduos, liderados por um macho adulto. Ter um encontro com essas criaturas na selva é uma empreitada perigosa. Seu instinto de sobrevivência é implacável e não hesitam em atacar qualquer ameaça ao seu grupo. Guiados pelo líder macho, migram em busca de sustento. Ao se sentirem ameaçados, fogem, mas jamais titubeiam em retaliar. Quando o líder parte para o ataque, todos os outros membros da família seguem seu exemplo. Mesmo se o líder for abatido, o combate persiste,

apenas cessando quando o último membro do bando é exterminado.

Os soldados lutavam para se defender, porém, os animais eram velozes e fortes demais, escapando das flechas e dardos lançados pelos guerreiros. As lanças pareciam impotentes contra a resistência dos corpos animais. Acompanhando o comandante Quisquis, tentavam escapar do cerco, contudo, as criaturas pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Buscavam refúgio atrás das árvores, mas os animais pareciam conhecer seus esconderijos com precisão milimétrica.

Eles corriam incansavelmente, tentando afastar-se das feras, que não mostravam sinais de cansaço. A floresta parecia estender-se infinitamente, e os soldados encontravam-se exaustos, porém, não podiam permitir-se parar. Sabiam que, se fossem alcançados pelos animais, a morte seria iminente.

Sem descanso, corriam sem trégua até finalmente chegarem a uma clareira. Quisquis ordenou que os soldados interrompessem ali, enquanto buscavam um

refúgio seguro para montar sua defesa. Agacharam-se atrás de uma árvore, arquejantes, buscando recuperar o fôlego e elaborar um plano. Entretanto, os animais continuavam a se aproximar, rosnando e grunhindo em alto volume.

Após os soldados se retirarem, os Peccary-Kajá irromperam como uma avalanche, seguidos pelo jaguar e pelo Sáurios-carcarás. Os soldados, temerosos e maravilhados, observaram impotentes, conscientes de que nada poderiam fazer para detê-los. Com olhares fixos, viram os animais desaparecerem na escuridão da floresta, enquanto Quisquis ordenava que se reagrupassem.

Os soldados haviam buscado refúgio em locais seguros, como árvores e rochas, dispersando-se pela mata para se afastarem da manada e da caverna. Após algum tempo, Quisquis deu um sinal e os soldados se reorganizaram. Seguiram o comandante, que os conduziu para longe da área, em busca de um local seguro para reagrupar e prosseguir na busca pela família.

Eles observavam, com olhos atentos, o jaguar e o Sáurios-carcarás banquetear-se com suas presas. O Sáurios-carcarás demonstrava certa falta de jeito ao se

alimentar, tendo capturado um filhote de Peccary-Kajá. Outros predadores juntaram-se ao festim: lobos e onças surgiram para atacar a manada, enquanto aves noturnas pairavam sobre o cenário, a manada continuava a se distanciar do local do encontro com os soldados.

O jaguar, saciado, avançava sorrateiramente, saltando de galho em galho, perseguindo o rastro dos porcos. Outros Sáurios-carcarás surgiram, voando acima deles, soltando gritos estridentes e atacando os Peccary-Kajá, que, selvagens, lutavam bravamente para se defender.



CAPITULO 7 – Um Lugar Perigoso

O Puma Brilhante

A calma e as luzes do local onde a família se encontrava fizeram com que eles temporariamente esquecessem do perigo iminente. Enquanto as crianças dormiam, Maú e sua esposa permaneceram em vigília, até que um barulho alto e assustador ecoou pela caverna.

Grrrr!

Eles se levantaram lentamente, procurando a fonte do som, e avistaram um puma brilhante avançando em sua direção. Era uma cena deslumbrante: o animal estava coberto por cores que variavam do azul, verde, vermelho, amarelo e outras tonalidades.

Embora Maú estivesse um pouco sonolento e distante, admirou sua beleza do puma antes de perceber o perigo iminente. Rapidamente, ele gritou enquanto puxava sua esposa para mais perto e sacudia seus filhos.

Maú – Acorde, todos!

Rupunini, assustada, perguntou o que estava acontecendo. Maú respondeu com determinação, empunhando sua espada e segurando pedras na outra mão.

Maú – Parece ser um puma brilhante! E ele está vindo para nos atacar!

Maú tentou espantar o animal, gritando e se posicionando para proteger sua família. Ele alertou a todos sobre a presença ameaçadora do puma.

Maú – Ele deve ter nos seguido até aqui!

Rupunini, com o rosto marcado pelo medo, questionou por que o puma estava brilhando.

Maú – Acredito que ele habite esta parte da caverna.

O puma brilhante avançou em direção a eles, rosnando e exibindo suas afiadas presas. Sua pelagem escura e densa parecia estar envolta por uma camada de luz. Seus olhos brilhavam como estrelas, enquanto seu corpo se movia com agilidade e graciosidade, como se estivesse dançando sob o brilho da caverna.

Maú – Ele é a mais perigosa das feras da floresta, e agora está nos perseguindo!

Os olhos do puma brilhavam intensamente à luz da caverna, enquanto ele desviava habilmente das pedras atiradas pela família. Seu rosnado ecoava pelo ambiente, revelando sua ferocidade. Com presas à mostra, ele se

defendia das investidas, avançando em direção a eles.

Maú não queria atacar o animal, consciente da reverência que seu povo tinha por essa espécie. No entanto, ele não tinha escolha. Empunhando sua espada, ele se colocou à frente de Rupunini e seus filhos, pronto para lutar.

Sabendo que não poderia enfrentar o puma sozinho, Maú tentava criar uma saída proteger sua família. Seus olhos buscaram desesperadamente uma saída, até que avistou uma árvore próxima com uma densa ramagem.

Maú – Subam na árvore! - Gritou para Rupunini e os filhos, apontando para o local.

Apesar da hesitação, Maú empurrou Rupunini em direção à árvore.

Maú - Vão! Exclamou. Eu ficarei bem!

Rupunini segurou firmemente as mãos dos filhos e os ajudou a subir na árvore, enquanto Maú permanecia na frente dela, empunhando sua espada. O puma avançou lentamente, emitindo rosnados ferozes e adotando uma postura de ataque. Com movimentos rápidos, ele atacava com as patas dianteiras, balançando

o rabo de forma sinuosa. Parecia tentar atrair Maú para sua área de ataque. Enquanto o animal desferia socos no ar, Maú lançava pedras com uma mão e apontava a espada com a outra.

Maú se preparou para a luta. Ele sabia que suas chances eram mínimas contra o poderoso animal, mas estava determinado a proteger sua família a qualquer custo.

O puma se mantinha em posição de ataque, seu corpo tenso, com o rabo erguido para equilíbrio. Sua musculatura era imponente, especialmente nas pernas e nas costas, proporcionando-lhe velocidade e saltos precisos. Seus olhos brilhantes e aguçados estavam fixos em Maú, buscando qualquer movimento que indicasse uma oportunidade.

Maú acreditava que, se avançasse e conseguisse um golpe certo no peito do animal, poderia até sair ferido, mas o puma estaria derrotado. Ele estava disposto a arriscar tudo por sua família e enfrentar essa perigosa batalha.

Suas presas afiadas e brilhantes reluziam ao atacar, causando um medo profundo em quem o

enfrentava. No entanto, mesmo com toda sua beleza e poder, o puma não poderia competir com a força e determinação de Maú em defender sua família.

Maú e o puma entraram em uma luta brutal pela sobrevivência, cada um defendendo-se e atacando para proteger suas vidas. A tensão era palpável no ar durante o embate entre Maú e o puma brilhante. O felino rosnava ferozmente enquanto se aproximava lentamente de Maú, que mantinha a espada firme em sua mão.

O puma atacou com agilidade, saltando em direção a Maú com suas garras afiadas estendidas. Maú habilmente desviou-se do ataque, aproveitando a oportunidade para retaliar com um golpe certo da espada.

O puma grunhiu de dor, mas não desistiu e investiu novamente. A batalha prosseguiu por alguns minutos, com ambos se esquivando e atacando.

O animal afastou-se de Maú por um instante, apenas para retornar rapidamente em alta velocidade, saltando em sua direção. Com destreza, Maú esquivou-se do ataque, girando quase ao ponto de cair, e conseguiu desferir um golpe preciso no peito do puma, que caiu

imóvel no chão.

Maú permaneceu ali por alguns instantes, ofegante, antes de aproximar-se do animal agonizante. Admirado por ter derrubado o poderoso puma, Maú aproximou-se para se certificar de sua morte.

O brilho em sua pelagem desapareceu, e ao lado de Maú, jazia apenas um felino escuro. Foi então que Maú percebeu que o puma não se movia mais, e soltou um suspiro de alívio. Voltou-se para sua família, que observava a cena com olhos arregalados.

Maú – Podem descer! Gritou para Rupunini e seus filhos.

Maú ajoelhou-se ao lado do puma e cravou a espada em seu coração. Em seguida, ergueu-se e dirigiu seu olhar para Rupunini e seus filhos, respirando pesadamente.

Maú – Estamos seguros agora! Disse, dirigindo-se a Rupunini e seus filhos.

Maú – O puma brilhante não nos atacará mais!

A Jornada nas Profundezas da Caverna

Ainda imersos na floresta e se recuperando do ataque dos animais, os soldados adentraram novamente o local onde haviam enfrentado o embate. Cautelosamente, aproximaram-se da caverna onde a família de Maú estava escondida. Quisquis ordenou que os soldados se organizassem, acendendo mais tochas e ficando prontos para agir ao menor sinal de movimento.

Entretanto, ao se aproximarem, depararam-se apenas com uma câmara escura e silenciosa. Ecoava pelos corredores da caverna um estranho e distante grunhido de algum animal. Quisquis lançou um olhar de alerta para seus soldados, sinalizando para que ficassem atentos, e deu a ordem para avançarem com cautela.

Ao adentrarem a caverna, iluminados pelas tochas, depararam-se com um local vasto que parecia descer até o centro da terra. O chão encontrava-se coberto de fezes de morcegos e outros animais que utilizavam a caverna como abrigo. Ossos de animais também estavam

espalhados pelo chão.

Quisquis – Essa é a moradia de algum animal de grande porte. Um soldado acrescentou – Parece ser o covil de lobos ou pumas.

Enquanto iluminavam a caverna, os soldados avistaram o brilho dos olhos dos morcegos, que ali se encontravam em grande quantidade.

Após uma longa jornada, o caminho estreitou-se e, no chão, avistaram uma pulseira feita de pedras e sementes de plantas, porém ela encontrava-se partida, revelando que a família havia passado por ali. As pedras desalinhadas no trajeto indicavam claramente que alguém havia trilhado aquele caminho.

O eco dos animais que habitavam as profundezas da caverna misturava-se ao dos morcegos e dos soldados, fazendo com que pedras do teto se soltassem. Ao atravessarem uma passagem estreita, depararam-se com um baú repleto de joias e pedras preciosas.

A descoberta encheu os soldados de animação, pois sabiam que receberiam uma parte do tesouro encontrado. O baú continha lascas de ouro, imagens de deuses em ouro adornadas com pedras preciosas, e

colares rústicos com pedras valiosas.

Quisquis ordenou que um soldado ficasse responsável por carregar o baú. O soldado tentou levantá-lo, mas ele se desfez completamente, pois a madeira estava apodrecida e sem resistência. O fundo do baú rompeu e o tesouro caiu no chão. Quisquis confiou em seus homens e mandou que dividissem o tesouro entre eles. Após a caçada, quando retornassem ao batalhão, os soldados devolveriam as joias e o ouro encontrado, que seriam somados aos espólios da aldeia. Tudo seria dividido de forma justa entre todos, e uma parte seria enviada ao Imperador como tributo.

Dentre o tesouro, destacava-se um colar de ouro com um pingente em formato de aranha, ornamentado com vários diamantes e outras pedras preciosas. Os olhos da aranha eram de uma pedra verde não identificada. O pingente era do tamanho de uma mão e tinha um peso significativo. Após a divisão do tesouro, os soldados seguiram em busca dos fugitivos. O soldado que ficou com o colar da aranha colocou-o em seu próprio pescoço.

À medida que avançavam, as tochas começaram a perder brilho. A caverna revelava sua beleza à medida que

as chamas se apagavam, e os fungos bioiluminescentes começavam a emitir uma suave e azulada luz. Era uma visão surpreendente e inesperada que deixou os soldados atônitos por um momento. Quisquis franziu a testa, tentando compreender o que estava acontecendo.

Quisquis – Não me recordo de ter participado do cerimonial do chá. Os soldados que o acompanhavam seguraram o riso.

Eles avançaram lentamente, observando o ambiente com atenção, mas, ao chegarem ao fundo da caverna, depararam-se apenas com pedras e gravetos.

Com a extinção das tochas, Quisquis e seus homens tornaram-se cautelosos. Alguns soldados possuíam material extra para acender outras tochas, mas não era suficiente para iluminar todo o caminho.

Uma corrente de ar trouxe consigo os sons e gritos dos animais. Conforme avançavam, os soldados podiam ouvir os rugidos e rosnados de um puma ecoando pelas paredes da caverna, amplificando o som. Quisquis sabia que precisava se apressar para encontrar a origem dos sons e agir rapidamente, pois eles poderiam desaparecer.

Quisquis havia dividido seus homens em três

grupos: um na vanguarda, outro no centro e o terceiro na retaguarda. Eles se revezavam à medida que avançavam, sempre seguindo caminhos distintos. O comandante tinha plena convicção de que Maú estava escondido em algum lugar ali e estava determinado a encontrá-lo.

Durante a caminhada, um dos homens de Quisquis contou ter presenciado a luta entre Ayar e Maú, embora não conhecesse o nome deste último. O soldado descreveu o que poderia ser a arma de guerra que matou Ayar. Quisquis ficou interessado ao descobrir que seu filho, Ayar, havia sido morto por uma espada diferente daquela usada pelos Maias. Isso o tornou ainda mais determinado a encontrar Maú e a espada que ele possuía, pois sabia que esta era extremamente valiosa para os deuses Maias, capaz de trazer grande sorte e poder para sua nação. Quisquis estava disposto a fazer o que fosse necessário para encontrar Maú e a espada.

Ele ordenou que os soldados avançassem mais rapidamente, procurando em todos os cantos das câmaras em busca de Maú e da espada. Com as tochas, puderam observar que havia várias entradas na rocha, de tamanhos diferentes. No entanto, nenhum sinal de Maú

ou da espada foi encontrado.

O Comandante Quisquis começou a ficar preocupado com a possibilidade de ter que avançar ainda mais fundo, especialmente à noite, ciente de que poderia cair em armadilhas e perder tempo precioso. No entanto, ele decidiu seguir o caminho principal, determinado a encontrar o que procurava. Ele sabia que estava correndo um grande risco, mas estava disposto a tudo, movido pela sede de vingança.

A câmara era vasta, com uma intrincada rede de cavernas e câmaras espalhadas pelo caminho principal e por outros caminhos mais estreitos. Sua estrutura era imponente, com paredes de rocha escura que se erguiam a vários metros de altura. O ar se tornava mais fresco e úmido, e qualquer som emitido ecoava pelos corredores sombrios.

À medida que avançavam, o brilho no chão e nas paredes chamou a atenção dos soldados. Ao analisarem, perceberam pequenas plantas que reluziam, emanando luzes de variadas cores. Esses fungos cobriam uma vasta extensão dos caminhos, apontando o trajeto central, convidando os exploradores a prosseguirem. A luz verde

resplandecente iluminava o caminho à medida que avançavam.

Os soldados caminhavam cautelosos, seus passos harmonizados ao ritmo da caverna. À sua volta, o brilho das plantas resplandecia como estrelas escondidas entre a vegetação exuberante de dentro da caverna. Era como se a própria natureza os guiasse, revelando segredos ancestrais em cada curva do caminho.

O verde vívido das luzes emitidas pelos fungos pintava o cenário, criando um espetáculo de cores que contrastava com a escuridão ao redor. Era como se a caverna se apresentasse como uma grande orquestra, regida pelos sons da natureza e iluminada pelo brilho mágico dessas plantas luminosas.

À medida que avançavam, a luz das plantas alucinantes parecia dançar ao ritmo dos passos, guiando-os com sua luminosidade encantadora. Era como se cada passo fosse uma nota musical, cada raio de luz um acorde que os levava em direção ao desconhecido.

Atravessando trechos sinuosos e obstáculos naturais, os soldados seguiam o brilho hipnotizante, encantados com a aura mística que envolvia aquele lugar.

O caminho iluminado por essas plantas alucinógenas parecia um portal para um mundo de maravilhas e mistérios.

Envolvidos pela magia da caverna, os exploradores seguiam adiante, imersos na dança das cores e na harmonia da luz. Cada passo era uma sincronia perfeita entre o homem e a natureza, uma coreografia única que os conduzia em direção ao destino que os aguardava.

Enquanto avançavam, a atmosfera era impregnada de energia, como se a própria caverna sussurrasse segredos em seus ouvidos. Os soldados sentiam-se parte de algo maior, como se estivessem tocando a essência da vida ao caminhar sobre aquele tapete luminoso de natureza selvagem.

Os soldados continuavam a explorar a complexa rede de cavernas e várias câmaras. As paredes eram adornadas com estalactites e estalagmites, formadas ao longo de milhares de anos pela circulação de água e deposição de minerais. Algumas câmaras eram tão amplas que era possível ver o teto escuro acima, como se fosse o céu noturno. A grandiosidade da caverna fazia com que os exploradores se sentissem pequenos e

insignificantes, porém, ao mesmo tempo, eram atraídos pelo mistério e pela beleza do lugar. Era um local mágico e singular, e eles sabiam que jamais esqueceriam a jornada por aquele ambiente extraordinário.

Os labirintos sombrios e as criaturas selvagens acrescentam um grau adicional de perigo à caminhada. Os soldados devem permanecer constantemente vigilantes, atentos a cada som e movimento ao seu redor. Os labirintos são como uma teia traiçoeira, com passagens estreitas e curvas imprevisíveis, prontas para engolir os desavisados. Para não se perderem nesse emaranhado de corredores, eles devem empregar todas as suas habilidades. Cada passo dado é uma aposta contra o desconhecido. Sabem que o ambiente está repleto de feras ameaçadoras, o que torna a jornada ainda mais desafiadora. Os ecos que ressoam nos corredores sussurram rosnados e grunhidos, como se monstros ocultos espreitassem nas sombras. De tempos em tempos, um par de olhos brilhantes rompe a escuridão, uma ameaça efêmera que desaparece rapidamente.

A Encruzilhada Mortal

Após algum tempo de caminhada, o grupo de soldados se depara com uma encruzilhada, onde três caminhos se desdobram diante deles, como uma escolha que desafia seus destinos. Ao se depararem com essa encruzilhada, Quisquis dividiu seus homens em três grupos distintos, enviando cada um por um caminho diferente. Ele sabia que Maú estava escondido em algum lugar daquele lugar intrincado, e sua determinação em encontrá-lo só crescia.

Ao longe, seus ouvidos captaram os murmúrios de águas caudalosas, reconhecendo pelo som a presença de um rio. Seguindo rotas divergentes, cada grupo era liderado por um comandante perspicaz, encarregado de analisar o caminho e tomar decisões sábias para evitar se perderem.

Um dos grupos logo percebeu que se aproximava de um rio, pois o som do seu caudal crescia em intensidade. Adentraram uma ampla câmara subterrânea, onde encontraram o rio que ecoava em seus ouvidos. A entrada pela qual haviam passado se situava

em um plano mais elevado da câmara, proporcionando uma visão panorâmica do local. Observaram um rio subterrâneo de águas poderosas, que emergiam de uma parede rochosa e mergulhavam em outra, como se desaparecessem nas entranhas da terra.

O rio sinuoso serpenteava pelos corredores da câmara, suas águas escuras e tumultuadas. As corredeiras eram velozes e traiçoeiras, e somente um lado oferecia margens, enquanto do outro se erguia um imponente paredão rochoso. Se algum soldado tivesse a necessidade de atravessar o rio, precisaria fazê-lo com extremo cuidado, pois a força das águas era capaz de colocar em perigo qualquer intrépido que se aproximasse. Seria preciso ser rápido e ágil, evitando ser arrastado pelo turbilhão impiedoso das águas.

Enquanto isso, Maú percebeu a aproximação dos soldados. Seus filhos repousavam em sono profundo, enquanto ele e sua esposa permaneciam atentos aos movimentos ao redor. Dentro da câmara, a paisagem se revelava através de pedras e vegetação, criando a impressão de uma savana entre as rochas. Essas formações rochosas variavam em tamanho e forma,

conferindo ao terreno uma textura irregular e acidentada. Algumas pedras eram suficientemente grandes para servirem de esconderijo, enquanto outras pareciam dispostas aleatoriamente pelo terreno. O mato, denso e emaranhado, crescia entre as pedras, criando uma teia áspera e irregular que conferia uma atmosfera selvagem e imprevisível ao ambiente.

Maú e sua família encontravam-se em uma das extremidades da caverna, ávidos por um esconderijo seguro. Rapidamente, buscaram um refúgio entre as pedras e a vegetação, mantendo-se agachados para se ocultarem da vista. Acordaram seu filho mais velho, Taurepang, enquanto Rupunini carregava o caçula, Kamarakoto, nos braços. Com passos cautelosos, avançaram entre as rochas e o mato que os protegiam como um manto protetor.

Encontraram abrigo atrás de uma imponente rocha, espiando em segredo o grupo de soldados que se aproximava. Observaram as tochas das quais as luzes se extinguíram, deixando-os imersos na escuridão envolvente.

O líder do grupo, Chi'Am, voltou-se para o soldado

que segurava a tocha e expressou com um tom de censura:

Chi'Am – Você sabia que o vento nesta região apagaria a tocha devido ao rio, não é? Acenda logo, eles podem estar nos observando.

O soldado procurou em seus pertences por materiais secos para confeccionar uma nova tocha. Enquanto isso, os demais soldados se posicionaram em prontidão defensiva. O efeito luminoso provocado pela extinção da chama da tocha fez com que o brilho dos fungos na caverna ressurgisse, transformando o ambiente em um espetáculo de beleza singular.

Maú percebeu que aquela era a oportunidade perfeita para tentar uma fuga audaciosa. Sussurrou para Rupunini e seu filho que o acompanhassem em silêncio e, com extremo cuidado, começou a se mover ao longo do mesmo caminho por onde haviam adentrado a câmara.

Mesmo sem a iluminação da tocha e confiando na luminosidade natural do local, um dos soldados afastou-se do grupo e seguiu em direção à família de Maú. Desapercebido, aproximou-se perigosamente da rocha que os escondia, observando minuciosamente o entorno

em busca de qualquer vestígio. A família, ainda agachada, tentou se desviar do campo de visão do soldado que, curioso, contornava a rocha para espiar. Porém, não haviam percorrido uma grande distância quando ouviram passos aproximando-se.

Percebendo a distração do soldado, Maú deixou seu filho no chão e, com uma investida rápida, atacou o inimigo. Seu golpe foi certo, atingindo o pescoço do soldado, que desabou no chão, tremendo e agonizando. O ruído de sua queda chamou a atenção dos demais soldados, que correram para socorrer seu companheiro em aflição.

O líder do grupo foi o primeiro a chegar ao local onde o soldado ferido jazia, prontamente buscando prestar socorro. Enquanto isso, a família de Maú procurou manter-se distante, porém acabou sendo avistada pelos outros soldados. Em meio ao caos, o filho mais novo de Maú despertou sobressaltado e começou a chorar, denunciando a posição da família. Os soldados se apressaram em direção a eles. Maú e Rupunini deixaram as crianças no chão e se prepararam para o confronto, enquanto o filho mais velho levava seus irmãos para um

lugar seguro indicado por eles.

À medida que os soldados se aproximavam, Maú não hesitou e investiu com toda sua força contra um dos homens, derrubando-o ao solo. Rupunini, com sua lança, desferiu um golpe no abdômen do soldado, atravessando-o e deixando-o à beira da morte.

O segundo soldado atacou Maú com uma lança, mas Rupunini interveio, protegendo-o e proporcionando a oportunidade para Maú retalhar com sua espada, acertando-o na perna. A força do golpe resultou em uma fratura, fazendo com que o soldado tombasse no chão, onde Rupunini o feriu na coxa com a lança, e Maú atingiu-o na virilha. O soldado começou a tremer em choque diante de seu ferimento.

O líder do grupo avançou em direção a Maú, empunhando sua espada de madeira e sílex, tentando desferir um golpe poderoso. Maú defendeu-se habilidosamente com sua espada, quebrando a arma de Chi'Am ao meio, e, em um movimento giratório, acertou-o no braço, cortando o antebraço do líder que, sentado no chão, segurava o braço ferido e observava sua mão segurando a espada partida no solo, gritando de dor.

Rupunini desferiu um golpe pelas costas, que penetrou no pescoço e saiu pelo abdômen de Chi'Am. Quando o último soldado caiu, Maú soltou um grito de vitória.

Maú - Ahhhh!!! - Gritou, e seu grito reverberou por toda a rede de cavernas. Ao longe, ouviu-se um eco de resposta, alertando-o sobre o perigo iminente. Ele correu em direção aos seus filhos, buscando a saída da câmara, ciente de que ainda havia outros soldados espalhados pela caverna.

A família de Maú correu com todas as suas forças, seguindo o caminho traçado anteriormente. Ao chegarem à saída, pararam brevemente para recobrar o fôlego. Maú dirigiu seu olhar para a sua família, composta por Rupunini e seus filhos, e sorriu, agradecido por terem conseguido escapar com vida.

Eles prosseguiram correndo pelo trajeto que haviam traçado, buscando distanciar-se ao máximo dos soldados que os perseguiam. Maú havia ferido três homens e agora estava fugindo dos demais grupos. Consciente de que não podiam se dar ao luxo de parar, ele os incentivava a continuar correndo, mesmo que o cansaço e a exaustão se fizessem presentes.

Após um esforço incansável, finalmente depararam-se com uma clareira, indicando que haviam alcançado o fim da caverna. O ar fresco da noite acariciou-lhes os rostos, enquanto a lua brilhava no céu, entre as nuvens.

Ofegantes e exaustos, eles encontravam-se extasiados por terem conseguido escapar. Maú ergueu os olhos para contemplar o céu estrelado acima deles, maravilhando-se com a lua e todo o seu esplendor.

Caminhos Tortuosos

O grito de vitória emitido por Maú atraiu a atenção dos outros grupos de soldados, que se apressaram para encontrar o desafiante.

Um dos grupos de soldados adentrou um corredor estreito que os conduziu a uma câmara escura, onde foram surpreendidos ao ficarem presos em teias pegajosas. Rapidamente, eles começaram a sentir a presença das aranhas, que emergiam de todos os cantos, saltando sobre os soldados e envolvendo seus corpos com suas longas e fortes presas. Eram aranhas Jundiahi⁷, cujo tamanho ultrapassava a dimensão da mão de um homem, e haviam aprendido a caçar animais de porte considerável. Sob os pés dos soldados, encontravam-se ossos secos, indicando que aquele era o ninho dessas criaturas e que elas já se alimentavam de animais maiores. Com corpos de tom vermelho-escuro, cobertos por uma armadura escamosa preta, suas pernas eram mais longas do que o próprio corpo, apresentando

⁷ Aranha Jundiahi – Aranha Caranguejeira

articulações flexíveis na porção central e uma membrana entre elas. Eram capazes de se mover rapidamente, inclusive para trás. Utilizando as patas dianteiras, as aranhas atacavam suas presas com uma combinação de agilidade e força. Embora normalmente se alimentassem de insetos e pequenos animais, devido ao ambiente do ninho, haviam desenvolvido a habilidade de capturar presas de maior porte.

O pânico rapidamente se espalhou entre os soldados, que lutavam contra as teias que os envolviam e as aranhas que escalavam seus corpos. No mesmo ambiente, as formigas Wai'pi⁸ também estavam presentes. Tratava-se de uma grande colônia de formigas que se alimentava das carcaças dos animais abatidos pelas aranhas. Essas formigas possuíam o tamanho equivalente a um polegar humano e suas picadas carregavam uma toxina que causava queimaduras e vermelhidão quando entravam em contato com a pele. Diante dessa situação, suas espadas e outras armas eram inúteis. Além disso, ao matar uma formiga, ela liberava feromônios que atraíam outras formigas, deixando-as

⁸ Wai'pi – Formigas de Fogo;

ainda mais irritadas.

As aranhas desciam pelas paredes enquanto as formigas subiam pelas pernas dos soldados, adentrando por debaixo de suas roupas. Um dos soldados foi picado no pescoço por uma aranha e ficou imóvel, aprisionado nas teias. O grupo de soldados foi cercado por tantas aranhas que elas os cobriam por completo, mantendo-os aprisionados em suas teias. A picada dessas aranhas provocava uma dor terrível e paralisia total. Embora ainda conseguissem respirar e falar, os soldados não podiam se mover. Envolvidos pela abundância de aranhas, cujo tamanho era enorme, os soldados capturados só podiam aguardar seu terrível destino. As aranhas lançavam pelos como dardos, causando uma temporária cegueira nos soldados, que sentiam os animais se movendo em seus corpos, porém sem saberem o que fazer.

Os gritos de desespero ecoavam de forma angustiante, porém não havia ninguém para socorrê-los. As tochas dos soldados caíram no chão e se extinguiram, enquanto o efeito bioiluminante do ambiente transformava a câmara em um verdadeiro matadouro. Em pouco tempo, todos os soldados haviam sido mortos pelas

aranhas, que dividiam suas vítimas com as formigas, responsáveis por arrancar pedaços de carne. O único brilho distinto naquele local terrível era proveniente dos olhos verdes do pingente de aranha que um dos soldados mortos trazia consigo no pescoço.

Por outro lado, o grupo em que o comandante Quisquis estava seguindo o caminho à direita, adentrou uma câmara diferente. Os soldados iluminavam o caminho e, à distância, avistaram brilhos amarelados em pares, juntamente com alguns azuis. À medida que se aproximavam, depararam-se com um local repleto de serpentes, todas enroladas em amontoados e montes. Pareciam estar adormecidas, dominando por completo o ambiente. Eram cobras Xai'bá⁹ de diversos tamanhos. Os soldados, munidos de suas tochas, atravessaram cuidadosamente o espaço das serpentes sem chamar atenção ou despertar os animais.

A tensão de atravessar o local onde as cobras estavam despertava a adrenalina nos soldados. Seus corações batiam acelerados, enquanto suas respirações ritmadas denunciavam o medo que percorria seus corpos.

⁹ Xai'bá – Cobra cascavel;

Gritos de dor e apelos por socorro ecoavam pelos corredores, intensificando ainda mais a atmosfera tensa do momento.

Ainda Presos na Caverna

A lua pairava misteriosa no céu, envolta por nuvens. Enquanto isso, Maú e sua família continuavam a correr na escuridão da noite, buscando distanciar-se o máximo possível dos soldados que os perseguiram. Conscientes de que não podiam se deter, seguiam adiante. No entanto, após tanto esforço, depararam-se com uma parede de rochas imponentes e um rio que corria ao seu lado, desaparecendo naquela muralha natural. O desespero tomou conta deles, pois perceberam que ainda estavam aprisionados nas entranhas das cavernas, sem saber como prosseguir.

Maú ergueu o olhar para o céu estrelado acima e questionou aos deuses qual era o propósito dessa perigosa jornada.

Maú – O que desejam de nós?"

Rupunini, mais devota, advertiu-o a não provocar os deuses.

Rupunini – Não irrite os deuses. Eles podem nos punir.

Maú retrucou – Rupunini, como poderiam nos

punir ainda mais? Já perdemos tudo e estamos agora nesta floresta, em uma noite como esta, sendo perseguidos por pessoas cujas intenções desconhecemos. O que pior poderia nos acontecer além disso?

Rupunini calou-se, observando o marido reclamar com os deuses. Sentia-se perdida e desesperada, mas sabia que precisava continuar lutando para proteger sua família. Maú olhou para Rupunini e seus filhos e disse:

Maú – Não permitirei que sejamos derrotados. Vamos encontrar uma saída juntos.

Erguendo-se, seguiram adiante, em busca de um caminho que os conduzisse para fora daquele lugar sufocante.

A Fúria de um Caçador

Após algum tempo de caminhada, Quisquis encontrou uma câmara enorme que estava bem iluminada pelas plantas brilhantes, seus batedores encontraram o corpo de animal abatido por Maú,

Quisquis ao analisar o animal percebeu que os cortes foram profundos, percebendo que a arma usada para abatelo era muito boa. O jaguar é reverenciado pelos maias e vendo o animal morto fez aumentar sua fúria. O animal era majestoso, com presas imponentes. Ao examinar as feridas que o levaram à morte, Quisquis percebeu a brutalidade dos ataques. Sabia que o responsável estava por perto, e o desejo de capturá-lo e usá-lo como sacrifício para o deus Kinich Ahau cresceu ainda mais em seu coração.

Seus batedores foram na frente e encontraram a saída para o que seria uma outra câmara ainda maior.

Eles prosseguiram seguindo o rastro da família, o som dos passos e dos gritos reverberando pelo espaço estreito.

Após algum tempo, avançaram pelo labirinto, adentrando a câmara onde o rio corria. Em busca de pistas, um dos soldados descobriu os corpos e um soldado ferido. Eram os membros do primeiro grupo de busca. Um deles ainda estava vivo, porém gravemente ferido.

Outro batedor encontrou rastros de sangue em outra câmara e os demais soldados se dirigiram para lá. A perseguição tornara-se uma questão de honra para o grupo. Pois corpos foram encontrados e um soldado ferido agonizava.

Quisquis foi ao encontro do soldado ferido e se deparou com a cena onde homens seus foram mortos e um ferido gravemente estava agonizando.

Soldado ferido – Comandante, eles estavam escondidos atrás da pedra e atacaram nosso colega e o Chi'Am. Eu tentei defendê-los, mas fui gravemente ferido. Eles seguiram naquela direção.

Quisquis – Descanse, meu filho. Nosso deus Kinich Ahau o receberá em Xibalba¹⁰, e lá você se sentará

¹⁰ Xibalba – Paraíso Maia;

ao grande banquete e beberá farta chicha¹¹. Em breve estaremos todos juntos e esqueceremos as dores desta vida.

Percebendo que o soldado não movia mais as pernas e que seus ferimentos eram mortais, Quisquis, numa tentativa de aliviar seu sofrimento, usou sua adaga para desferir um único golpe fatal. O soldado sorriu para seu comandante e partiu enquanto Quisquis o segurava.

Voltando-se para seus homens, Quisquis declarou:

Quisquis – Esta jornada tem sido repleta de dor. Perdemos grandes companheiros e amigos. Porém, devemos ser cautelosos e não permitir que a tristeza nos domine. Somos o povo mais poderoso do mundo. Não será um simples homem com uma arma que nos fará tremer. Precisamos dessa espada, e quero a cabeça dele trazida até mim.

¹¹ Chicha – Cerveja Maia feita de milho;

Um acidente no Caminho

A clareira se revelava vasta, cercada por paredes rochosas íngremes que se erguiam em direção ao teto. Em seu centro, um rio vigoroso fluía com ímpeto, suas águas turbulentas deslizando sobre pedras e formando remoinhos, enquanto refletia a suave luz da lua que iluminava o céu noturno. O aroma delicado de musgo pairava no ar, emanando da água cristalina que serpenteava pelo local.

Esse rio alimentava uma vegetação exuberante, uma pequena floresta que se erguia no coração da caverna. Árvores majestosas e frondosas se estendiam em direção ao céu, enquanto samambaias cresciam descontroladamente entre as pedras, formando uma paisagem selvagem e vibrante.

As rochas dispersas pelo ambiente indicavam que o teto daquela área já fora uma imponente câmara, agora em ruínas há muito tempo. Porém, o vislumbre do céu estrelado, pontuado por nuvens dispersas, enganou a família, fazendo-os acreditar que haviam finalmente saído da caverna. A suave luminosidade das estrelas

acrescentava um toque mágico ao lugar, cativando os olhares da família. No entanto, não havia tempo para se maravilhar.

Ao explorar em busca da saída, Maú deparou-se com um rio que acreditava ser o mesmo da câmara anterior. Suas águas revoltas atraíram sua atenção, e foi então que avistou seu filho mais velho, Taurepang, aproximar-se descuidadamente da margem do rio, tropeçar e ser tragado pela correnteza, desaparecendo diante de seus olhos. Rupunini lançou-se em uma tentativa desesperada de alcançá-lo, mas a força das águas era implacável. Ela se viu impotente, observando seu filho afastar-se cada vez mais na escuridão.

Maú adentra as águas turbulentas, movido por um desespero incandescente. A escuridão noturna envolve-o como um manto sombrio, enquanto as ondas furiosas se erguem em um espetáculo de poder inabalável. Ele desafia a correnteza impiedosa, em busca de seu filho, como um herói imbuído de uma determinação inquebrantável.

No entanto, a grandiosidade do rio se impõe de maneira avassaladora, empurrando-o de volta à margem

com um fracasso que ressoa em sua alma. O abraço gelado das águas lembra-lhe de sua insignificância diante da força incontrolável da natureza.

As estrelas testemunham sua aflição, piscando timidamente no céu noturno. Os suspiros exaustos de Maú se misturam ao som do rio, ecoando como uma canção triste de derrota. A escuridão abraça-o com sua aura sombria, enquanto a noite se transforma em uma testemunha silenciosa de sua impotência.

Maú retorna à margem, seus passos pesados como uma sentença inevitável. A frustração e a dor se misturam em suas entranhas, delineando um vazio amargo em seu ser. Seus olhos, antes repletos de esperança, agora refletem a angústia de um pai que não pôde salvar seu próprio filho.

A noite testemunha sua dolorosa derrota, enquanto a lua observa de seu trono celestial, derramando uma luz pálida sobre a cena desoladora. Maú, à beira do abismo emocional, ergue-se novamente, seu espírito resiliente clamando por uma chance de redenção.

E assim, o rio continua seu curso implacável,

levando consigo os vestígios de um amor inquebrantável. O rio voraz se tornou o palco traiçoeiro de uma cena dilacerante. As águas selvagens arrastavam Taurepang como uma presa indefesa, mergulhando-o na imensidão do desconhecido.

Rupunini, envolta em desespero, estendia seus braços em um gesto angustiado de resgate, mas o rio indomável se revelava como um adversário implacável. O sofrimento tomava conta de sua essência, cada lágrima fundindo-se em gotas diluídas na correnteza impiedosa.

As águas tumultuosas erguiam-se como paredes intransponíveis, sussurrando segredos desconhecidos e desafiando a bravura da mãe. Seus olhos fixavam-se na figura frágil de seu filho, agora engolido pela voracidade da corrente, afastando-se cada vez mais em direção à obscuridade.

O coração de Rupunini sangrava diante da impotência que lhe acometia. Era como se o próprio rio tivesse se tornado um ser vivo, uma entidade perversa que brincava com sua dor. Cada onda revoltosa ecoava sua agonia, cada remoinho trazia consigo a certeza da perda irreparável.

Enquanto seus braços estendidos buscavam alcançar o inalcançável, a força inexorável das águas reafirmava sua supremacia. Rupunini sentia-se consumida pelo turbilhão de emoções, como se sua alma estivesse presa em um abismo de angústia e desesperança.

A natureza, testemunha silente de sua dor, assistia à batalha feroz entre mãe e rio. Os elementos selvagens se entrelaçavam em uma dança desenfreada, enquanto Rupunini, com coragem e determinação, enfrentava um oponente que desafiava a própria essência de sua maternidade.

Os minutos transformaram-se em eternidades, o tempo descompassado parecia diluir-se no fluir incessante do rio. Cada instante que se esvaía levava consigo um pedaço da esperança que teimava em brilhar nos olhos de Rupunini.

E assim, entre soluços e murmúrios de súplica, Rupunini recuou, seu corpo banhado pelas lágrimas misturadas às águas do rio. Uma tristeza profunda impregnou sua alma. A escuridão tomava conta da alma da família, os lamentos ecoando em meio ao turbilhão de

emoções. O rio, como um árbitro implacável, levava consigo os sonhos e esperanças de um futuro compartilhado.

Maú, consumido pela dor, via-se imerso em um pesadelo sem fim. As águas revoltas refletiam sua aflição, como espelhos traiçoeiros que devolviam apenas a imagem de uma perda insuportável. A luta pela sobrevivência dava lugar ao vazio que se instaurava em seu peito.

Rupunini se aproximou da margem do rio, gritando o nome de Taurepang em desespero. No entanto, era tarde demais. Seu filho havia sido engolido pelas águas impiedosas. Abalada, Rupunini caiu de joelhos, entregando-se à dor avassaladora enquanto as lágrimas vertiam livremente. Maú a envolveu em um abraço, buscando consolar sua esposa em meio à sua própria angústia.

Rupunini, entre soluços, perguntou a Maú o que deveriam fazer diante daquela tragédia. Com os olhos marejados, ela fitou Maú e se prostrou diante da lua que brilhava no céu, implorando por auxílio.

Rupunini – Oh Tourolio¹²! Ajude meu filho! Sussurrou em meio a seu pranto, enquanto seu coração se enchia de dor.

Maú não respondeu às perguntas de Rupunini e, em silêncio, observava o sofrimento dela. Sua própria dor se manifestava de outra forma, ele lutava para não sentir as pernas tremerem enquanto seu coração batia acelerado. Ele se esforçava para não chorar ao ver o sofrimento de sua esposa, tentando demonstrar força. Kamarakoto, sendo apenas um bebê, não entendia o que estava acontecendo, mas seu outro filho, Arekuana, compreendia o sofrimento da mãe e tentava consolá-la acariciando sua cabeça e abraçando-a.

Maú, testemunhando toda a cena, viu-se tentado a abandonar a batalha, pois suas forças pareciam esgotadas. Um peso opressor se assentou em seu coração, lembrando-lhe os tormentos sofridos pelos prisioneiros nas entranhas da cidade. A cruel realidade pintou-se diante de seus olhos, retratando um futuro sombrio caso fossem capturados, pois eram responsáveis pela morte de

¹² Tourolio – Bela Lua

alguns soldados inimigos.

Em meio ao turbilhão de pensamentos, Maú ansiava por uma fuga, por uma chance de prosseguir, mas a incerteza pairava no ar como uma densa névoa. Sua energia vacilava, à beira do esgotamento. Contudo, ao contemplar a fragilidade de seus filhos, ele encontrou a chama que reascendeu sua determinação. No âmago de sua alma, sabia que desistir não era uma opção viável.

Enquanto imerso em um mar de reflexões, uma luz branca emergiu das profundezas do rio, iluminando o cenário com sua aura radiante. Era um sinal de esperança, um farol de possibilidades em meio à escuridão. Maú fitou aquele brilho místico, permitindo que a luz penetrasse em sua alma e acendesse a centelha de coragem que ainda perdurava.

Marikumana

Ao avistarem a luz misteriosa, Maú e Rupunini aproximaram-se cautelosamente da margem do rio, observando-a com admiração e temor. Maú, movido por coragem e esperança, aproximou-se ainda mais da luz, chamando pelo nome do filho desaparecido.

Maú - Taurepang?! Ecoou sua voz pela noite.

Ainda que pensasse que pudesse ser o espírito de seu filho retornando para eles, o silêncio era a única resposta que recebia. Ao observar ao redor, Maú notou que a luz assumia a forma de um peixe em movimento, deslizando sobre as águas com uma graça sobrenatural, convidando-o a tocá-la. Diante da ausência de resposta, Rupunini voltou rapidamente para junto dos filhos, seu coração repleto de temor e apreensão.

Maú, determinado, aproximou-se da margem do rio, decidindo-se a tocar a luz enigmática que parecia emanar um frio intenso. Ao fazê-lo, a luz se elevou e flutuou acima das águas revoltas, enquanto um vento impetuoso começava a soprar, intensificando o brilho e

dificultando a visão do que se desenrolava diante de seus olhos. Preocupado com a segurança de Rupunini e seus filhos, Maú retornou rapidamente à sua família, assumindo uma postura defensiva para protegê-los.

Enquanto a luz cilíndrica continuava a flutuar sobre as águas, um som metálico ecoava, assemelhando-se a pedras sendo lançadas em um rio profundo. E então, de dentro do cilindro que superava o tamanho de uma velha árvore Uxamuaru-ma¹³, uma criatura alada emergiu, emitindo sons que lembravam uma Tamare¹⁴, mas sem exibir asas, apenas deixando a sensação de um vento vigoroso. Sua presença brilhante materializava-se gradativamente, à medida que a intensidade da luz diminuía.

A visão da criatura erguendo-se do cilindro e voando sobre o rio despertava um misto de medo e fascínio em Maú. Ele percebeu que o ser assemelhava-se à figura lendária do espírito da floresta, com olhos azuis cintilantes e uma voz suave que sussurrava uma língua ancestral desconhecida. Maú encontrava-se perplexo,

¹³ Uxamuaru-ma - Castanheira

¹⁴ Tamare – Libélula;

sem saber como reagir diante dessa situação única.

No entanto, quando Maú avistou seu filho Taurepang nos braços da criatura, ainda desacordado, mas vivo, a criatura dirigiu-se a ele em uma língua que ele compreendia, trazendo-lhe um alívio profundo e uma nova esperança.

Marikumana - Eu sou Marikumana. Não tema. Seu filho está seguro e vivo.

Os moradores da região atribuíam a Marikumana a identidade de um espírito feminino que havia perecido vítima de violência e agora encontrava morada nos rios e florestas, auxiliando aqueles que estavam em perigo. Maú já havia ouvido falar dessa entidade espiritual, mas era a primeira vez que tinha o privilégio de encontrá-la face a face.

Ao observar o ser diante de si, Maú notou que Marikumana não se assemelhava em nada a um espírito. Sua presença era tangível e sua aparência etérea despertava fascínio. Os longos cabelos da criatura reluziam em tons dourados, como se fossem feitos de ouro, enquanto seus olhos pareciam duas esferas azuis hipnotizantes. Sua estatura era alta e esguia, dando a

impressão de flutuar ligeiramente acima do solo.

Vestida com um traje confeccionado a partir de um material similar à espada de Maú, a criatura evocava memórias das histórias compartilhadas por seu pai sobre os guerreiros de suas terras que encomendavam armaduras sob medida para os confrontos. Essa vestimenta era chamada de "armadura de ferro" por seu pai, enquanto outros soldados optavam por criar vestimentas com placas de madeira e couro.

À medida que se aproximava, Maú pôde examinar com mais detalhes a indumentária da criatura: em seu peito, pequenos pontos luminosos, do tamanho de um polegar, emitiam uma luz branca em grupos de três de cada lado, enquanto placas de metal delineavam e demarcavam os músculos de seu corpo. Toda a figura da criatura era envolta por essa armadura de ferro, sem que aparentasse qualquer desconforto, pois entre as dobras do material havia um tecido que protegia sua pele das placas de ferro. Em suas costas, destacavam-se duas projeções triangulares, das quais emergiam água e vento.

Era impossível distinguir o gênero do ser, pois suas características não revelavam sinais claros de

feminino ou masculino. A estatura do ser ultrapassava em muito Maú, que alcançava a altura do peito da criatura, revelando sua imponência, e nos ombros resplandeciam dois círculos dentro de um quadrado, emitindo uma luz branca brilhante, ao passo que uma estrutura protetora envolvia seu pescoço e parte posterior da cabeça. Um fio azul contornava com precisão os detalhes meticulosos da armadura.

Quanto às armas, não havia como discernir. Nenhum machado, espada, lança, martelo ou qualquer outra arma conhecida por Maú estava à vista. O ser portava um tipo de caniço cilíndrico, feito do mesmo material de sua armadura, porém de tonalidade mais escura, que se encontrava preso em sua cintura.

Ao aproximar-se do casal, Marikumana estendeu a mão em direção a Maú e entregou-lhe seu filho. De perto, Maú pôde apreciar o tamanho imponente da criatura, que segurava Taurepang em um de seus braços, enquanto o outro carregava uma pequena haste prateada, de aspecto cilíndrico.

Maú dirigiu-se ao ser, tomou seu filho nos braços e o levou de volta à família. Taurepang estava

inconsciente. Marikumana aproximou-se do curumim adormecido e murmurou palavras em uma língua desconhecida para Maú. Em seguida, colocou uma pedra cônica sobre a boca e o nariz do menino. De repente, o garoto começou a expelir a água que havia engolido e voltou a respirar normalmente. Marikumana ergueu-o pela mão e entregou-o a Rupunini, dizendo:

Marikumana – Agora ele está seguro. O que vocês estão fazendo aqui?

Maú – Estamos fugindo de homens que desejam nos prender e nos levar como escravos para uma terra desconhecida.

Marikumana – Sigam-me. Vou mostrar o caminho para fora da caverna.

Maú e Rupunini seguiram Marikumana através da gruta, sentindo-se aliviados por terem encontrado ajuda. Uma pedra enorme moveu-se como uma porta e eles passaram por ela, adentrando um caminho iluminado e completamente diferente, como se tivesse sido esculpido nas rochas.

Eles se sentiram protegidos pelo brilho radiante que emanava do ser etéreo e avançaram determinados a

encontrar a saída da gruta e retornar para casa. Marikumana os guiou pelos labirintos escuros da gruta, iluminando o caminho com uma luz resplandecente que emanava de suas mãos. Agora, avançavam com facilidade, pois Marikumana parecia conhecer cada caminho da gruta.

O poder do ser era assustador. Ao se aproximar das pedras que bloqueavam o caminho, ele apontava seu caniço e uma luz verde se acendia na ponta. As pedras flutuavam no ar, sendo movidas para fora do caminho.

Após um longo período, finalmente chegaram à saída da gruta e respiraram o ar fresco da floresta, agradecidos por terem escapado daquele lugar misterioso e perigoso.

No exterior da caverna, puderam observar mais detalhadamente a criatura que os havia ajudado. Marikumana era uma figura singular, com um olhar enigmático. Tinha a aparência de um ser humano, porém estava vestido com uma armadura mágica que parecia ter sido criada por deuses. A armadura cobria todo o seu corpo, deixando apenas o rosto à mostra. O rosto de Marikumana era pálido e delicado, com olhos grandes e

expressivos que pareciam observar o mundo ao seu redor com constante curiosidade, revelando a singularidade de sua natureza.

Maú e sua família estavam seguros e livres, graças a Marikumana. No entanto, Maú sentia algo incomum na criatura que o auxiliara a salvar seu filho. Embora não pudesse explicar exatamente o que era, uma sensação de desconforto o acompanhava. Apesar disso, decidiram seguir em frente, adentrando uma floresta desconhecida.



CAPÍTULO 8 — Um Novo Dia

Os Últimos a Saírem

Ainda nas profundezas da caverna, Quisquis, ao reorganizar seu grupo, estava tomado pela fúria ao perceber que havia perdido a maioria de seus homens, o que apenas intensificou seu desejo de capturar a família procurada. Ele ordenou aos soldados remanescentes que continuassem a busca incansável e que não desistissem até tê-los capturado.

O ajudante Yumil, com um tom de preocupação, questionou Quisquis:

Yumil – Comandante Quisquis, o senhor acredita verdadeiramente que seremos capazes de encontrar o assassino de seu filho nesse labirinto? Parece que a caverna se estende infinitamente e está cheia de perigos. Será que não seria melhor voltarmos e bloquear as entradas, deixando-os aqui para morrerem de fome?

Quisquis, com um olhar firme, respondeu:

Quisquis – Se voltarmos agora, deixaremos escapar aqueles que trouxeram dor ao meu coração. Devemos enfrentar os perigos dessa caverna e buscar

justiça para meu filho. Não podemos permitir que escapem impunes.

A determinação nos olhos de Quisquis mostrava que ele não iria recuar. O comandante estava disposto a enfrentar todos os desafios e perigos que o labirinto apresentava em sua busca incansável pelo responsável pela morte de seu filho. O destino dos fugitivos estava traçado, e Quisquis estava determinado a alcançá-los, não importando o quão profundos fossem os abismos da caverna.

Quisquis – Eu não me importo com os perigos desta caverna, soldado. Farei qualquer coisa para encontrar a espada e o guerreiro que a empunhava, para que possam pagar por seus atos. Eles são de grande valor para nosso deus Kinich Ahau e podem trazer sorte e poder para nossa nação. Não permitirei que um único homem se coloque em meu caminho.

Yumil expressou suas preocupações ao comandante:

Yumil – Mas, comandante, já perdemos metade de nossos homens aqui. Seria melhor desistirmos e buscarmos outro plano?

Quisquis, firme em sua determinação, respondeu:

Quisquis – Ao longo de tantos anos de batalhas, nunca cedi, não treino vocês para desistir, nem mesmo meu filho foi ensinado a fraquejar. Suas palavras me ferem. Como é possível que você, cujas veias pulsam o sangue dos deuses criadores deste universo, tenha medo? Nosso povo foi escolhido para conquistar tudo o que nossos olhos contemplam. Quem é esse tapurú para se atravessar em meu caminho? Não! Eu não permitirei que esse desconhecido escape impune. Ele será responsabilizado por suas ações. Continuem a procurá-lo. Não descansaremos até que o tenhamos capturado.

O sol começou a raiar, dissipando a escuridão da caverna e revelando um caminho para Quisquis e seus soldados.

Yumil apontou para uma direção e exclamou:

Yumil – Comandante, olhe! Parece haver uma saída da gruta naquela direção!

Quisquis respondeu prontamente:

Quisquis – Aumentem o ritmo. Não podemos deixá-lo escapar.

Os soldados seguiram Quisquis em direção à saída

da caverna, empunhando suas armas e prontos para enfrentar qualquer ameaça que surgisse. Apesar do cansaço e da sujeira, sua determinação em encontrar Maú e capturá-lo permanecia inabalável.

Quisquis alertou seus soldados:

Quisquis – Fiquem atentos, soldados. Ele pode estar se escondendo em qualquer lugar. Não podemos permitir sua fuga.

Os soldados assentiram e continuaram a seguir Quisquis, mantendo os olhos abertos em busca de qualquer sinal de Maú e sua família. Embora não soubessem o que os esperava do lado de fora, estavam decididos a cumprir a missão que lhes fora confiada.

Os soldados avançaram em direção à luz do dia e encontraram uma clareira junto a um rio, revelando uma imensa câmara com o teto desabado há muito tempo, formando uma floresta aprisionada em um profundo abismo. As paredes imponentes erguiam-se a vários metros de altura, curvando-se em direção ao centro e tornando a escalada impossível.

Enquanto Quisquis e seus soldados buscavam uma saída, depararam-se com o rio que bloqueava o

caminho. Quisquis observou a água e percebeu que não havia forma de atravessá-la. Ao encarar o medo estampado nos rostos dos soldados, ele compreendeu que não poderia permitir mais baixas em sua missão, e decidiu encontrar outro caminho.

Na margem do rio, encontraram vestígios e pertences que indicavam que a família havia passado por ali. Pegadas marcavam o solo próximo ao rio, apontando em direção a uma parede. Determinados, decidiram seguir os rastros.

Após horas de esforço, finalmente encontraram a saída, já quase ao meio-dia. Ao se afastarem da caverna, Quisquis ouviu gritos e sinalizou para que seus homens parassem.

Quisquis questionou:

Quisquis – Que gritos são esses?

Os soldados se entreolharam, incertos sobre qual resposta dar ao comandante.

Yumil tomou a palavra:

Yumil - Senhor, estamos exaustos e famintos, perdemos companheiros e precisamos descansar. Acreditamos que o senhor também esteja fatigado. Talvez

sejam apenas ilusões auditivas causadas pelo cansaço.

Quisquis sabia exatamente o que tinha ouvido e compreendia que eram os espíritos dos soldados presos, clamando por vingança.

Decidiram então fazer uma pausa para descansar, buscar algum alimento na caça e em seguida continuar a busca pela família.

Sem Amigos

Maú e sua família encontravam-se exaustos, assustados e cansados após um dia de fuga por rios, florestas e todo tipo de terreno, com a memória do terror do dia anterior alimentando sua determinação em escapar dos perseguidores a todo custo.

Durante todo o dia, correram incansavelmente, alimentando-se de frutas e outros alimentos de preparo rápido, uma vez que a região em que se encontravam era desconhecida e a constante sensação de serem observados pairava sobre eles. A paisagem da nova região era bela, com suas florestas exuberantes, montanhas majestosas e um clima frio e úmido. Porém, sempre se mantinham vigilantes, olhando por cima dos ombros para se certificar de que não estavam sendo seguidos. Ao passar por aldeias, alguns os acolheram de bom grado, enquanto outras lhes negaram a passagem, forçando-os a contornar esses obstáculos sem qualquer auxílio, pois eram considerados estranhos naquelas terras desconhecidas.

Com o cair da tarde e o sol perdendo seu brilho,

Maú sabia que era crucial encontrar um local seguro para proteger sua família. Apesar de estarem muito distantes de suas terras conhecidas, ele estava determinado a encontrar um abrigo onde pudessem descansar e planejar sua próxima ação com cautela.

A Floresta de Xuruguara

Maú não sabia, mas conseguiu tomar uma boa distância dos seus perseguidores e o fim do dia estava próximo quando eles chegaram em um local muito sombrio chamado Xuruguara. Maú já tinha ouvido lendas da floresta de Xuruguara, que era um lugar perigoso, onde muitos entram e desaparecem. O lugar é cheio de árvores enormes e velhas, com folhagem densa que bloqueava a luz do sol. O ar era pesado e úmido, e o solo estava coberto de musgo e folhas apodrecidas. O lugar era infestado por animais perigosos, como jaguares e cobras venenosas, e havia também rumores de espíritos malignos que habitavam a floresta.

Maú sentia-se desconfortável e inseguro ao se aventurar por aqueles lugares, mas sabia que não tinha outra opção senão continuar avançando, pois ainda não encontrou um lugar seguro para sua família. Eles chegaram já no início da noite.

A noite caía e não havia luar, enquanto caminhavam, ouviam o som de galhos se quebrando e o esturro de animais ferozes ao longe. Maú segurou a

espada com mais força e olhou para todos os lados, tentando encontrar um lugar seguro para acampar. Ele sabia que não podiam ficar ali por muito tempo, pois tinha a sensação de estarem ainda sendo perseguidos.

As Árvores que andam

Maú percebeu que, enquanto caminhava em meio ao início da noite, o caminho por onde passavam estava desaparecendo. As árvores pareciam mudar de lugar enquanto eles andavam na escuridão. Ao olharem para trás, não reconheciam o caminho percorrido, pois ele estava diferente. Sentiam a terra tremer suavemente, como se um rio estivesse passando por baixo. Devido à escuridão, não conseguiam ver à sua frente. A tocha improvisada não emitia luz suficiente para iluminar o caminho com segurança.

Em dado momento, depois de um bom caminho percorrido, eles viram as árvores se mexerem. Maú focou com sua tocha e viu algumas árvores se movendo, retirando suas raízes do chão e dando um pequeno passo para o lado. O chão se comportava como areia da praia, solta, permitindo essa movimentação. Galhos começaram a se mover em direção à família, como se impedissem o caminho naquela direção. Galhos secos e velhos, como grandes mãos fechando a passagem, tornando o momento assustador. Maú sentiu um arrepio percorrer sua coluna,

enquanto observava com medo a passagem sendo bloqueada pelos galhos secos e velhos.

Maú e sua família param e se veem cercados por árvores gigantes, com troncos enormes que seriam necessários quatro homens para circundar todo o tronco. Eram criaturas ágeis, pois, devido ao seu tamanho, conseguiam se mover com leveza, a ponto de somente se ouvir o barulho de folhas e sentir pequenos tremores no chão.

Cercados pelas árvores, Maú e Rupunini não sabiam o que fazer, nunca tinham tido contato com esses seres antes e nunca tinham ouvido histórias de árvores que se movem. O bebê Kamarakoto começa a chorar, pois um inseto tinha entrado na cesta improvisada por Rupunini e o picara na coxa direita. Rupunini solta a lança e socorre o bebê, ela se prostra no chão como se estivesse fazendo um sinal de reverência para ver o bebê, enquanto Maú, de espada empunhada, continua em posição de defesa. Os outros filhos ajudam a mãe com o bebê, pois o inseto ainda estava dentro da cesta e o bebê estava chorando de dor e com gritos ainda mais altos. Vendo o desespero do bebê, Maú abaixa a espada e

também ajuda a criança, quando percebe que Rupunini está chorando devido à situação. A luz da tocha não ajuda muito, eles conseguem retirarem a criança da cesta, percebem o machucado na coxa do bebê e acham o marimbondo, que parecia ser de cor preta, com amarela.

A família no chão atendendo o bebê atraem mais insetos o que chama a atenção de outros animais como morcegos e pássaros noturnos que passavam voando baixo, capturando esses insetos que estavam envolta da família e que se alimentam de sangue.

A picada do inseto deixou o local inchado. Com o tempo, o bebê se acalmou e a família esqueceu o encontro com as árvores, pois quando se levantaram para olhar em volta, as árvores gigantes haviam sumido e o caminho estava livre.

Eles seguiram a viagem em silêncio, pensando no que tinha acontecido. O caminho estava mais escuro, o que permitiu que eles aumentassem o fogo da tocha e enxergassem mais longe. O brilho rápido dos olhos de animais escondidos na vegetação demonstrava que aquela região era pouco visitada pelos moradores próximos.

Eles se aproximaram de uma pedra diferente que estava no caminho por onde iam, quando ela se moveu, assustada com a presença deles. Não era uma pedra e sim um enorme tatu¹⁵, com seu casco quase do tamanho de Maú. O animal tinha um rabo muito perigoso com espinhos, parecendo um martelo de pedra com pontas. O tatu não atacou a família, apenas correu para o meio da floresta assustado. Maú e os seus também ficaram assustados com a visão do animal de tamanho gigantesco.

A noite já tinha caído, e a família de Maú caminhava com cautela pelo escuro da floresta de Xuruguara, tentando encontrar um lugar seguro onde pudessem descansar e se proteger. A noite era ainda mais sombria devido à ausência de luar, o que dificultava a visão e o caminho. Rupunini carregava em sua mão uma lança e em suas costas o filho mais novo em uma cesta improvisada que fez com palha. O menino estava sendo levado nas costas, enquanto os outros dois seguiam perto dos pais, olhando nervosos para o escuro em volta. Maú

¹⁵ Tatu Gigante - *Holmesina criptae*, animal pré histórico que viveu entre 10 e 20 mil anos atrás.

segurava a espada pronta para qualquer eventualidade, enquanto tentavam se orientar pelo som dos animais e pelo cheiro da terra e das plantas.

Um Abrigo para o Frio da Noite.

Um vento frio e constante corre pela floresta, trazendo uma neblina que dificultava ainda mais a visão do caminho e o frio tomou conta do local. A queda da temperatura foi rápida, aumentando a necessidade de encontrar um abrigo para passar a noite. Depois de algum tempo andando, eles chegaram a uma parede de rocha, e ao tentarem contorná-la, encontraram uma caverna que parecia segura e se esconderam lá. Maú entra primeiro e observa todo o local, havia ossos secos no centro da caverna, o que indicava que algum animal dormia no abrigo. Rupunini entra e acende uma fogueira para aquecer a todos.

Maú procura fechar as entradas e saídas do local para garantir que nenhum animal encontrasse a família. Após estarem acomodados e o local estar protegido, Maú improvisa uma porta para fechar a entrada da caverna.

Cansados de se alimentarem de frutas, Rupunini e Maú decidem comer algum tipo de carne que desse forças para eles continuarem a jornada. Então, Maú decide caçar algum animal para alimentar sua família

naquela noite.

Rupunini avalia o local e a segurança das passagens fechadas, já que eles não sabiam quanto tempo Maú ficaria for a procurando comida. A caverna, assim como a anterior, tinha uma saída daquela câmara que levava um caminho mais profundo na rocha. Rupunini conseguiu, junto com seu filho mais velho, reforçar o local com pedaços de madeira e outros materiais. A câmara era grande e bem protegida, não tinha sinais de cobras e outros animais peçonhentos. Eles também reforçaram a porta.

A Caçada Noturna

Maú não era de caçar à noite, pois sabia dos perigos das florestas ao anoitecer, mas seus filhos estavam com fome, o que o motivou a sair naquela noite em busca de algum animal.

Ele não havia preparado armadilhas, mas conhecia os hábitos de alguns animais noturnos. No caminho para a caverna, eles haviam passado por um pequeno igarapé, um local onde os animais vão beber água.

Ele caminhava pela mata sem fazer barulho, prestando atenção a todos os sons ao seu redor. Os cantos dos grilos e outros insetos dominavam a noite. Um cheiro estranho toma o ar, como o de um animal morto. Era o odor de carne apodrecida. Maú se afasta do cheiro, pois animais mortos atraem animais carniceiros, como lobos e outros. Ele não conhecia a mata onde estavam e não queria se arriscar.

Ele chega no igarapé que havia visto no caminho e decide esperar alguma caça.

Um Banquete na Caverna

Maú volta para a caverna com tucumãs e uma paca.

Maú diz, maravilhado com a rapidez da caçada:

Maú - A floresta é muito rica, achei um pé de tucumã e comendo tucumã, encontrei esta paca¹⁶, que cacei para que pudéssemos comer esta noite.

Rupunini pega o animal abatido e com sua faca o prepara para que todos possam comer a paca assada na fogueira.

O jantar estava servido e todos comiam tucumã com carne de paca assada. Maú comenta que sente falta de farinha de mandioca e beiju de tapioca.

Após todos terminarem de jantar, como é de costume na família, Maú começa a contar histórias da terra de seu pai. Contava para eles sobre suas lutas nos tempos em que morava em seu país.

Naquela noite, ele lembrou de uma história que seu pai contou sobre seu avô. Contou que na juventude, seu avô teve uma demonstração do poder da espada.

¹⁶ Paca = *Cuniculus paca* - A paca é uma espécie de roedor da família Cuniculidae.

Lembrou-se de que seu pai falava que seu avô tinha algumas semelhanças com ele mesmo: ruivo, alto e com corpo musculoso de um guerreiro. Ainda não tinha barba e não tinha se casado, pois era muito jovem. As famílias da aldeia de seu pai valorizavam homens guerreiros e experientes em batalhas, pois sabiam que eles iriam defender suas casas.

Maú - Os lobos estavam atacando os aldeões e seus animais. Os ataques eram terríveis, a ponto de todo o povo ter medo de sair à noite. Começaram com alguns animais pequenos que sumiam, e com o tempo, os ataques à aldeia aumentaram e não paravam. Alguns já estavam ocorrendo à luz do dia, algo incomum para lobos. Eles armavam armadilhas, mas os animais as destruíam. A população da aldeia não sabia o que fazer. Eles não sabiam, mas estavam sendo atacados por um lobo gigante o Cúchulainn¹⁷. Esse lobo estava atacando principalmente os ech¹⁸, os ba¹⁹, caera²⁰. Nesse momento, Taurepang e Arekuana perguntaram ao seu pai:

Taurepang - O que são ech?

¹⁷Cúchulainn = “O cão de Culann, Lenda antiga irlandesas.

¹⁸ Ech = significa “cavalo” em irlandês antigo;

¹⁹ Ba = gabo em irlandês antigo;

²⁰ Caera = ovelhas em irlandês antigo;

Arekuana - E o que são ba e ca, ca...

Maú - Caera, meu filho Arekuana, e ba são os animais que eles criam para comer quando chega o inverno.

Maú - Taurepang, meu pai me contou que na terra de onde ele veio, existem os ech, animais bonitos, fortes e grandes. Eles permitem que os homens possam montá-los e fazer grandes viagens. Um grande guerreiro em seu país deve ter uma boa espada, um bom escudo e bons ech. Os ech têm quatro patas e correm rápido como o vento. Eles são de várias cores, como branco, cinza, preto, vermelho e marrom. Possuem cascos nas patas que lhes permitem correr muito rápido. A cabeça do ech é grande e elegante, com olhos grandes e expressivos e orelhas móveis. Eles têm uma cauda longa e espessa que balança enquanto correm. Possuem língua áspera e dentes afiados que usam para morder alimentos.

Maú – O lobo estava atacando os aldeões e os animais, e o pai de meu pai, o grande "Ivar, o Sem Medo", decidiu juntar alguns homens e ir caçar esse monstro. Ele reuniu toda a aldeia para saber quem teria coragem de ir caçar o lobo, mas nenhum homem se voluntariou. Então,

ele decidiu ir sozinho atrás do animal.

Maú - Após algum tempo andando na “fidh²¹”. Taurepang pergunta novamente a seu pai.

Taurepang - O que são fidh?

Maú – Meu pai contou que lá naquelas terras, em alguns períodos do ano, caía do céu água em flocos brancos, essa chuva era chamada de altha²². Ela se acumulava no chão formando montanhas de fidh, que cobriam casas, montanhas, árvores e caminhos. Os rios congelavam e ficavam duros como pedra, com o aumento do frio, e derretiam com o calor ou com o fim do geimhreadh²³, o que papai comparava ao nosso período de chuvas, o ôrã²⁴.

Naquele momento, o som de estrondos de trovões e os clarões de raios iluminam a caverna e uma chuva forte começa a cair lá fora. Um vento corre pela caverna, e Maú e Rupunini acomodam as crianças para dormirem. Ele volta a contar a história.

Maú - Meu avô se viu sozinho para caçar o animal e durante o dia saiu para preparar armadilhas. Os

²¹ Fidh = neve no chão em irlandês antigo;

²² Altha = neve que cai do céu;

²³ Geimhreadh = inverno em irlandês antigo

²⁴ Ôrã – inverno em macuxi

moradores pediram para que ele não fosse, pois ele poderia não sobreviver ao tentar enfrentar os lobos, que são os animais mais ferozes em caçadas e usam estratégias de ataque, e que não andam sozinhos, mas sim em bando. Naquela noite, ele arrumou seu ech e esperou a noite ficar bem escura. Armado com uma lança, um escudo e uma espada, ele foi em direção às armadilhas. O vento frio trazia uma chuva de altha, o tempo mudou rapidamente e começou a formar uma tempestade. Ele já estava há um bom tempo caminhando e não tinha mais como voltar para a aldeia. A noite era a mais escura que ele já enfrentara.

Arekuana – Papai!? E o vovô?

Maú – Naquele tempo, o vovô ainda não tinha nascido, pois o pai dele ainda não tinha provado seu valor como guerreiro. Eram tempos de paz e muitos jovens naquela época ainda não tinham experimentado a guerra. Voltando para a história! Enquanto ele caminhava, procurou um abrigo da tempestade. O ech tinha dificuldade para caminhar, pois o fidh estava na altura de suas patas. Ivan desceu do animal e conseguiu enxergar algumas árvores, e decide ir na direção delas. O frio

aumentou e sua roupa não era suficiente para aquecê-lo naquele momento. Ele tinha colocado entre os materiais que iria caçar os lobos algumas ferramentas para fazer fogo, mas sabia que precisava de um abrigo contra o vento.

Maú – O vento forte não permitia que ele ouvisse os sons dos ech.

Taureoang – Pai, qual era o som dos ech?

Maú – Seu avô falava que esses animais faziam vários sons, mas o som que os identificava era o “IIIRRRRÍ!”.

Naquele momento, todos caíram no riso e as crianças ficaram imitando o barulho que seu pai Maú tinha feito. Maú, ao ver todos rindo, admirou o momento e pensava consigo mesmo que tudo aquele problema um dia iria acabar e ele e sua família poderiam ter momentos como esse novamente, em uma casa e não em um abrigo em meio a floresta. As crianças começaram a brincar umas com as outras, imitando o animal que o pai tinha descrito.

Arekuana – Pai, continua a história.

Maú – Sim! Meu avô contou para meu pai que

estava perdido em meio à tempestade, e que a tempestade parecia não ter fim. Naquele momento, ele conseguiu chegar aos pés de uma árvore grande, e ao redor daquela árvore tinham outras árvores de igual tamanho, mas com troncos menores. Ele viu que aquele local era bom para acender uma fogueira e se aquecer. E foi o que ele fez. Protegido do vento frio, ele acendeu uma fogueira e se sentou encostado na árvore.

O fogo da fogueira era bom e quente, o que permitiu que ele e o ech se aquecessem. O vento acalmou e surgiu o céu com lindas estrelas que apareciam e se escondiam em meio às nuvens. Umaz luzes verdes apareceram no céu, com uma dança linda, era o grianstad²⁵. Ele ficou encantado com a beleza e esqueceu de olhar ao seu redor, observando o grianstad que parecia lutar com as nuvens para aparecer no céu. Meu pai contou que os lobos caçam em bando, com mais de oito animais. Diferentes dos que temos aqui, eles têm pelos brancos e cinzas, o que dificulta enxergar o animal na paisagem. Distraído com as luzes verdes no céu, ele ouve um som assustador.

²⁵ Grianstad = Aurora boreal;

Maú – Auuuu!! Era o som mais assustador que meu avô já tinha ouvido.

Todos caem em risos e brincam novamente, e risos ecoam pela caverna. Rupunini pede para eles não fazerem tanto barulho. Nesse momento o som de trovoadas e da chuva interrompe a história indicando que a chuva não ia passar tão cedo e que era muito forte. E Maú volta para a história.

Maú - Era um lobo diferente dos outros, era grande e estava longe. Meu pai contou que ele era um lobo amaldiçoado, pois não tinha bando, andava sozinho e, devido ao seu tamanho, caçava todos os animais, até mesmo lobos de menor porte.

Continuou Maú – Meu avô se levantou e observou o local, ao longe viu o animal vindo em sua direção, sem brilho nos olhos. Era um animal formidável e terrível, não tinha outros lobos com ele. Ivan correu para se esconder. O lobo uivou mais uma vez, e dessa vez o ech se assustou, ficando agitado e dando chutes no ar, tentando se soltar da corda que o prendia. Meu avô percebeu que o animal era cego, e que estava se guiando pelo faro e pelo ouvido. O lobo tinha várias cicatrizes em seu corpo, faltava parte

do focinho e da orelha esquerda, e havia cicatrizes de garras pelo corpo, sinal de lutas com animais de tamanho semelhante.

Ao sentir a presença do ech, o lobo correu em direção ao animal. Ivan soltou a corda que o prendia, e o animal saiu em disparada para a floresta congelada. O lobo passou por Ivan como se ele não existisse. Ao passar perto dele, Ivan percebeu que o animal era maior que ele. A agilidade do lobo em correr na neve era impressionante, e o ech não tinha chances de sobreviver a esse ataque. A poucos metros do meu avô, o lobo atacou e derrubou o ech, mordendo seu pescoço e o sufocando até a morte. O animal tentou lutar, mas não teve forças para escapar do terrível lobo.

Tomado de fúria e pavor, meu avô correu na direção do animal com a lança em mãos e a lançou, atingindo-o na pata traseira e provocando um grande ferimento.

O animal sente o ataque e se volta para onde meu avô está, uivando, rosnando e buscando com o faro o local onde ele se encontra. Meu avô fica imóvel. O animal agarra o pescoço do ech com uma mordida e o arrasta

para o seu esconderijo.

Taurepang - Pai, o lobo não sentiu que o seu avô estava lá?

Maú - Meu avô já tinha caçado antes e sabia que o caçador deve sempre identificar a direção do vento e se posicionar em relação a caça, para evitar que o animal o perceba pelo faro. Assim, ele ficou contra o vento e permaneceu imóvel, evitando ser detectado. Ele seguiu o animal até onde ele se escondia, pois o sangue do ferimento e a dificuldade em caminhar deixavam rastros no chão. Após algumas horas de caminhada, o lobo chegou a um buraco coberto por árvores caídas e fídh, onde entrou. Meu avô passou a noite toda escondido, esperando para matar o animal no dia seguinte.

O vento frio havia parado e as nuvens tinham passado, deixando somente as luzes verdes no céu e as estrelas iluminando a noite. Meu avô percebeu que não havia outros lobos no local e que nenhum outro animal apareceu.

Ao amanhecer, meu avô entrou com cuidado no buraco estreito somente com sua espada. Ele se arrastava e buscava não fazer barulho, havia iluminação lá dentro,

e ele pôde ver vários ossos e carcaças de animais e lobos mortos no local. O cheiro de carne podre dominava o lugar. Ele pegou um pouco de carne apodrecida e passou em seu corpo, caminhou para o centro da caverna e viu o animal dormindo. Ao lado dele, estavam os restos do "ech", e a lança ainda estava cravada em sua colcha e não na pata, como pensava antes. Mesmo tendo cuidado ao se aproximar, o animal percebeu que algo estava se aproximando e acordou. Farejando, buscava identificar o que estava se aproximando. Meu avô percebeu que o animal não sabia onde ele estava e de joelhos se aproximou com a espada preparada para dar um golpe fatal.

O instinto do animal falou mais alto nesse momento, e com uma patada, ele atacou meu avô, lançando-o na parede do outro lado da caverna. Ele bateu na parede e sentiu dificuldade em respirar devido ao golpe do animal.

O lobo se levantou e foi em direção ao homem caído. No chão, o caçador pôde perceber de perto o tamanho real do animal e sentir o odor que saía de sua boca, com cicatrizes devido à falta de alguns dentes. Meu

avô ainda estava no chão, tentando recuperar o fôlego e atordoado pelo ataque, segurando a espada com uma de suas mãos. O animal mordeu sua perna e o puxou, mas a mordida não feriu, pois a roupa que usava era grossa devido ao frio. Ele o puxou novamente com as patas, ficando parado sobre ele. O animal rosnava para ele, mas não o enxergava, tentava farejar para identificar o agressor.

Ivan conseguiu dar um golpe com a espada que foi amortecido pelo couro do animal, mas a força foi tanta que quebrou um osso do ombro do animal. Ainda não entendendo o que estava acontecendo, o animal se afastou, mas não demonstrou sentir dor. Com uma das patas dianteiras sem forças e uma das patas traseiras machucada, ele tentou sair da caverna. Meu avô se levantou e, segurando a espada com as duas mãos, correu e cravou a espada na parte traseira do animal. O animal sentiu o golpe e uivou de dor.

Maú – Caim, caim, caim!!! Grita o animal de dor. Meu avô retira a espada do corpo do animal e desfere mais golpes no animal, que revida com mordidas no ar. O bafo de carne podre e o estalo de dentes se chocando no ar

eram terríveis. Ivan, escapando de uma mordida, gira no ar e com um só golpe corta a garganta do animal e então ele desaba tremendo e jorrando sangue pelo chão da caverna. Naquele momento, uma tempestade se forma lá fora, e Altha cai do céu, fazendo com que meu avô Ivan tenha que esperar a tempestade passar.

Passaram-se dois dias para ele retornar para sua aldeia, e os moradores acreditaram que ele também era mais uma das vítimas do animal.

Ele volta para a aldeia já depois da metade do terceiro dia e com uma corda amarrada em sua barriga, arrastando a cabeça do animal e com as peles do lobo gigante e dos demais animais mortos no esconderijo. Isso rendeu uma pequena riqueza para ele, pois as peles desses animais eram preciosas para eles. A partir daquele dia, meu avô passou a ser chamado de Ivan, o sem medo.

O Mapinguari

A chuva lá fora não parava, e o som de trovões e a força do vento faziam com que as árvores da floresta estalasse. Sons de folhas sendo surradas pela força do vento demonstravam que a chuva que caía era muito forte. As crianças estavam dormindo e Rupunini e Maú estavam conversando.

Maú – Gostei do local, amanhã irei sair mais cedo para caçar e conhecer a área. Precisamos de água para beber e eu preciso saber se tem alguma aldeia próxima e se não estamos no território que pertence a alguém.

Rupunini – Estou cansada de fugir. Ela falava ainda emocionada. – Será que iremos voltar a ver nossas famílias?

Maú – Você viu que eles estavam caçando a todos como animais e eram homens bem preparados. Não posso mentir. Não tenho esperanças.

Rupunini – Eu sinto falta da minha mãe. Pra você parece fácil falar assim. Eu sempre estive presente com eles e nunca tinha ficado sem vê-los.

Maú – Devemos pensar em nossos filhos. Faremos

o seguinte: achemos um local seguro para morar e depois nos organizamos para voltar. O que você acha?

Rupunini – Promete?

Maú – Prometo!

Nesse momento, Rupunini sorriu para Maú e o beijou, dizendo:

Rupunini – Sabe que eu sempre irei amar você! Os deuses me deram você e eu sou sua!

Maú – Sabe que farei o que for preciso para proteger vocês, são tudo para mim.

Rupunini – Bem, acredito que os soldados não estão nos seguindo, e se esse local for bom para ficar, nossa casa será maior que a antiga. Nunca pensei em morar em uma caverna. Vou sentir falta do som do mar.

Maú – Também sentirei falta, agora descanse, você carregou o bebê o dia todo. Podemos precisar viajar amanhã.

Rupunini se vira e abraça os dois filhos mais novos, enquanto Maú está deitado com o mais velho em seus braços e se posiciona para dormir.

O som de trovoadas não para e o barulho da chuva aumenta, indicando que ainda havia muita chuva para

cair a noite toda.

A fogueira já estava apagando e o casal já estava dormindo, quando Maú sentiu um cheiro de animal morto parecido com o que sentiu quando estava caçando. O odor estava aumentando, a ponto de incomodar, e ele se levantou e acordou Rupunini que já tinha pegado no sono.

Na entrada da caverna que havia sido fechada pela família, um animal começa a forçar a entrada e eles, lá dentro, ouvem grunhidos estranhos vindos do lado de fora. Parecia que algo grande e ameaçador estava à espreita, tentando entrar na caverna.

Maú corre em direção à porta e começa a dar pequenos golpes em quem quisesse abrir a entrada da caverna. Um dos golpes acerta o animal, que dá um grunhido assustador.

- Uar!!! Grrr!!!

As crianças buscam abrigo nos fundos da caverna, enquanto Rupunini, com sua lança, ajuda Maú na defesa da entrada.

A família ficou tensa e apreensiva, tentando descobrir o que poderia ser aquela criatura que os

observava do lado de fora. O animal queria entrar na caverna.

Taurepang reacende a fogueira para melhorar a visão dentro da caverna. Foi quando perceberam que parte da entrada já tinha sido derrubada, permitindo que o animal pudesse ver quem estava dentro e que os membros da família pudessem ver, ainda que parcialmente, o animal do lado de fora.

Os raios emitiam um brilho que projetava uma grande sombra que se movia lentamente em volta da caverna, fazendo a terra tremer a cada passo. Os grunhidos que eles ouviam eram profundos e guturais, parecendo sair de um animal enorme. O bafo quente e fedorento entrava pelas frestas da caverna, fazendo a fogueira vacilar e os membros da família de Maú se encolherem ainda mais perto da proteção do fogo. As chamas refletiam-se nos olhos vermelhos brilhantes do Tô-óri Wainhuru²⁶,

Maú – É o Mapinguari²⁷, acredito que ele esteja

²⁶ Tô-óri Wainhuru = Preguiça Gigante em macuxi;

²⁷ O Mapinguari é uma criatura lendária da mitologia amazônica, presente em várias culturas indígenas da região, como os Baniwa, Yanomami e outros povos. De acordo com a lenda, o Mapinguari é uma espécie de monstro gigante, peludo e com uma boca enorme, que vive nas profundezas da floresta e é temido pelos caçadores.

procurando abrigo da chuva. Os moradores locais chamam esse animal assim. Eu senti esse cheiro na floresta antes, acredito que estamos em um dos seus abrigos. Talvez ele estava espreitando na floresta e me seguiu até aqui.

O Mapinguari estava com expressão de avidez, atacando a entrada da caverna buscando entrar. Era uma criatura enorme, com pelos grossos e longos que cobriam seu corpo. Andava sobre as quatro patas, mas para atacar ficava sobre as patas traseiras. Tinha em suas patas dianteiras poderosas garras que chegavam ao tamanho de um antebraço de um homem, afiadas o suficiente para cortar a carne de suas presas com violência e arranhar rochas. Todo ataque do animal jogava terra e pedras para dentro da caverna. Sua cabeça era grande e poderosa, com olhos brilhantes e uma boca cheia de dentes afiados.

O Mapinguari tentou entrar na caverna para atacar a família de Maú. Ele se moveu lentamente, mas com determinação, enfiando sua pata com garras pelo buraco aberto e tentando puxar alguém de dentro para fora da caverna. No entanto, devido ao seu tamanho e ao espaço aberto na entrada da caverna, ele não conseguia,

pois tanto Maú como Rupunini o atacavam.

O casal estava conseguindo evitar que o animal entrasse na caverna, e os ataques estavam acontecendo de forma pausada: ele atacava, e o casal se defendia. Ele parava o ataque e ficava tentando ver pelo buraco aberto para atacar novamente.

Com a insistência do animal em querer entrar, Maú decidiu abrir a outra entrada da câmara que dava acesso à área mais funda da caverna, deixando Rupunini com sua lança defendendo a entrada principal. Ela sabia que o Mapiquari era um animal temido na floresta de Xuruguara por suas garras afiadas.

O animal, vendo Rupunini com sua lança, deu um passo para trás e começou a emitir grunhidos ameaçadores. Rupunini não se deixou abalar e, com um grito de determinação ameaçou o animal de dentro da caverna.

Rupunini – Ah!!! Vem aqui seu bicho fedido!!!

O animal sentiu se desafiado e jogou-se com toda a força e peso do seu corpo, derrubando a improvisada barricada na entrada. O estrondo da barreira caindo não intimidou Rupunini, que estocou o animal com a lança. A

estocada feriu uma das patas do animal, que deu um berro de dor ao ser acertado. Parecia não querer desistir da briga, mas depois de alguns minutos de insistência, decidiu se retirar.

Rupunini não recuou e ficou de vigia, esperando outro ataque do animal. Tudo havia caído, mas depois de algum tempo, o Mapinguari sumiu de vista.

Maú seguido de seus filhos, conseguiu entrar mais fundo na caverna com uma tocha e procurou um local mais seguro dentro dela. Seguindo o som de um rio que se formava com as águas da chuva que corria para dentro da caverna, ele caminhou um pouco até encontrar uma câmara escondida no fundo dela. Ele deixou as crianças em segurança, fechou o local e voltou para buscar sua esposa.

Rupunini estava em prontidão e não percebeu Maú voltar. Ele chamou por ela, mas não obteve resposta, pois ela estava com os olhos fixos para fora da caverna, tentando ver se o animal ainda estava lá fora. Quando Maú tocou em seu ombro, ela se assustou, mas ficou aliviada e o abraçou. Ele a guiou até o local onde estavam escondidos e, ao chegar lá, seu filho Taurepang já tinha

acendido uma fogueira que iluminava o local.

Depois de algum tempo, eles puderam ouvir o Mapinguari arranhando e grunhindo do lado de fora da caverna, tentando chegar até eles, mas a passagem era muito estreita. Maú fechou a entrada da câmara com pedras e, assim, eles puderam descansar o resto da noite.

Com o passar do tempo, a fogueira se apagou e já não se ouvia nenhum ruído ou barulho do animal que os perseguia naquela noite, a chuva já não estava tão forte como antes. Foi quando uma luz espetacular iluminou a câmara. Maú estava de vigia quando um espetáculo de luzes mais bonito do que o da noite anterior começou mostrando a vida noturna da caverna. A família ainda acordada ficou hipnotizada, sentindo-se seguros e protegidos naquele lugar mágico.

O festival de luzes na caverna era um espetáculo deslumbrante. Insetos e animais de todos os tipos estavam iluminados, criando uma sinfonia de cores e formas. Alguns insetos emitiam uma luz fluorescente enquanto voavam, enquanto outros exibiam brilhantes padrões coloridos enquanto caminhavam pelas paredes da caverna. Pequenos roedores também estavam

iluminados, seus olhos brilhando como pequenas estrelas enquanto se moviam pelas sombras.

Era como se a caverna estivesse viva e pulsando com a luz da vida. Era uma visão hipnotizante que deixou Maú e sua família fascinados até todos caírem no sono. Era como se o lugar fosse um grande jardim de luzes, onde tudo parecia dançar e brilhar ao ritmo da música suave e envolvente que preenchia o ar. A família de Maú se deitou, encantada com o espetáculo, e adormeceu, sentindo-se segura e protegida pelo brilho acolhedor da caverna.

O dia estava amanhecendo e Maú buscou uma saída segura da caverna. Com cuidado, ele abriu a passagem obstruída, sem fazer barulho. Rupunini esperou Maú passar e fechou a passagem. Ainda estava escuro, então Maú usou uma tocha para procurar a saída da caverna. Ao chegar próximo ao local onde tinham entrado e onde o Mapinguari os atacou, Maú se aproximou com cuidado, observando por um buraco deixado para indicar a saída. Ele ouviu o som de ronco de um animal grande dormindo e gemidos de outro animal de menor tamanho, como o som de um filhote mamando.

Ele apagou a tocha e com cuidado observou o local. Lá estava um animal Tó-óri Wainhuru enorme, com cicatrizes de lutas pelo couro e a pata machucada. Com ele estava seu filhote, que era do mesmo tamanho de um homem adulto e estava mamando no abdome do animal. O local tinha um cheiro forte de folhas esmagadas. Maú observou que não tinha como passar pelo local sem despertar o animal e correr o risco de um ataque.

Ele voltou ao encontro da família e viu que um pequeno brilho estava entrando pela caverna. Seguiu a luz e encontrou um caminho mais largo que o anterior, com um lago dentro da caverna. O lago parecia ter sido formado pela chuva da noite anterior, transbordando em um pequeno igarapé. Maú seguiu o caminho formado pelo igarapé, que seguia em direção à luz no fim do caminho.

O sol ganhou mais força, e já era possível ver o verde das plantas no final do caminho. Maú chegou até a vegetação e usou sua espada para cortar e abrir caminho, quando se desequilibrou no lodo formado pela água do igarapé na rocha. Ao escorregar caiu no chão e começou a descer e ganhar velocidade em direção à saída, quando foi jogado para fora da caverna de uma altura de uma

árvore.

Maú gritou de medo ao ser lançado para fora da caverna, caindo dentro de um lago formado pela queda d'água. A água estava gelada e havia muitos pés de buritis. A paisagem já não era de floresta e sim de savana, cortada por igarapés, pedras escuras e pés de buritis. Era um local muito lindo. Ele tinha alguns arranhões da queda, mas nada grave. Estava satisfeito por não ter morrido na queda.

Ele conseguiu retornar e buscar a família. Passaram a manhã pescando no local e se alimentando de frutas como araçá e caçari.

Maú subiu na montanha de onde saíram e olhou o horizonte, ficando triste ao ver que ainda estavam sendo perseguidos. Existiam pontos de fumaça no horizonte, indicando que algumas das aldeias por onde tinham passado estavam em chamas. Ele pensava com sigilo que precisavam sair dali o mais rápido possível.



CAPÍTULO 9 — A Volta do Conquistador

Dois Dias Antes

Quando os homens de Quisquis foram caçar para se alimentarem e identificaram aldeias próximas, viram a oportunidade para mais saques. Quisquis ordenou que parte do grupo mapeasse as aldeias encontradas próximas à sua localização, enquanto o outro grupo foi enviado para avisar seu batalhão para que retornassem. Ele queria reforços para capturar mais indígenas e saquear mais aldeias, destruindo tudo pelo caminho. O comandante estava disposto a oprimir todos os povos que não faziam parte de sua nação. Seu interesse não era em expandir o império, mas sim subjugando e oprimindo todos os povos que não pertenciam à sua nação, obrigando esses povos a pagarem tributo. Assim, nenhum outro grupo poderia planejar um levante contra sua nação, pois eles fixariam um ponto de controle em Coro.

Quando os reforços chegaram, traçaram estratégias para capturar as aldeias e rotas para evitar fugas, evitando repetir os erros cometidos em Coro. Junto com os reforços, vieram informações da família desaparecida. Levaram um dia discutindo os planos de

tomada das aldeias. Quisquis dividiu seus soldados em grupos comandados por seus capitães e começaram a capturar os moradores da região, aldeia por aldeia. Eles buscavam atacar as aldeias ao amanhecer, pois tomariam de assalto os defensores, causando maior impacto psicológico nas suas vítimas.

Uma grande quantidade de ouro e pedras preciosas foi encontrada entre os moradores das aldeias atacadas. A tortura dos prisioneiros foi cruel, pois os soldados queriam informações das minas onde eram retirados o ouro e as pedras preciosas. Todos os prisioneiros foram interrogados em busca de informações. Toda a região estava sendo devastada. Quando as aldeias eram muito próximas, eles dividiam o grupo de soldados, atacando simultaneamente as duas aldeias. Tribos inteiras eram feitas reféns e suas casas eram queimadas. Idosos e doentes eram deixados para trás, sendo poupados de serem feitos escravos. À medida que o número de pessoas feitas reféns aumentava, as crianças com idades de colo eram mortas e as que tinham entre 1 e 5 anos eram deixadas nas aldeias sozinhas, sendo descartadas e dando preferência às meninas.

Em uma aldeia, foi encontrada uma quantidade muito grande de ouro, o que impressionou os maias. O comandante decidiu passar mais tempo naquela aldeia e todos os líderes foram identificados. Eles queriam saber onde era a mina onde o ouro era explorado e qual era o destino dado a ele, uma vez que os portos do mar dos Karibs eram controlados pelos maias e eles não tinham informações sobre a circulação de ouro fora do controle deles.

Após muita tortura e mortes, eles descobriram que um povo do mar chamado Kinahhu²⁸ vinha pelo rio Yari-Marú²⁹ guiados pelos povos da Guayana³⁰, trocando nosso ouro por tecidos e outros itens que teriam valor para aquela aldeia. Em meio aos interrogatórios, um dos indígenas falou de uma família que passou por suas terras e que eles não permitiram a passagem.

Um dos prisioneiros revelou a localização da mina e o local onde os compradores estavam, Quisquis ficou curioso em saber quem seriam esses compradores e o local da mina, esquecendo um pouco a família

²⁸ Kinahhu = Navegadores Fenício;

²⁹ Yari-Marú = Rio Orinoco

³⁰ Guayana = Indígenas da Guiana;

perseguida. A mina ficava próximo ao rio mencionados pelos aldeões, o que levou algum tempo para chegar ao local.

Uma Mina e um Navegante Misteriosos

Os soldados foram guiados pelos prisioneiros e, quando chegaram ao local, encontraram um velho conhecido de Quisquis. O grupo que estava na mina se assustou com a chegada dos soldados e dos prisioneiros. A escavação estava sendo feita pelos aldeões locais, conduzida por um estrangeiro.

Os soldados chegam e interrompem a escavação, prendendo todos, mas o grupo de estrangeiros estava mais bem armado do que os soldados de Quisquis, o que levou a um impasse.

A mina ficava na beira de uma montanha, próxima ao rio, que era usado para lavar o ouro coletado. Os mineiros entravam na caverna, retiravam o ouro das paredes e o traziam em bolsas de palha amarradas nas costas. Junto com o ouro, vinham pedras e outros cascalhos, que eram levados até o rio onde eram lavados e separados. Um estrangeiro ficava na lavagem, separando as pedras do ouro, enquanto outros ficavam dentro da mina ajudando na coleta. Quando os soldados

estavam se aproximando, os homens que estavam de vigia avistaram eles ainda no caminho, o que permitiu que não fossem pegos de surpresa. Assim, os estrangeiros estavam preparados para defender a mina em caso de ataque. Foi quando perceberam que os homens que se aproximavam eram conhecidos de outras viagens.

Quisquis – É assim que se faz negócios, Cártago?

O comandante falava em um idioma que poucos podiam entender, tornando a conversa privativa entre os comandantes.

Cártago – Sim, quando cobras venenosas querem derrubar seu Imperador.

Quisquis – Não diga besteiras, sabe que sou leal ao meu Imperador, mas você não é leal às promessas.

Cártago – Não quero fomentar uma guerra local, meu rei e senhor não me permitiu esse tipo de negócio. Ele apenas queria ouro e pedras preciosas e, em troca, ofereceria conhecimento de navegação. Mas você queria aprender a dominar o manejo do ferro para fabricar armas, além de pedir espadas e pontas de lanças.

O Comandante Cártago era um fenício, um homem de meia-idade, com barba traçada e bem aparada,

de cor morena e olhos verdes. Seu olhar era determinado, e sua postura ereta deixava claro sua posição de liderança e confiança, mesmo para aqueles que não o conheciam. Seus traços faciais eram fortes e definidos, com linhas profundas indicando anos de exposição ao sol e ao vento do mar. Ele vestia uma túnica longa, feita de tecido leve e fresco para enfrentar o calor do dia. A túnica era adornada com bordados prateados e estava suja devido aos serviços na mina. Sobre a túnica, ele usava uma capa de lã que o protegeria das chuvas frequentes na região. Ele calçava sandálias de couro e tinha uma espada longa e curva em sua cintura.

Cártago – Você não pretendia entregar as armas para o seu imperador, mas sim montar uma milícia para derrubar o governo. Eu não quero fazer parte disso. Sabemos o que acontece quando homens como você tomam o poder, e eu vi o que você faz com seus prisioneiros.

Quisquis – Um homem de princípios e honra? Um navegante que viaja pelos mares, enganando a todos, buscando melhor proveito em seus negócios, quer ensinar

um velho soldado a ser honesto! E o que tem de errado em ser rei? Eu quero ter o poder que ele tem. Temos a maior força militar e podemos construir um grande império. Ele nasceu naquela cidade e nunca saiu de seus muros. Eu, por outro lado, venho lutando guerras por toda a minha vida. Estou aqui, no meio do nada, lutando por ele, perdendo homens por ele, perdendo filhos por ele, e ele está lá em sua corte, rodeado de homens que nunca derramaram sangue por ele. E quem contou essa história?

Cártago – Seu filho Ayar, falando nisso, ele sempre estava com o senhor. Onde ele está? Saqueando um povoado próximo? E como vocês chegaram tão longe? Essas terras não fazem parte do seu império?

Quisquis, ao ouvir sobre seu filho, sente um aperto no peito.

Quisquis – Jovens sempre falam demais. Qual foi o preço que esses selvagens pediram pelo ouro?

Cártago – Negócios, amigo, negócios. Não revelo meus segredos.

Quisquis - Vi que sua honra tem um preço. Agora

sei de onde veio a espada que matou meu filho. Homens, assumam suas posições! Todos estão presos...

Antes de terminar a frase, Cártago se moveu rapidamente, seus olhos fixos no alvo à sua frente. Com um movimento ágil, ele se aproximou de Quisquis e, com um braço forte, prendeu-o pelo pescoço. Com a outra mão, ele empunhou uma espada afiada, apontando-a para o pescoço do homem capturado.

Cártago – A conversa estava boa até você querer dançar. Não se mexa - sibilou o homem, com a voz baixa e ameaçadora - ou eu corto sua garganta.

Os soldados de Quisquis, com lanças nas mãos, foram pegos de surpresa e se olharam sem saber o que fazer.

Quisquis tentou se debater, mas o aperto do braço do agressor era forte demais. Ele olhou para a espada em frente ao seu rosto e percebeu que estava em uma situação perigosa.

Cártago - Você desejava servir na corte do rei apenas para se aproximar do governo e planejar um ataque? Que conselhos você daria ao rei? Beba deste cálice! Não quero me envolver nos seus negócios, e peço

que não se intrometa nos meus. Diferente de você, tenho uma missão a cumprir e quero terminá-la.

Quisquis – A verdadeira cobra se revela. Para alguém que não tinha interesse em meu povo, vejo que está bem informado. Ayar não sabia de tudo, afinal.

Cártago – Eu sei cruzar as informações, não é por acaso que sou comandante de um Hippioi³¹. Leio as estrelas!

Quisquis - O que você quer de mim? - perguntou ele, ciente de que não há saída para você e seus homens. Os tripulantes de Cártago estavam com suas espadas empunhadas, aguardando a ordem de seu comandante.

Cártago - Senhor Quisquis, você e seus homens não teriam chance contra os meus, e não desejamos derramar sangue hoje. Não quero humilhar seus homens. Só queremos voltar para nosso Hippioi e prosseguir com nossa viagem. Já tenho ouro suficiente para construir dois portos, e hoje não quero criar inimigos. Não vendi espadas para nenhum nativo da região. Estou aqui para negócios, não para guerra, pois vocês não teriam chance se minhas ordens mudassem.

³¹ Hippioi – Navio em grego antigo;

Quisquis - Você fala muito para um comandante de Galloi³².

Cártago - Quero que seus homens nos deem passagem para que eu, meus homens e nossa carga possamos chegar ao meu hippoi, e você vem comigo para conhecer meus aposentos. Quando todos estiverem seguros e meu ouro estiver embarcado, eu o libertarei e você poderá vingar seu filho.

Quisquis - Essa mina será minha quando você e seus homens forem embora.

Cártago - Como eu disse, minhas ordens são para fazer negócios e fazer amigos, não inimigos. Fique à vontade, ela é toda sua! Não tenho espaço em meu hippoi para ela.

Quisquis - Homens, deem passagem!

Nesse momento, os homens baixaram as armas, e Cártago e seus homens foram em direção ao rio. Quando chegaram lá, puderam ver o esplendor do navio.

O navio era lindo, com suas velas em um tom amarelado. Na margem do rio, algumas árvores se destacavam contra a luz suave da tarde. Em frente à

³² Galloi – Banheira em grego antigo;

margem, o navio estava ancorado em um trecho mais calmo do rio, balançando levemente nas águas tranquilas. A madeira do navio brilhava sob a luz do sol, enquanto as velas estavam amarradas ao mastro. O casco longo e estreito se projetava da água, indicando a habilidade dos seus construtores. Um pequeno grupo de marinheiros trabalhava no convés, alguns reparando as velas, enquanto outros preparavam uma fogueira para cozinhar o jantar.

Os homens vagam na água para alcançar a borda do navio e subir a bordo. Era um enorme barco. Quisquis, com toda a sua experiência, ainda não tinha estado em um navio estrangeiro e é um dos primeiros a subir na embarcação. Os homens de Cártago tratam o prisioneiro com respeito. O cheiro de peixe frito no azeite enche o ambiente.

Cártago - Preciso que fique aqui até meus homens embarcarem toda a minha carga. Venha comigo, vamos comer.

Quisquis assente com a cabeça e acompanha o comandante.

Eles caminham até o camarote do comandante,

onde é servida uma refeição sobre a pequena mesa de madeira com duas cadeiras. Sentam-se e Cártago oferece um cálice a Quisquis. Admirado com o ambiente, Quisquis observa o local, que está repleto de rolos em vasos.

Quisquis – O que são esses rolos nos vasos?

Cártago – São pergaminhos, com mapas das estrelas, cartas de navegação. Usamos essas informações para navegar e registramos tudo o que descobrimos.

Quisquis – Quanto tempo leva a viagem até suas terras?

Cártago – Daqui até o grande mar, leva de 20 a 30 dias, e dois anos para chegar até meu país em Sidon. Fazemos várias paradas para reabastecer durante a viagem.

Quisquis – Você passa muito tempo fora de casa. Não é bem diferente de mim, cumprindo ordens e sempre longe de casa por seu país.

Cártago - Sei que pode ser rei de seu país. Acredito que quando nos virmos novamente, o senhor será rei.

Nesse momento, ele bebe e oferece um pouco de vinho em um cálice ao visitante.

Cartago - Beba, você vai gostar!

Quisquis pega o cálice e bebe o vinho.

Quisquis - É bom!

Cartago - Não temos apenas armas a oferecer!
Esse vinho atravessou o mundo.

Quisquis - Perdi meu filho em uma missão em que não queria estar! Vim porque precisava ter certeza de que meu filho assumiria meu lugar no comando.

Cartago - Sinto sua dor, meu amigo, e vou rezar por você. Mas não vendi armas nessas terras. Não quero criar inimigos.

Os dois são interrompidos por seu contramestre Cádiz.

Cádiz - Senhor, toda a carga foi embarcada e já estamos prontos para seguir viagem.

Cartago - É hora de nos separarmos!

Quisquis - Ainda me deve armas!

Cartago - Se meu rei autorizar, trarei!

Quisquis é escoltado e desce do navio, nadando de volta às margens. Seus homens vêm ao encontro do seu comandante.

Yumil - O senhor está bem?

Quisquis - Sim, estou bem.

Yumil - A mina ainda tem muito a ser explorado. Ela é escura, mas conseguimos avaliar que ainda há ouro para ser extraído. Os aldeões acabaram de trazer essa pepita.

Era um pedaço de ouro do tamanho de um polegar e era pesado. Quisquis pega o ouro na mão, avalia a qualidade do material e manda chamar seus oficiais para uma reunião.

A Reunião

Os soldados se reuniram em uma tenda próximo a mina, onde estavam planejando os próximos passos.

O conselho do batalhão é formado por quatro soldados experientes e de confiança do comandante Quisquis, eram: o ajudante Yumil, o observador Yum, os oficiais Xacin e Kinich.

Yumil, o ajudante do comandante Quisquis, é um homem de estatura alta e corpulento, ostentando uma postura firme e imponente. Seus ombros largos e expressão séria no rosto demonstram sua determinação. Seus olhos escuros e penetrantes transmitem autoridade e firmeza. Yumil possui cabelos curtos e escuros, que enquadram seu rosto angular. Sua pele levemente bronzeada revela sua exposição ao sol durante as missões militares. Frequentemente, ele é visto vestindo uma armadura polida e resistente, evidenciando seu papel como braço direito do comandante. Sua presença física imponente e porte atlético são testemunhos de sua força e habilidade no campo de batalha. Yumil é reconhecido como um guerreiro habilidoso e leal, dedicado à sua

missão e ao comando de Quisquis. Sua aparência imponente reflete sua determinação em proteger e servir seu comandante e seu povo.

Diante da morte prematura do filho do comandante Ayar, Yumil busca assumir o comando do batalhão com determinação e ambição. Ele é extremamente focado e estrategista, sempre buscando aprimorar suas habilidades de liderança e táticas de combate. Yumil é conhecido por sua mente analítica e capacidade de tomar decisões rápidas e eficazes sob pressão. Além disso, ele é ambicioso e competitivo, com um desejo ardente de se destacar e provar seu valor como líder, não apenas para si mesmo, mas também para seus companheiros de equipe. Sua motivação está enraizada no desejo de proteger seu povo e garantir a segurança de sua terra.

Yum, o observador do batalhão de Quisquis, é um homem maduro com uma expressão serena e olhos penetrantes que refletem seu profundo conhecimento do campo de batalha. Com mais de 15 anos de serviço militar, ele é reconhecido por sua calma, habilidade de observação meticulosa e habilidades estratégicas. Yum é

respeitado por sua confiabilidade e capacidade de tomar decisões ponderadas, além de desempenhar o papel de instrutor, compartilhando seu conhecimento com os novos soldados. Sua ética de trabalho incansável, combinada com sua paixão e preocupação com o bem-estar dos companheiros de equipe, faz dele um membro valorizado do batalhão de Quisquis.

O oficial Xacin é um homem imponente, com uma estatura alta e uma constituição robusta. Ele possui ombros largos e uma postura dominante que transmite autoridade. Seus cabelos são curtos e grisalhos, adicionando um ar de experiência ao seu semblante. Seus olhos são intensos e expressivos, revelando sua determinação e liderança. É um oficial enérgico e carismático e um líder natural e inspira respeito e lealdade entre seus subordinados. Sua coragem e habilidade de tomar decisões rápidas e estratégicas em situações de combate. Ele possui uma personalidade carismática e comunicativa, capaz de motivar e unir sua equipe. Xacin é um defensor incansável de seus guerreiros e está sempre disposto a protegê-los.

Kinich é um homem de estatura média, com uma

aparência atlética e ágil. Ele possui traços faciais marcantes e uma expressão séria que transmite confiança. Seus cabelos são escuros e bem cuidados, dando-lhe um aspecto impecável. Seus olhos são observadores e perspicazes, refletindo sua inteligência e astúcia. Kinich é um oficial estratégico e analítico. Ele possui uma mente afiada e é hábil em planejar e coordenar as operações de combate. Kinich é conhecido por sua objetividade e habilidade de avaliar rapidamente as situações. Ele é um líder resiliente e adaptável, capaz de lidar com desafios e mudanças imprevistas. Kinich é respeitado por sua inteligência tática e capacidade de motivar sua equipe. Ele é um mentor dedicado e está sempre pronto para compartilhar seu conhecimento e experiência com seus subordinados.

Quisquis – Chamei vocês aqui, pois preciso saber dos resultados dessa missão. Sei que avançamos para além do planejado, mas acredito que os recursos capturados são superiores aos custos. Yumil por favor inicie.

Yumil – Ó grande comandante, que seu nome seja lembrado para sempre em nosso povo. Tuas vitórias

trouxeram mais riquezas e escravos para nossa nação. Que seu nome seja falado entre os exércitos de nosso país, que comentem a grandeza de teus feitos e que nossos inimigos tremam ao ouvir teu nome.

Kinich – Não existem deuses nessa terra e entre esses povos que possam suportar a força de teu braço, o grande Quisquis. Serás lembrado como o conquistador dos Karibs, aquele que destruiu um povo rebelde.

Yum – Tu, ó grande comandante, humilhaste os deuses desse povo, provando que somente Kinich Ahau é o verdadeiro deus. E não há deus mais forte que ele. E nós, que o servimos, seremos abençoados sempre que lutarmos ao teu lado contra esses povos que seguem deuses fracos.

Xacin – A força de teus braços e tua generosidade nos enche de riquezas e glória, ó grande comandante. Louvaremos o teu nome e o elevaremos a deus quando o grande Kinich Ahau chamar para o grande céu estrelado. Tua estrela será a mais linda e poderosa dos céus.

Quisquis – Kinich Ahau é o nosso protetor. Esmagaremos todos os outros povos que não o reconhecem como senhor, pois ele é o verdadeiro criador

de todas as coisas. O grande Kinich Ahau, que teu nome seja adorado sempre.

Yumil – A tomada da mina trará muitas riquezas, e os prisioneiros estão bem sadios o que aumenta o valor na fera dos escravos.

Yum – Nossos batedores identificaram mais 5 povoados, eles acreditam que somente 2 deverá ter ouro, as outras são comunidades familiares, pescadores e agricultores.

Xacin – Estamos com 5 soldados feridos e 2 doentes, essas terras são terríveis, esses povos não tem limpeza, acreditamos que seja o motivo das doenças, um está com problemas de pele, feridas com pus.

Quisquis – Isole esses homens, não queremos mais doentes.

Kinich – Nossos escravos são de qualidade, homens e mulheres com saúde, peles limpas e com todos os dentes, temos ainda algumas meninas que estão em fase de crescimento, que tem grande valor no mercado de escravos.

Quisquis – Sobre os escravos, as crianças devem ser abandonadas na floresta, ela é justa e cuidas dos

seus. Precisamos criar uma rota para que ao ser retirado o ouro, possamos levar esse ouro em segurança e com o menor custo e em passar pelas aldeias locais. Devemos evitar rebeliões.

Yum – O rio é nossa melhor opção!

Kinich – Precisamos de barcos grandes. E mapear o rio primeiro, iríamos levar meses para criar a rota.

Xacin – Acredito que poderemos tomar e criar uma rota entre as aldeias até o mar. Assim, tomamos essas terras, anexando-as ao nosso império.

Quisquis – Criem um mapa para que possamos voltar a esse local, não temos homens suficiente para guardar e proteger esse local, teremos que nos retirar e voltar com mais homens e criar uma rota segura para explorar o ouro.

Todos da mesa concordaram com a decisão.

Quisquis – Quantos homens ouviram as palavras daquele falastrão do Cártago?

Yum – Nossos homens não conhecem aquele idioma.

Quisquis – Sabem o que acontecem com traidores. Não quero ninguém nos entregando para o rei. Só teremos

paz e riquezas, quando eu estiver no trono. Devemos tratar aquelas palavras como mentiras e não podem saí desse vale! Quantos homens ouviram a conversa?

Yumil – Observei que dois estavam próximos?

Quisquis – São de confiança?

Xacin – Senhor, tu nos deixaste ricos, como não ser fiel ao seu comando, nenhum comandante é tão generoso como o senhor. Os demais comandantes não dividem seus ganhos e seus soldados sempre passam fome. Por isso perdem batalhas, sua generosidade e sua força, tem feitos com que todos sob o seu comando prosperassem. Quando saímos para guerra, temos a segurança de que nossas famílias não passaram fome. Faremos tudo pelo senhor, somos fieis somente ao senhor.

Quisquis – O povo também confia em nós, mas amam o rei, ainda não pensei em como controlar as revoltas?

Yun – Devemos criar uma história que coloque o povo do nosso lado, devemos minar primeiro a nobreza, levar o povo a pensar somos a única saída e defesa contra a nobreza.

Yumil – Certamente, se enfraquecemos a nobreza, o poder do rei será minado.

Xacin – Devemos pagar nossos cantores e contadores de histórias para que espalhem suas histórias de vitórias e conquistas. O senhor já tem três grandes batalhões. Assim, o povo passará a admirar ainda mais o senhor. Fossando o rei a convida-lo para o palácio, a fim de ofuscar sua força.

Quisquis – Sim, mas ainda preciso terminar essa viagem, se voltarmos com ouro e os escravos, seremos bem recebidos, e as perdas de homens serão ignoradas, devemos pagar as famílias pelos serviços dos homens. Assim, não teremos oposição entre nossos homens. Não podemos correr riscos.

Kinich – Nosso segredo está seguro.

Yun – Temos outro assunto, O corpo de seu filho, precisamos preparar ele para viagem, temos outros corpos para preparar também. Os homens perdidos na caverna deverão ser lembrados também.

Quisquis – Quantas perdas? Temos materiais para embalsamar todos os corpos?

Kinich – Não suficiente para todos os corpos, e só

temos material que garantiria cinco dias de transporte. Nossa viagem até nossa cidade, levará 20 dias.

Quisquis – Os prisioneiros foram interrogados? Preciso de um líder religioso deles.

Yumil – Não identificamos nenhum sacerdote, faremos um novo levantamento.

Quisquis – Acredito que iremos ter que sepultar eles aqui. Precisamos respeitar os deuses dessas terras, para que nossos irmãos tenham paz no mundo dos espíritos.

Yumil – Senhor, precisamos voltar, após as cerimônias de nossos homens.

Quisquis – Ainda tenho minha vingança! E quero aquela espada.

Kinich – Um dos prisioneiros informaram que deram passagem para uma família, e eles foram em direção ao rio. Ao saber dessa informação, Quisquis lembrou-se da perda do filho e o desejo de vingança pela morte dele floresceu, seu luto o levou a ordenar a chuva vermelha.

Quisquis – Farei uma grande caçada, Yumil ficará comigo, os demais serão comandados por Yum para voltar

aos nossos barcos. Quero 6 homens, entre eles os que ouviram minha conversa com Cártago. E após a cerimônia de despedida de nossos homens, quero que preparem a chuva vermelha.

Kinich – Quantos prisioneiros, senhor?

Quisquis – Seja generoso ao nosso deus Kinich Ahau.

Kinich – Sim senhor.

A Grande Fogueira

Após alguns interrogatórios, foram identificados dois sacerdotes. Os sacerdotes concordaram em realizar a cerimônia, desde que o conselho da aldeia autorizasse e que e pudessem reverenciar seus mortos também, o que foi aceito pelos líderes do batalhão. A cerimônia seria separada entre os guerreiros e os demais mortos. Entre estes demais estavam mulheres, crianças e idosos mortos durante o ataque à aldeia.

Os corpos dos guerreiros eram preparados e queimados em uma pira coletiva, enquanto os dos demais mortos eram enterrados em uma cerimônia simples de despedida. Naquele dia, foram enterradas mais de 80 pessoas que foram mortas durante a tomada. Aquela aldeia era uma das maiores da região, pois era antiga e seus moradores já haviam dominado a pesca e o cultivo de alimentos para o sustento. Por estarem isolados, não tinham inimigos, pois sempre cultivaram a política da boa vizinhança, ajudando aldeias pequenas. O casamento entre aldeias era comum, e jovens do sexo masculino

saíam de suas aldeias natais em busca de casamento com membros daquela aldeia, o que aumentou o número de moradores.

A casa principal era grande e ficava no centro, onde a grande maioria das famílias morava. No entanto, seus moradores tinham a liberdade de construir casas ao redor. Era comum que jovens casais construíssem suas próprias casas para iniciar suas famílias e, com o tempo, se mudassem para a casa central, onde contavam com o apoio na educação das crianças e cuidado delas quando os adultos precisavam sair para caçar. Toda a comida era compartilhada, e com o grande número de moradores, sempre havia comida sendo preparada e frutas disponíveis. A troca de mercadorias também contribuía para o sustento, pois pequenas aldeias que viviam da pesca trocavam peixe por mandioca, macaxeira, milho e outros alimentos cultivados.

Não havia um líder local, mas sim um conselho de anciãos, o que significava que tanto os homens quanto as mulheres idosos tinham o poder de participar das decisões do conselho. Esse conselho cuidava dos assuntos familiares, dos costumes e da educação das

crianças. Cada conselheiro tinha seu papel e era consultado quando necessário para decisões específicas e individuais. A educação das crianças era uma responsabilidade de todos os adultos da aldeia, cabendo aos anciãos a responsabilidade de transmitir a cultura e os costumes. A educação era transmitida oralmente, e tanto meninas quanto meninos tinham o direito de receber essa educação. Eles eram ensinados a pescar e caçar, enquanto as meninas aprendiam a cozinhar e a se tornar boas esposas. Aos meninos, era ensinado a se tornarem guerreiros. Um guerreiro era um homem capaz de sustentar sua família e habilidoso no uso do arco, da sarabatana, da lança e da marretinha de pedra, materiais utilizados na caça e pesca. Era permitido que um homem tivesse mais de uma esposa, porém a infidelidade não era tolerada. Dessa forma, era comum que um guerreiro tivesse mais de uma esposa, aumentando assim seu poder de decisão no conselho quando convocado.

O conselho era convocado apenas em situações de conflito ou de interesse que afetassem toda a aldeia.

Naquele dia, o conselho se reuniu pela última vez. Muitos de seus membros haviam sido mortos na invasão,

e os que restavam precisavam autorizar se a cerimônia poderia seguir os costumes da aldeia. Após a autorização, como eram prisioneiros, eles voltaram para seus cárceres.

Os prisioneiros tinham os pés e as mãos amarrados, e seus pescoços estavam presos a um tronco. As cordas que os prendiam eram feitas de cipó e couro trançado, e o peso do tronco era compartilhado por todos os prisioneiros. Dessa forma, uma corda passava pelo pescoço, prendendo os pés e as mãos, o que dificultava qualquer tentativa de fuga, restando apenas espaço suficiente para eles se moverem com dificuldade. Quando o grupo parava, o tronco era colocado no chão, fazendo com que todos os prisioneiros ficassem deitados sobre ele.

Os preparativos foram feitos e uma grande cerimônia fúnebre foi realizada para os guerreiros. Ao ver novamente o corpo do filho, Quisquis sentiu a dor da perda em seu peito.

Os aldeões tinham um costume bem diferente dos outros povos. Eles acreditavam que a força dos guerreiros não deveria voltar à terra, mas sim ser dividida entre os moradores da aldeia, para que todos pudessem ter a força do guerreiro morto. Assim, eles queimavam os corpos em

uma espécie de pira, e as cinzas eram misturadas em uma bebida local chamada de cachiri.

O cachiri é feito através da fermentação da mandioca. Os ingredientes são mastigados para liberar as enzimas necessárias para a fermentação. Em seguida, a massa é colocada em recipientes e deixada fermentar por alguns dias, resultando em uma bebida de baixo teor alcoólico. Assim, as cinzas são misturadas em uma cerimônia de celebração da passagem dos guerreiros para a vida espiritual.

Os guerreiros mortos da aldeia foram queimados em uma pira naquela noite. Os guerreiros maias mortos foram queimados em outra pira separada, resultando em duas grandes fogueiras. O sacerdote falava em uma língua estranha, que os nativos diziam ser a língua dos espíritos da floresta.

Quisquis assegurou que os sacerdotes não amaldiçoassem a passagem dos seus guerreiros para o mundo espiritual.

O choro dos prisioneiros ao verem seus parentes naquela grande pira fez surgir um cântico triste, que os anciãos cantavam e o povo respondia.

Os anciões:

*Ayê, Ayê, Oh grandeza ancestral,
Ayê, Ayê, seu legado é imortal.*

Os anciões:

*Oh, espírito sagrado do passado,
Ouça nossa voz, ancestral amado,
Nas terras de nossos pais e da nossa
tradição,
Um guerreiro vingativo nos atacou,
Nossos filhos e filhas morreram,
Honramos os que partiram, com devoção.*

Todos:

*Ayê, Ayê, Oh grandeza ancestral,
Ayê, Ayê, seu legado é imortal.*

Os anciões:

*No coração da floresta, ecoa a memória,
Dos povos ancestrais, em sua trajetória,
Somos herdeiros dessa sabedoria,
Dos rios, das matas, em harmonia.*

Todos:

Ayê, Ayê, Oh grandeza ancestral,

Ayê, Ayê, seu legado é imortal.

Os anciões:

*A voz dos antigos sussurra ao vento,
Na dança das folhas, sentimos o alento,
Caminhamos com respeito, passo a passo,
Seguindo os ensinamentos do tempo
abraçado.*

Todos:

*Ayê, Ayê, Oh grandeza ancestral,
Ayê, Ayê, seu legado é imortal.*

Os anciões:

*Na aldeia, a fogueira acende a chama,
Celebramos a vida, honramos a jornada,
Cantamos em louvor aos que se foram,
Guiando nossos passos, nos ensinando o
amor.*

Todos:

*Ayê, Ayê, Oh grandeza ancestral,
Ayê, Ayê, seu legado é imortal.*

Os anciões:

Oh, espírito ancestral, este canto é para ti,

*Guiados por sua força, nossa história
prosseguirá,*

Lembramos com amor e gratidão,

Lembra dos guerreiros que obedecendo,

As ordens do vingativo aqui caíram,

*A sabedoria dos povos que em nós vive
então.*

Todos:

Ayê, Ayê, Oh grandeza ancestral,

Ayê, Ayê, seu legado é imortal.

Os anciões:

*Em união com a natureza, seguimos em
paz,*

Em respeito aos que vieram antes de nós,

Nosso canto ecoará nas estrelas sem fim,

*Em honra aos ancestrais, vivemos em
harmonia assim.*

Todos:

Ayê, Ayê, Oh grandeza ancestral,

Ayê, Ayê, seu legado é imortal.

Todo o ambiente foi tomado de dor pelas mortes,

parecendo um só grupo, uma só tribo. Quisquis não conteve as lágrimas e chorou por dentro, segurando com toda a sua força para não demonstrar fraqueza diante de seus homens e dos prisioneiros.

As piras queimaram a noite toda, o choro e o lamento duraram a noite toda. Alguns prisioneiros receberam a missão de preparar o encerramento da cerimônia de despedida. Quisquis não dormiu naquela noite, alguns de seus homens ficaram em vigília e outros foram descansar.

Na manhã seguinte, o sacerdote trouxe o cachiri com a mistura das cinzas para Quisquis e seus homens beberem. Todos presentes na cerimônia beberam do cachiri. O choro retornou e rompeu o silêncio daquela manhã, enquanto o sol ainda estava nascendo.

Quisquis havia ordenado que alguns prisioneiros fossem amarrados em postes de madeira. Assim, durante toda a noite, alguns prisioneiros foram obrigados a cavar e instalar os postes. O local escolhido foi o centro da aldeia, onde cerca de 100 homens foram amarrados aos postes formando um círculo. No centro desse círculo, foi desenhado com as cinzas restantes um sol, simbolizando

Kinich Ahau.

Tudo já estava pronto e o sol já estava surgindo. Quisquis bebeu o cachiri e, após todos terem bebido, ele ordenou que os homens se preparassem. Quisquis levou o sacerdote para o centro do círculo e eles ficaram em pé, aguardando o primeiro raio de sol atingir o centro.

O sol surgia por trás de uma montanha, levando algum tempo para seu brilho estar em plena intensidade. Os soldados maias se posicionaram atrás de cada homem amarrado nos postes e começaram a bater suas armas imitando o ritmo de um coração.

Tum! Tum! Tum! Tum!...

Os soldados começaram a cantar com vozes dissonantes e graves. Seus olhos estavam concentrados no céu, enquanto a batida marcava o ritmo da melodia. Era um som aterrorizante:

Os soldados:

Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos corações

Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso caminho

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema!*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema!*

Quisquis começa a dança batendo os pés no chão com força no ritmo das batidas, e todos os soldados seguem o comandante, tremendo o chão a cada batida de pés.

Quisquis começa a cantar:

*Nas profundezas da tristeza, meu coração se
abraça*

Com a dor da perda que a batalha nos trouxe

Meu filho guerreiro, agora no mundo além

Partiu para os braços dos espíritos ancestrais

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema!*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema!*

Quisquis:

*Oh, filho valente, tua luz brilha no céu estrelado
Espírito guerreiro, livre e imortal
Levando os escravos, almas libertadas
Que servirão com lealdade e coragem*

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

Quisquis:

*Entrego meu filho a Kinich Ahau
Por sua bravura e sacrificio
Que ele e nossos irmãos perdidos
Encontrem paz e glória além do véu*

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

Quisquis:

*Nossas vozes se erguem em canto e lamento
Honrando os que partiram para o mundo além
Em tradição e cultura encontramos conforto
Celebrando a vida e a transcendência além*

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

Quisquis:

*Que os espíritos ancestrais guiem teus passos
E a memória dos guerreiros permaneça viva
Enquanto entoamos esta canção em
homenagem*

Aqueles que cruzaram o caminho eterno

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade

suprema

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

Quisquis:

*Que suas almas encontrem paz e serenidade
Enquanto seguimos em frente, com coragem e
dignidade*

*Lembrando sempre dos que partiram, gravados
na história*

*Que suas histórias ecoem, em cada verso
entoado*

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

Quisquis:

*Neste momento de despedida e honra
Reafirmo meu compromisso com tradição
Que a luz de Kinich Ahau guie nosso caminho
E encontremos força e união nesta canção*

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

Quisquis:

*Com gratidão, entrego a vocês, irmãos de
batalha*

A chama da memória e herança

Continuaremos a lutar e honrar nosso legado

Até o dia em que nos reuniremos além do véu

Os soldados:

*Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos
corações*

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

Quisquis

Em cada batida do coração, eles vivem

*Nossos irmãos de batalha, para sempre
lembrados*

Em nossa canção ecoam suas vozes

*Na eternidade, seu espírito celebra com os
deuses.*

Todos:

Oh, Kinich Ahau, desperte o fogo em nossos

corações

*Oh, Kinich Ahau, com teus raios iluminas nosso
caminho*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

*Oh, Kinich Ahau, sol radiante, divindade
suprema*

No clímax da canção, Quisquis, que estava no centro do círculo junto com o sacerdote, segura o prisioneiro pelos cabelos. As batidas das armas nos escudos aumentam de intensidade. O grupo de Quisquis, no ritmo da batida, solta um grito grave e assustador:

Soldados:

Ooooooooooooo....

Os prisioneiros começam a gritar em desespero. Os soldados continuam ritmando o compasso da música.

Tum, tum, tum, tum...

De repente, o grupo de Quisquis para subitamente e em silêncio contempla o nascer do sol. É possível ouvir a respiração dos prisioneiros amarrados nos postes, o choro dos demais prisioneiros que assistem ao ritual, o

canto dos pássaros e o som suave do vento balançando as árvores.

Quando o brilho do sol atinge o centro do círculo, Quisquis dá um brado:

Quisquis - Kinich Ahau!!!

Em seguida, ele corta o pescoço do sacerdote, arrancando-lhe a cabeça. Outros dois soldados entram no círculo com suas espadas de obsidiana, um de cada lado. Eles começam a cortar os pescoços dos prisioneiros amarrados nos postes. Os soldados que estão atrás dos prisioneiros puxam as cabeças dos prisioneiros pelos cabelos para facilitar o corte. Os cortes são profundos, fazendo com que as cabeças se separem dos corpos e caiam no chão. O sangue jorra com tanta intensidade que lembra uma chuva de sangue caindo sobre o grande comandante Quisquis, que grita.

Quisquis – *Kinich Ahau!* – *Kinich Ahau!* – *Kinich Ahau!* ...

Os soldados gritavam:

Soldados – *Kinich Ahua!* – *Kinich Ahau!* – *Kinich Ahau!* ...

Outros soldados começam a incendiar todas as

casas da aldeia. Quisquis está completamente coberto de sangue. E assim, os soldados de Quisquis se retiram daquele lugar.

Naquele dia, eles traçam uma rota para saquear mais aldeias. Todas as aldeias saqueadas serão queimadas e mais prisioneiros e ouro serão capturados para o Grande Conquistador.

Uma Nuvem Negra no Horizonte

Após subirem uma montanha muito íngreme e de difícil acesso, com pedras soltas e capim úmido que deixam o chão escorregadio, Maú e Rupunini decidem parar para armar uma barraca. Eles coletaram alguns materiais durante a caminhada e pararam para descansar. Tinham material suficiente para montar uma barraca que abrigaria todos.

Já estava anoitecendo quando Maú olhou para o horizonte e viu uma nuvem escura se aproximando, acompanhada de raios e trovões. Já haviam se passado alguns dias de fuga e a noite estava chegando quando Maú decidiu que era um bom local para montar acampamento. A montanha no lavrado permitia ter uma visão do horizonte, uma vez que a vegetação era rasteira, com muitas pedras e capim alto.

No topo, Maú olhou em direção à sua terra natal, cansado e exausto. Rupunini teve uma reação de tristeza e desespero e apontou em direção à terra natal, vendo uma cena devastadora: as fumaças de várias aldeias em chamas subiam ao céu. Essas fumaças pareciam se

juntar no céu e formar uma nuvem negra, idêntica à que estava vindo em direção a Maú e sua família.

Maú percebeu imediatamente o que estava acontecendo: os inimigos ainda estavam atrás deles, saqueando e queimando as aldeias vizinhas.

Maú - Acredito que essa chuva nos dará uma noite de descanso. Eles não podem andar em meio a essa chuva, será muito forte.

Rupunini - Precisamos de um abrigo antes que essa chuva caia. Ainda temos tempo para nos prepararmos.

Ventos fortes começam a soprar e eles veem uma grande pedra trincada ao meio, onde montam sua barraca. Rupunini e Maú constroem a barraca, e as crianças ajudam a limpar o local, evitando acidentes com lacraias, escorpiões e serpentes.

A fenda na rocha é grande, o que garante proteção contra os fortes ventos que sopravam naquele momento. Maú encontra um tronco que usará para fazer um fogo e aquecê-los naquela noite.

O som dos trovões aumenta à medida que a chuva se aproxima. Maú consegue terminar a tempo o abrigo e

acender a fogueira.

Rupunini tinha guardado a caça do dia, um jabuti que encontraram durante a viagem. Ela prepara o animal para a refeição e usa o casco como panela para cozinhá-lo. Também tinham pegado frutas e castanhas no caminho.

O vento para de soprar e um silêncio se faz, nem mesmo os trovões se ouvem. O calor da fogueira aumenta dentro do abrigo, e o cheiro do casco do jabuti no fogo envolve o local.

O som da chuva se aproximando ao longe. O som suave e distante das gotas d'água começa a ecoar pelo vale, como uma melodia delicada que gradualmente se intensifica. À medida que a chuva se aproxima da encosta, o som se torna mais nítido e reconhecível.

O vento sopra suavemente pelas árvores, fazendo suas folhas sussurrarem em resposta. Esse som se mistura com o ritmo crescente da chuva, criando uma sinfonia natural que preenche o ar. O tamborilar das gotas nas folhas cria um padrão rítmico, como se pequenas mãos estivessem batucando gentilmente, enquanto a chuva ganha força.

Conforme a chuva se aproxima, os trovões distantes começam a ecoar pela montanha. Os retumbos profundos e poderosos reverberam pela paisagem, criando um contraste marcante com a delicadeza das gotas d'água. Os trovões parecem ressoar nas montanhas, como se elas mesmas estivessem respondendo ao chamado da chuva.

À medida que a chuva se aproxima ainda mais, os sons se tornam mais intensos e envolventes. O barulho das gotas batendo no solo e nas rochas da montanha ecoa ao redor, criando uma atmosfera de frescor e renovação. O som da chuva se mistura com o ambiente, como se a montanha estivesse celebrando a chegada desse elemento vital.

Enquanto a chuva cai em cascata pela montanha, os sons se tornam mais poderosos e enérgicos. O rugido da água descendo pelas encostas se junta ao coro da natureza, preenchendo o ar com uma sensação de vigor e vitalidade. O som da chuva se torna o elemento central, dominando o cenário sonoro e trazendo consigo um sentimento de purificação e renovação.

O suave cheiro de fumaça deixa o local

aconchegante, e todos começam a se alimentar juntos. Maú, um pouco inquieto, come, mas sempre olhando para o horizonte. O abrigo proporcionou uma abertura que permite olhar para o vale abaixo, permitindo observar a aproximação de algum inimigo.

A Onça e Uirapuru os Reis da Chuva

As crianças estavam com frio, a noite caía e a chuva não cessava, o vento frio adentrava pelas brechas do abrigo e provocava calafrios em Rupunini. Eles já tinham jantado e a noite estava caindo. Maú se propôs a contar uma outra história, as crianças estavam deitadas juntas com Rupunini, e Maú estava sentado em uma pedra próximo a entrada do abrigo.

Maú:

Há muito tempo atrás, na densa floresta, uma onça pintada chamada Jú e um pequeno pássaro uirapuru chamado Tí. Jú era conhecida por sua pelagem bela e marcante, enquanto Tí possuía um canto melodioso e encantador.

Durante os dias de sol, Jú era a rainha da caça. Ela caminhava silenciosamente pela floresta, perscrutando o ambiente em busca de suas presas. Sua pelagem manchada a ajudava a se camuflar entre as árvores, tornando-se invisível aos olhos dos animais. Jú era uma verdadeira mestra da caça.

Porém, em dias de chuva, algo mágico acontecia.

As gotas d'água lavavam a floresta e transformavam Jú. Enquanto a chuva caía, a pelagem da onça se tornava transparente, fazendo-a desaparecer completamente. Era como se ela se fundisse com o ambiente, ficando invisível para os animais.

Enquanto isso, Tí, o uirapuru, que normalmente era admirado por seu belo canto, ganhava um talento especial em dias chuvosos. O pequeno pássaro se transformava no rei da caça. Suas penas ganhavam cores vivas e brilhantes, e sua agilidade aumentava significativamente. Com isso, Tí se tornava um exímio caçador.

Jú e Tí se tornaram grandes amigos e decidiram explorar essa mágica conexão entre eles. Em dias de chuva, eles saíam juntos em busca de alimentos. Enquanto Jú permanecia invisível, Tí guiava a onça para as presas. Com seu canto harmonioso, ele atraía os animais e os distraía, enquanto Jú se aproximava furtivamente.

Os animais da floresta ficavam admirados ao ver o pequeno uirapuru liderando a caça, e muitos pensavam que Tí possuía poderes mágicos. Eles o apelidaram de "Rei

da Caça em Dias de Chuva".

A parceria entre Jú e Tí era perfeita. A onça aproveitava sua invisibilidade para se aproximar silenciosamente das presas, enquanto o uirapuru usava sua agilidade e canto encantador para surpreender os animais. Juntos, eles garantiam alimento para toda a floresta, fortalecendo o equilíbrio da vida naquele lugar mágico.

Essa amizade entre a onça pintada e o uirapuru tornou-se uma história lendária contada pelos animais da floresta. E até hoje, quando a chuva cai na floresta, é possível ouvir os sussurros dos animais: "Jú e Tí, a dupla mágica que protege nossa casa".

Assim, os dias chuvosos na floresta se transformaram em momentos de encanto e magia, graças à incrível amizade entre a onça invisível e o uirapuru caçador.

O cansaço era grande, e todos adormeceram rapidamente.

Brrr-booom! Brrr-buuum! Trommm!

O som de um trovão acorda Maú, que dorme de frente para a entrada do abrigo, que, devido ao vento forte,

está aberta. A chuva é forte lá fora, e os raios brilhantes fazem aparecer a silhueta de um soldado maia com uma lança, correndo em direção à entrada do abrigo. Maú tenta reagir, mas não consegue se mexer, era como se seu corpo não obedecesse, o inimigo corre com a lança para atacar Maú, que ainda está deitado, sem poder se mover. Ele tenta gritar, mas não sai som, olha para Rupunini, que dorme abraçada ao bebê, tenta gritar, mas não tem voz. Nesse momento, o soldado entra no abrigo e desfere um golpe na barriga de Maú, que acorda do pesadelo com um salto. Ele está suado. Olha ao redor, não há inimigos, ele está com sua espada na mão. A porta do abrigo está fechada, e a chuva cai lá fora, acompanhada pela sinfonia dos trovões. Todos estão dormindo. O dia está amanhecendo.

Maú começa a observar sua família e percebe que não sabe para onde estão indo, não sabe quais perigos ainda enfrentarão. Com o coração apertado, Maú se pergunta se algum dia conseguirá se livrar da perseguição e encontrar a paz para sua família.

Um vento entra no abrigo e levanta um pouco da capa que protegia Rupunini e as crianças, revelando

feridas e hematomas nas pernas e braços das crianças e de Rupunini, que por sua vez tem dedos esfolados e cortes nos pés. O bebê tem uma ferida na colcha, onde o inseto o picou. Todos têm feridas em seus corpos.

Maú, ao ver a situação, sente-se impotente diante da diversidade de problemas enfrentados. Nunca havia pensado em passar por tamanho problema. Ele e sua família estão em uma terra estranha, sem amigos e sem família. Então Maú volta-se para a entrada do abrigo e, em voz baixa, começa a falar, olhando o horizonte, que está branco devido à chuva que cai.

Maú – O que queres com isso? Sei que existe um deus desconhecido que está nos ajudando, pois coisas estranhas aconteceram. Mas olha para nós, estamos fugindo de um inimigo que não conhecemos, para uma terra estranha. Deus desconhecido, revele-se para mim, preciso saber o que queres. Não sei o que fazer...

Nesse momento, Rupunini o toca no ombro e o abraça, dizendo:

Rupunini – Sei que não está sendo fácil, mas estamos bem, tudo isso vai passar e logo estaremos na beira de um rio lindo, com nossa família segura. Eu amo

você e obrigada por nos proteger. Casei-me com um guerreiro destemido. Juntos vamos envelhecer.

O tempo começa a mudar, o sol começa a brilhar mais forte e os ventos começam a limpar o horizonte. Mesmo com toda aquela chuva, algumas áreas não tinham chovido, pois ainda era possível ver fumaça.

As crianças acordam e Rupunini reacendeu a fogueira, e usou uma pedra quente para preparar tapioca.

Devido às suas habilidades na caça, durante a viagem foram trocando suas caças por materiais e comidas com as aldeias que encontravam no caminho. Eles contavam o que tinham passado, mas muitos ignoravam, pois acreditavam estar seguros, já que estavam no meio da mata e acreditavam que os inimigos não iriam até lá, pois eram povos pacíficos.

Após comerem, Maú foi até a beira da montanha e viu fumaça ainda saindo de algumas aldeias. Ele chamou Rupunini.

Maú - Rupunini, olha lá embaixo! Há fumaça. Os soldados estão atacando várias aldeias e elas estão em chamas. Será que eles ainda estão nos procurando?

Rupunini - Acredito que sim. Matamos aquele

soldado importante. Eles não vão parar até nos capturarem ou nos matarem. Precisamos continuar nos escondendo e seguir para o sul, na direção do rio, para longe daqui.

Nesse momento, ela apontou para um rio que atravessava uma floresta densa e tinha suas águas escuras. Era preciso atravessar uma grande floresta para chegar ao rio.

Rupunini - Acredito que se atravessarmos o rio, teremos paz, só precisamos encontrar um local raso para atravessar.

Então eles voltaram para o abrigo para desmontar o acampamento e começaram a guardar as coisas. Começaram a se organizar para sair do local.

Cuáááá!!! Croac! Croac! Croac! Era o som de um animal, que estava próximo ao abrigo.

Maú - Já tinha ouvido esse som?

Rupunini - Sim! Mas de longe. Que animal é esse?

Maú - Não sei, vou procurar.

Maú saiu do abrigo e procurou ao redor, mas não encontrou de onde vinha o som.

Maú - Precisamos sair daqui logo, ainda há

nuvens no céu, pode voltar a chover.

Rupunini - Maú, o Kamarakoto está com febre, e a ferida na perna está piorando cada vez mais. Ele está muito quente e tem tossido muito.

Maú - Será que naquela floresta tem alguma erva para tratar essa ferida?

Rupunini - Não sei, mas precisamos encontrar algum tipo de cura para ele.

Maú - Precisamos primeiro descer dessa montanha e lá em baixo eu posso tentar encontrar algumas ervas medicinais. Talvez elas possam ajudar a aliviar os sintomas dele.

Kamarakoto estava encolhido na cesta com o rosto pálido.

Maú e sua família continuaram sua fuga e desceram a montanha. O rio estava um pouco longe, então tiveram que apressar o passo.

Rupunini percebeu que o filho mais novo estava ficando cada vez mais fraco e doente. Ela tentou fazer o melhor que pôde para mantê-lo hidratado e seguro, mas sabia que precisavam encontrar uma forma de curá-lo ou ele não sobreviveria.

Eles continuaram a caminhar durante todo o dia, procurando por uma solução, até que finalmente chegaram ao rio Yari-Marú. Rupunini ficou emocionada ao ver a água cristalina e a vegetação exuberante da região. Ela sabia que lá encontrariam remédios e alimentos para ajudar a curar o filho. Então, pediu a Maú que fosse até a margem do rio e procurasse por plantas medicinais, enquanto ela cuidava do filho. Maú concordou e foi até a margem do rio, procurando quaisquer plantas que pudessem ser úteis. Ele encontrou algumas ervas e frutas que achou que poderiam ajudar e as trouxe de volta para Rupunini. Ela agradeceu a ele e começou a preparar um chá com as ervas e frutas que ele trouxe. Ela sabia que o chá não seria a cura milagrosa, mas pelo menos daria um alívio temporário para o filho. Eles continuaram a seguir em frente, agradecidos por terem encontrado o rio Yari-Marú e esperando que isso fosse suficiente para mantê-los a salvo e curar o filho.

Um Vingança Necessária

A chuva daquela noite fez com que o batalhão acampasse em uma aldeia antes de destruí-la. A chuva era forte e Quisquis não estava disposto a perder tempo, decidiu interrogar os prisioneiros, queria informações da família. Os soldados haviam coletado informações com alguns prisioneiros e eles acabaram apresentando histórias que ouviram de Maú quando passou pelas aldeias pedindo abrigo ou comida. Todos falavam da beleza da espada e de como a família estava com medo.

Quisquis ficou fascinado com a espada de Maú; ele já tinha ouvido falar de espadas como aquela, mas nunca tinha visto uma pessoalmente. O comandante Quisquis determinou que os prisioneiros fossem interrogados para saber se a família tinha passado pela região. Um dos prisioneiros revelou o nome de Maú e a origem de sua espada.

Mesmo chovendo, eles penduraram alguns prisioneiros que identificaram como importantes, para obter informações e torturá-los, mostrando sua crueldade como exemplo aos demais prisioneiros, a fim de dissuadi-

los de tentar fugir e forçá-los a fornecer informações quando solicitadas. A água fria da chuva e os açoites nas costas e pernas com pedaços de galhos de caimbé eram os instrumentos daquela noite. O som dos trovões tornava o ambiente ainda mais terrível.

Quisquis – Diga-nos quando foi a última vez que os viu? Para onde eles estavam indo?

Parimé – Há uns três ou quatro dias, estávamos caçando quando os encontramos na floresta. Eu já disse, eu não sei onde ele está. Sei que eles estavam fugindo de vocês. Ele nos alertou sobre vocês, mas não acreditamos. Pensei que eles tinham feito algo ruim em sua aldeia e foram expulsos por isso.

Quisquis – Vocês sempre se protegem uns aos outros. Eu não acredito em você. Vamos tentar de novo.

Parimé – Eu já disse tudo o que sei. Por favor, pare!

Os soldados de Quisquis estavam açoitando as pernas e costas do prisioneiro que estava amarrado e pendurado pelas mãos em uma árvore.

Parimé – Eu não sei onde ele está! Ai!

O comandante conduzia o interrogatório.

Quisquis – Eu acho que você está escondendo

informações. Vamos aumentar a dor até você falar a verdade. Você sabe alguma coisa sobre esse Maú de quem estão falando? Quem é ele?

Parimé – Eu não tenho informações sobre ele. Por favor, parem com isso. Eu não sei muito, senhor. Só ouvi falar dele uma vez. Dizem que ele é um guerreiro poderoso, mas também um homem bondoso. O pai dele veio de uma tribo longe daqui, das terras de gelo, do outro lado do Rio Azul.

Quisquis – E a espada que ele carrega? De onde ela veio?

Parimé – Eu ouvi dizer que essa espada pertenceu a seu pai, que era um navegante. Ele a trouxe consigo quando veio viver entre nós, mas acabou morrendo de uma doença que o pajé não conseguiu identificar.

Quisquis – E onde Maú está agora?

Parimé – Eu não sei, senhor.

O prisioneiro foi açoitado até não resistir e morreu, assim como outros, naquela noite terrível.

Yumil - Senhor, precisamos decidir o que fazer com os doentes e os nossos saques.

Quisquis - Use os prisioneiros para carregar as

cargas. Identifique os curandeiros da aldeia e os obrigue a cuidar dos nossos homens.

Yumil - Senhor, não confio no povo deles. Eles não possuem o conhecimento dos nossos curandeiros.

Quisquis - E o que sugere?

Yumil - Temos uma carga valiosa, suficiente para pagar nossos tributos e vivermos em prosperidade por anos. O senhor poderá comprar sua indicação para o conselho do imperador. Envie nossos homens com a carga e os doentes para o porto onde desembarcamos nesta jornada, e lá esperamos por você. Nossos barcos poderão começar a enviar a carga de volta para casa e levar nossos doentes para que possam sobreviver. O senhor poderá indicar um soldado de sua confiança para caçar esse rebelde e sua espada, enquanto o senhor retorna conosco. Deixe um pequeno grupo de homens para a busca, e os demais retornem ao nosso ponto de encontro. Os barqueiros estão nos aguardando, não quero que notícias ruins cheguem ao nosso país.

Quisquis - Kinich e Yum seguirão para o porto e assumirão o comando. Você e eu ficaremos para caçar esse rebelde chamado Maú. Preciso de um guia para que

possamos retornar rapidamente após a caçada, e quero seis homens, incluindo aqueles que ouviram minha conversa com o navegante na mina.

Yumil - Sim, senhor!

Os saques feitos nesta jornada foram muitos, e alguns homens de Quisquis estavam ficando doentes. Plataformas foram construídas para transportar os saques através das florestas.

Os doentes eram transportados em redes, amarradas a troncos de madeira, e eram carregados por dois prisioneiros.

Então, a maioria dos homens foi enviada com os saques até o local onde desembarcaram para atacar Coro. Quisquis ficou com oito homens para continuar a busca. Um prisioneiro informou que tinha visto uma família fugindo em direção ao rio Yari-Marú alguns dias atrás.

Quisquis – O que você sabe sobre esse homem que você viu?

Turé – Eu não sei muito, apenas o vi de longe. Ele tinha uma espada estranha e estava com uma mulher e crianças.

Quisquis – Uma espada estranha? O que você quer

dizer com isso?

Turé – Ela era diferente das que eu já vi. Era toda brilhante e parecia ser feita de uma única lâmina. Nunca vi algo assim antes.

Quisquis – E para qual direção foram? Turé – Ouvi dizer que eles estavam seguindo o rio Yari-Marú. É para lá que eles foram, pelo que eu sei.

Quisquis – O rio Yari-Marú? Então é lá que esse Maú deve estar. Muito bem, vamos seguir o rio. Não vou parar até encontrá-lo e trazê-lo de volta para ser julgado pelo imperador.

Quisquis reuniu seus homens restantes e seguiram em direção ao rio Yari-Marú, determinados a encontrar Maú e sua família. A jornada era árdua, mas eles não desistiam. Enquanto caminhavam, Quisquis refletia sobre a espada de Maú e as histórias que ouvira. Ele se perguntava sobre o poder e a origem daquele guerreiro.



CAPÍTULO 10 — O Rio Yari- Marú

Yari-Marú: O Rio Proibido e suas Criaturas Sombrias

O rio Yari-Marú é um enorme rio que atravessa uma densa floresta. É uma área verdejante e luxuriante, repleta de árvores altas e exuberantes que se estendem até o céu. O ar é fresco e perfumado com o aroma de flores silvestres e frutas tropicais. A mata é um refúgio para uma variedade de animais, desde pássaros exóticos com penas coloridas até grandes felinos que se escondem nas sombras. O solo é coberto por uma camada espessa de folhagem e musgo, e a luz do sol filtra através da copa das árvores, criando um espetáculo de luz e sombras. O rio Yari-Marú serpenteia pela floresta, oferecendo um lugar refrescante para banho e pesca. É um lugar mágico e selvagem, repleto de mistérios e beleza natural. A floresta ao redor do rio é densa e cheia de vida, com muitas árvores altas e plantas exóticas.

As águas do rio Yari-Marú são muito profundas e escuras, com uma coloração esverdeada que pode ser vista sob a superfície. O rio é conhecido por sua correnteza forte e suas águas agitadas, que podem ser

perigosas para os navegantes inexperientes. As margens do rio são cobertas por florestas densas e exuberantes, repletas de vida selvagem e plantas exóticas. O rio é habitado por uma variedade de animais perigosos, incluindo jacarés, piranhas, anacondas e muitas outras espécies. Mas uma criatura é a mais assustadora de todas: os Yokais, um monstro que tem matado todos que tentam atravessar o rio.

Maú tinha ouvido falar muito nessas histórias, por isso havia feito seu abrigo longe da margem. Ele sabia que o Yokai é uma criatura de outro mundo, que apareceu depois que uma estrela caiu e que tem a aparência de uma mulher muito bela, mas é muito perigosa. Não se sabe onde elas vivem, mas acreditam que elas habitam as profundezas do rio e têm o poder de controlar suas águas, podendo causar enchentes ou diminuir o nível do rio quando desejam. Esse é o motivo pelo qual o rio ainda não possui aldeias em suas margens, pois essa criatura tem atacado todos que moram próximos ao rio. Além disso, ela possui magia e tem ferramentas diferentes das usadas pelos ribeirinhos. Ela utiliza essas ferramentas para se proteger e se comunicar com os outros, não sendo apenas

um animal, mas sim fazendo parte de um grupo. Os sobreviventes que escaparam de seus ataques falam de uma luz vermelha que aparece antes do ataque. Um sobrevivente conseguiu se defender e ferir um desses animais, deixando um tipo de sangue verde brilhante. Maú não estava disposto a enfrentar tal criatura, por isso só buscava o rio durante o dia.

Em outra parte da região e próximo a floresta que a família se escondia, Quisquis, guiados pelo prisioneiro Turé, chegam ao que sobrou do abrigo de Maú, no topo da montanha.

Quisquis – Não podíamos contornar a montanha?

Turé – Não, senhor. Os vales são mais perigosos, com pedras soltas e igarapés com piranhas.

Quisquis – Não seja esperto comigo, tenho rastreadores e meus homens são bem preparados. Não nos atrase!

Um soldado grita:

Yumil – Achei, senhor! Eles estiveram aqui!

Quisquis olha para o guia e fala:

Quisquis – Ainda estou de olho em você.

Quisquis vai ao encontro de Yumil, próximo à

pedra partida ao meio.

Yumil – Vejam, eles dormiram aqui essa noite para se proteger da chuva de ontem.

Cuáááá!!! Croac! Croac! Croac!

Quisquis – Que som é esse?

Nesse momento, ouve-se um estouro, e dois soldados são arremessados a uma grande distância. Quisquis e os outros veem uma sombra passar, é um animal, e atingiu os soldados que foram lançados e estavam caídos parecendo estar mortos. Essa sombra sobe em um voo rápido e é possível ver a silhueta de um grande morcego, mas com a cabeça pontiaguda.

Turé – Ah!!! É o morcego gigante!

O animal dá a volta e pousa perto dos soldados mortos, com maestria e toda a elegância de um rei dos céus. Suas asas têm o tamanho de mais de 3 homens deitados em linha, e sua altura é a de um homem adulto. Suas asas, estendidas majestosamente, revelam uma complexa estrutura de membranas e dedos alongados, permitindo-lhe um voo ágil e poderoso. Sua pele escamosa, resistente e de tonalidade escura contrasta com as manchas mais claras que adornam suas asas,

conferindo-lhe um aspecto fascinante e único.

O animal caminha com passos firmes em direção à sua presa já abatida. Suas asas poderosas estão recolhidas ao longo do corpo, enquanto suas pernas musculosas e garras afiadas tocam o solo com precisão. Sua cabeça alongada e provida de um bico pontiagudo se inclina para frente, revelando dentes afiados e olhos atentos. Ele exhibe uma combinação de elegância e ferocidade em seu caminhar, transmitindo sua habilidade em caçar e capturar presas. Seu porte imponente e sua movimentação cautelosa indicam a confiança e destreza que possui ao se aproximar da presa já abatida. Que anda calmamente em direção aos corpos, escolhendo um e deixando o outro.

Os soldados tentaram atirar uma lança contra o animal, que desviou do ataque e voou com o corpo do soldado abatido.

Os soldados começaram a gritar e correr em direção ao outro soldado abatido.

O corpo do soldado estava muito machucado, ele não sentiu o ataque.

No horizonte, a silhueta do animal voando com o

corpo em direção ao sol faz entender que eles devem sair dali o mais rápido possível. Ele pode voltar.

Os soldados pegam os pertences de valor do corpo e os dividem entre si. Eles colocam pedras sobre o corpo, improvisando uma tumba.

Yumil – Não é um Morcego Gigante e sim um kunturi.

Quisquis – Ele é maior que um kunturi e sua cabeça é diferente. Sua pele parece com a pele de um jacaré.

Quisquis – O que mais vamos enfrentar?

Ele pergunta ao guia.

Turé – Eu não sabia que essa era a área de caça desse animal.

Eles seguem viagem em silêncio em direção ao rio.

Quando Quisquis chegou próximo ao rio Yari-Marú, viu a densa floresta e o prisioneiro, que era o guia, começou a contar as histórias de terror vividas pelos aldeões vizinhos ao rio e como as aldeias foram destruídas pelos Yokais.

Quisquis – Essas histórias são apenas lendas, não podem ser verdadeiras. Não acredito que exista algum

tipo de criatura capaz de destruir aldeias inteiras.

Turé – Eu acredito que elas são reais, senhor. Eu já vi a luz vermelha e ouvi os gritos das suas vítimas. Eu sei que são perigosas e que não devemos nos aproximar do rio durante a noite.

Quisquis – Eu entendo suas preocupações. Vocês são fracos e medrosos, e não conhecem nosso deus Kinich Ahau. Temos uma missão a cumprir. Não vou deixar essas lendas me impedirem de encontrar Maú e sua espada. Continuaremos a seguir o rio até encontrarmos uma pista dele.

Os soldados de Quisquis ficaram nervosos com as histórias de terror que ouviram, mas sabiam que não podiam desobedecer à ordem de seu comandante. Então, continuaram a seguir o rio, mantendo-se atentos e alertas, sempre esperando por qualquer sinal de perigo.

Percebendo a preocupação dos soldados e como já estava anoitecendo, Quisquis ordenou montar o acampamento antes da floresta e aguardar outro dia para iniciar a procura.

O Ataque ao Acampamento

No final da tarde, enquanto Maú caçava para alimentar a família, avistou de longe os soldados aproximando-se e montando acampamento. Percebeu que eles passariam a noite ali e correu ao encontro da família para prepará-la para mudar de local. Embora tivesse deixado a família em um lugar seguro, sabia que não seria seguro permanecer lá. Durante a caçada, deparou-se com uma árvore majestosa que guardava uma pequena passagem.

Maú voltou à árvore e notou que ela era oca, situada a uma distância segura dos inimigos. Perfeita como esconderijo até que os soldados partissem. Ele ainda não havia encontrado um lugar raso para atravessar o rio, e a presença daqueles homens indicava perigo. Ele correu o mais rápido que pôde para alertar a família.

Quisquis e seus soldados estabeleceram o acampamento próximo à floresta, nas margens do rio Yari-Marú. Todos estavam cansados e sujos. Quisquis olhava para o rio ao longe, relembrando todas as lendas e

histórias que ouvira a seu respeito. Sabia que o rio era perigoso e temido pelos povos da região, que acreditavam ser lar de espíritos malignos e criaturas místicas. O grupo foi dividido entre aqueles que preparariam a refeição, os que montariam as tendas e os que ficariam de guarda.

O som dos galhos quebrando e das folhas farfalhando preencheu o ar enquanto os soldados se preparavam para descansar. Parte do grupo havia acompanhado o rio Yari-Marú durante todo o dia, procurando qualquer sinal de Maú e sua família, mas até o momento haviam obtido pouco sucesso.

Quisquis demonstrava visível irritação com o fracasso das buscas e ordenou que seus homens montassem as barracas e acendessem uma fogueira para passarem a noite. O tempo passou, todos já haviam jantado e alguns já haviam se recolhido para descansar. Enquanto os soldados vigiavam, a temperatura começou a cair e uma neblina gelada envolveu o acampamento. Quisquis envolveu-se em sua manta e tentou aquecer-se junto à fogueira dentro de sua tenda, mas algo o incomodava. Não conseguia dormir, seus olhos percorriam o ambiente, buscando algo que o fizesse

adormecer.

Já passava da metade da noite quando...

Áuuuuu!!!

O som alto e sinistro rasgou o ar, reverberando pelo acampamento. Parecia emanar de um gigante animal, próximo e ameaçador. Quisquis saltou da sua cama improvisada e empunhou sua espada, pronto para enfrentar o perigo iminente. Os demais soldados, que não estavam de guarda, também se ergueram, prontos para a batalha, armas em punho e sentidos aguçados.

Quisquis - Será que há lobos nessas matas? - indagou ao guia.

Turé - Não, senhor. Por aqui, temos os Waku, criaturas pequenas. Eles não atacam em grupo, são solitários.

Um silêncio pesado abateu-se sobre a área em que o acampamento estava situado. Nem mesmo o zumbido dos insetos se fazia ouvir. O vento soprava suavemente, dispersando a névoa que havia coberto tudo.

Turé - Parece que uma onça está por perto.

Quisquis - O que é uma onça? - questionou, curioso.

Turé - É o maior jaguar da região. Ela caça jacarés nas águas do rio e macacos nas copas das árvores. Se ela desejar devorar alguém, assim fará.

Yumil - Hum! Já matamos várias delas na mata. Não tememos essas onças.

Turé - Os jaguares das terras litorâneas são pequenos. No entanto, este animal que menciono chega a pesar o mesmo que dois homens adultos.

Quisquis - Eu quero a pele desse animal. Seria uma excelente proteção para a cabeça. Imagine suas presas?

Turé - São do tamanho do seu dedo indicador. As garras da onça cortam como a sua espada. Certo dia, encontramos uma anta que escapara de seu ataque. Essa anta poderia ser montada por duas pessoas, e a onça a levou sem esforço algum. As costelas da anta estavam expostas, e seu intestino se espalhava pelo chão. A onça havia desferido um golpe que percorria da costela direita até a coxa traseira direita. Suas três garras dilaceraram tudo o que puderam. Encontramo-la ainda viva, agradecemos aos deuses e dividimos a presa entre dez

famílias. As onças afiam suas garras nas árvores. São feridas profundas.

Quisquis - Homens, mantenham-se vigilantes, aumentem o fogo da fogueira. Irei descansar um pouco. Mas aquele que me trouxer a pele desse animal, será recompensado com ouro.

Os soldados zombavam da proposta, exaustos demais para enfrentar a mata naquela escuridão; ansiavam pelo descanso, pois no dia seguinte caçariam um homem. A calmaria retornou e a névoa se infiltrou novamente. Aqueles que estavam de guarda se aproximaram de uma fogueira no centro do acampamento, buscando abrigo contra o frio daquela noite implacável. Estavam fatigados e exaustos da longa perseguição e dos saques, e muitos já haviam sucumbido ao sono profundo.

Um uivo ressoou mais uma vez, desta vez mais próximo. Quisquis emergiu de sua tenda com a espada empunhada, sondando o entorno em busca da origem do som, quando deparou-se com um par de olhos rubros faiscando na escuridão. Recuou um passo, sentindo a adrenalina disparar através de suas veias.

De súbito, um ruído estranho ecoou e se viram cercados por uma criatura colossal e aterrorizante. Sua pele era escura e escamosa, e seus olhos escarlates fulguravam na escuridão. Os soldados investiram contra a besta, porém esta era ágil e possuía uma força descomunal. Alguns foram feridos e outros tombaram sem vida diante dos ataques frenéticos da criatura, que parecia estar imersa numa fúria desmedida. Tudo em seu caminho era destruído, expulsando-os do local.

O comandante tentou organizar a resistência dos soldados, porém a criatura parecia invulnerável. Quisquis empunhava uma espada curta e um escudo redondo, enquanto a besta utilizava apenas suas garras e sua força bruta. Quisquis, um soldado experiente, batalhou sem temor contra o monstro. Tal criatura era bípede, assemelhando-se a um homem, mas com garras enormes que abriam feridas profundas em seus adversários. Sua aparência evocava uma fusão entre o humano e o jacaré, ainda que desprovida de cauda. Antes de atacar, ela saltava com destreza. O confronto entre Quisquis e a fera foi intenso e brutal. O comandante empregava toda a sua perícia com a espada para derrotar a criatura, contudo

esta revelava-se forte e ágil demais. Embora Quisquis tenha conseguido desferir alguns golpes certos, a besta parecia insensível à dor, perpetuando seu ímpeto de ataque com implacável fúria.

Os soldados em guarda irromperam na batalha para proteger o comandante. Quisquis vislumbrou uma oportunidade de atacar a criatura pelas costas, enquanto ela se ocupava em investir contra outro soldado. Desferiu um golpe poderoso com sua espada de madeira obsidiana, que se partiu, mas alcançou o coração da besta em cheio. Ainda empunhando o fragmento da espada, percebeu que ainda podia cortar e lançou-se sobre a criatura, que tentava se desvencilhar da porção alojada em suas costas. Num momento de queda, Quisquis empregou toda a sua força, empurrando o que restava de sua espada contra o animal.

A criatura tombou emitindo um grito de dor, e de sua boca escorreu um tipo de sangue amarelado. Quisquis, ofegante e exausto, ajoelhou-se ao seu lado.

Quisquis - Que criatura é essa?

Turé, que havia se ocultado, reapareceu e examinou os destroços ao redor. Ele foi trazido pelos

soldados para examinar o corpo do animal.

Yumil - Nunca testemunhei algo semelhante.

Turé ao examinar o animal identificou algo diferente.

Turé – É diferente dos Yokais, pois dizem que são espíritos femininos. Dizem também que os Yokais possuem seis bichos de caça, e essa criatura é uma delas.

Yumil – Você está dizendo que essa criatura é um animal dos Yokais?

Turé – Sim! Já ouvi falar desse ser. Ele é conhecido como Jurupari, um ser poderoso conhecido por seus gritos agudos e sua força descomunal. Ele é o protetor da floresta e costuma aparecer antes dos Yokais. Seus ataques são terríveis, destruindo tudo à sua frente. Diziam que ele tinha asas e que atacava com fogo as aldeias.

Yumil - Aparentemente, eles parecem bem reais para mim.

O animal começou a se remexer, surpreendendo a todos ao falar. Os soldados e o guia se afastam do animal, que se movimentava e falava, diferente do comandante que não se assustou com a criatura.

Jurupari - Saíam daqui! Saíam daqui!

Todos se assustaram com a criatura que se comunicava, exceto Quisquis, que se aproximou dela e indagou:

Quisquis – De qual povo você pertence? E quem é você?

Jurupari - Um escravo. Eles não querem vocês aqui.

Quisquis - Quem são "eles"?

Jurupari - Eles chegaram e tudo arruinaram, nos aqui presos estamos e forçados trabalhamos. Daqui não somos, crianças foi quando roubaram de nosso povo, maldade fizeram e hoje ficamos assim, feios. Éramos pequenos, só conhecemos a eles.

O Jurupari fitou Quisquis com olhos melancólicos e prosseguiu:

Jurupari - Nós somos os últimos, não há mais como nós. Lutamos pela sobrevivência e para viver. Não podemos desobedecer.

A criatura deu seu último suspiro e tombou diante de Quisquis e seus homens.

Quisquis mergulhou em silêncio por um instante,

meditando sobre as palavras da criatura. O ser sem vida possuía semelhanças com um jacaré, erguendo-se sobre as patas traseiras com uma couraça escamosa e resistente que envolvia seu corpo, desprovido de cauda e com um semblante humanoide. Possuía patas robustas e garras afiadas. Sua boca exibia dentes serrilhados, assemelhando-se aos das piranhas-caju. A criatura utilizava uma armadura de madeira que protegia seu peito e suas costas, enquanto deixava seus braços e pernas expostos para atacar. Estava repleta de cicatrizes e feridas ainda abertas. Ao examinar a criatura, os homens de Quisquis ficaram atemorizados e começaram a orar a seus deuses, acreditando que estavam amaldiçoados.

Quisquis - Não pensem assim! Nós nos tornamos exterminadores de deuses, nada é mais poderoso do que nossas espadas, e nosso deus está ao nosso lado.

Quisquis levantou-se e ordenou que seus soldados se preparassem para partir. Ele sabia que o ataque ainda não havia chegado ao fim. As perdas foram devastadoras, com três soldados mortos e um gravemente ferido.

Uma Floresta em Fúria

A morte da criatura desencadeou um caos na floresta próxima ao acampamento, deixando os soldados em estado de alerta máximo. Todo o bosque foi invadido por ruídos, gritos e urros. Vários animais começaram a fugir em desespero, enquanto aves voavam, árvores tombavam e troncos se partiam, emitindo estalos que reverberavam por toda a mata. Os macacos guaribas começaram a entoar um coro aterrorizante.

Avançando em direção ao acampamento, uma imponente criatura derrubava árvores e gerava um alvoroço ensurdecedor, amedrontando outros animais que fugiam em disparada diante de Quisquis e seus homens. Emergindo das sombras entre as árvores, uma serpente gigante se manifestou, exibindo uma fúria incontrolável. Era colossal, com um comprimento indeterminado, parecendo medir a distância de um disparo de arco, e sua pele escamosa reluzia sob a luz da lua. A cabeça da cobra era suficientemente larga para engolir um homem inteiro, e suas mandíbulas estavam repletas de presas afiadas.

A serpente se enroscou ao redor de uma árvore imponente que se partiu sob o peso do animal, erguendo a cabeça em busca do grupo de Quisquis. Seus olhos eram diminutos e brilhantes, refletindo uma crueldade implacável. Seu corpo sinuoso e contorcido serpenteava enquanto rastejava, emitindo um sibilo furioso. Ao avistar os soldados, ela se lançou na direção de Quisquis e seus homens. Tudo o que cruzasse seu caminho era esmagado por sua imensa massa e subjugado por sua força avassaladora; não havia escapatória diante de sua ira assassina.

Ssssss!!! Ssssss!!! ...

Quisquis havia enfrentado inúmeras batalhas ao longo de sua carreira militar, mas nada o preparara para o encontro com a colossal serpente que emergia da floresta com uma ferocidade comparável à de uma fera protetora de seus filhotes.

Os soldados permaneciam petrificados de medo ao testemunhar a criatura avançando em sua direção. Quisquis gritava para que se protegessem, mas os combatentes pareciam hipnotizados pelo tamanho da criatura.

Quisquis - Fugam! Fugam! Não fiquem parados!

Os soldados pareciam em transe, até que Quisquis os empurrou. Ele tentou organizar uma defesa, porém era tarde demais. A serpente já estava à sua mercê, e ele não tinha como escapar. Virou-se e empreendeu uma fuga desesperada, com os soldados logo atrás. Correram pela floresta, buscando abrigo por trás das árvores e arbustos, enquanto a serpente os perseguia com implacável fúria.

Quisquis sabia que não podia cessar sua corrida, caso contrário, a cobra o alcançaria. Dirigiram-se em direção ao caminho por onde haviam vindo, buscando abrigo atrás de árvores e rochas.

A criatura se movia com uma velocidade impressionante, algo incomum para sua imponente estatura. O chão tremia com o rastejar do animal, provocando o deslocamento de pedras que rolavam e despencavam das encostas.

Quisquis - Não há alternativa senão enfrentar essa criatura.

Yumil - Senhor, isso é uma loucura!

Quisquis - Se fugirmos, ela nos caçará um a um. Se a enfrentarmos, talvez possamos afugentá-la.

Durante a fuga, Turé tropeça e fica para trás. O animal o ataca, mordendo suas pernas e arremessando-o em direção às árvores. A velocidade com que a cobra investe contra Turé e a altura em que o arremessa evidenciam o poder da criatura. Turé desaparece entre a densidade das árvores.

Quisquis compreendeu a urgência de agir rapidamente para sobreviver a esse embate. Ele ordenou que os soldados preparassem suas armas e se preparassem para o combate, no entanto, a cobra era tão ágil e veloz que mal conseguiam acertá-la. Retomaram a fuga, correndo o mais rápido que podiam, mas o réptil os perseguia implacavelmente. O som do rastejar da criatura pelo solo e o sibilar de sua respiração ecoavam em seus ouvidos.

Ssssss!!! Ssssss!!! ...

Quisquis compreendeu que precisava pensar rápido se quisesse sobreviver. Observou atentamente ao redor em busca de uma saída, porém a escuridão da floresta dificultava sua visão. Então, tomou a decisão de escalar uma árvore robusta, buscando um tronco espesso

onde pudesse se abrigar, na esperança de que a cobra não pudesse alcançá-lo. Com dificuldade, subiu até alcançar um ponto fora do alcance do réptil. Do alto, observou a cobra se aproximando dos soldados em fuga.

Os soldados corriam em desespero, enquanto a criatura avançava impiedosamente, seu corpo gigantesco rastejando pelo interior da floresta. Sua pele escamosa cintilava sob a luz da lua, e sua ira se manifestava em cada movimento. Os soldados tentavam se defender, mas seus gestos se mostravam impotentes.

Quisquis, lá no topo, escutava os gritos desesperados de seus soldados enquanto a cobra os alcançava e os atacava com toda a sua fúria. Sentia-se impotente, ciente de que não podia auxiliar seus homens. Nunca antes havia enfrentado algo tão avassalador e não sabia como lidar com aquela situação.

O tempo se arrastou enquanto permanecia no alto, aguardando a calmaria, sem mais ouvir os sons da cobra ou de seus soldados. Decidiu, então, descer da árvore e empreender a busca por seus companheiros.

Após algum tempo vasculhando as trevas, não encontrou sobreviventes. O corpo de Turé, seu guia, não

estava entre eles.

Ao regressar ao acampamento, notou que o corpo de Jurupari havia desaparecido, aumentando ainda mais a tensão do comandante.

Criatura ou Deuses

A floresta encontrava-se imersa em completo alvoroço, transformada em um cenário de caos e agitação. Os sons de rugidos, grasnados e uivos reverberavam por todos os recantos. Os animais, tomados pela inquietação, corriam freneticamente entre árvores e arbustos. O ar estava impregnado com o bater das asas das aves e o estalar de galhos sob o peso dos seres em movimento. O solo vibrava sob o passo apressado de patas, cascos e garras. A fauna selvagem parecia unida em um estado de alerta coletivo, como se uma ameaça invisível pairasse sobre o ambiente. Pássaros voejavam em círculos nervosos, lançando chamados agudos de alarme. Macacos balançavam-se de galho em galho, soltando gritos estridentes. Os felinos esgueiravam-se pela vegetação com olhos vigilantes e orelhas atentas, prontos para detectar qualquer sinal de perigo iminente.

A própria vegetação da floresta participava do frenesi. Folhas tremulavam com veemência, gerando um sussurro constante. Ramos entrelaçavam-se e se agitavam, como se impulsionados por uma força invisível.

Era como se a própria natureza estivesse inquieta, refletindo o estado de excitação e ansiedade dos animais.

Nesse ambiente de turbulência, a floresta se transformava em um palco de movimento caótico e sons ensurdecedores. Era uma visão e uma experiência sensorial que evidenciavam que algo extraordinário se desenrolava, despertando os instintos de sobrevivência e vigilância de cada criatura presente.

Maú, Rupunini e seus filhos encontravam-se ocultos dentro de uma árvore. Estavam tomados pela curiosidade em relação aos eventos que se desdobravam. A árvore escolhida para seu refúgio era de porte generoso, uma antiga castanheira que, aparentemente, já servira de moradia para outros animais, apresentando entalhes internos e passagens que levavam ao topo da árvore.

Maú - O que está acontecendo? Que agitação é essa? Nunca vi tantos animais em fuga assim. Parece até que a mata está em chamas.

Rupunini - Será que algum animal gigante está passando lá fora?

Maú - Será que é o Mapinguari?

Rupunini - Não sei. Precisamos investigar melhor.

Maú - Aquele buraco lá em cima na árvore, vamos subir até lá e tentar enxergar o que está acontecendo!

Eles escalaram até a abertura da árvore, mas ao tentarem sair, depararam-se com macacos nos galhos. Os animais estavam agitados, como se protestassem contra o que estava ocorrendo. Maú tentou afugentá-los, mas eles se mostravam agressivos. Quando um ruído assustou os macacos, que fugiram, tudo se calou. Maú olhou para Rupunini, fazendo um gesto para que ela mantivesse silêncio. Ainda estava escuro dentro da árvore, e eles possuíam apenas uma pequena tocha. Ao ouvirem o barulho que assustou os animais, dando a impressão de que algo grande se aproximava de sua localização, tomados pelo medo, apagaram a tocha.

Maú e Rupunini emergiram pela abertura e, em silêncio, observaram o que se desenrolava lá fora.

Em uma clareira, envolta pela escuridão, surgiu a imponente cobra gigante que havia atacado o acampamento. Maú desconhecia esse fato, mas, ao avistar o animal, tentou permanecer escondido. O galho em que se encontravam era suficientemente largo para que deitassem sobre ele e pudessem observar o

desenrolar dos acontecimentos abaixo.

Maú percebeu a presença oculta de outros animais nos galhos próximos, como se temessem a criatura que se encontrava ali.

Na escuridão da densa floresta, erguia-se uma presença sinistra e imponente. A cobra gigante, como uma sombra ondulante, deslizava entre as árvores, revelando apenas breves vislumbres de sua figura colossal. Sua pele escura, escamosa e reluzente parecia absorver a luz ao redor, quase tornando-a invisível na penumbra.

Seu corpo era uma serpentina massa de músculos poderosos, capaz de se esgueirar silenciosamente e mover-se com destreza inigualável. As escamas, como lâminas negras, conferiam-lhe um aspecto temível e formidável. À medida que avançava, as escamas refletiam pequenos fragmentos de luz, criando um efeito quase hipnótico.

A cabeça da cobra, desproporcionalmente grande, abrigava dois olhos brilhantes como brasas, que perscrutavam o ambiente com uma intensidade penetrante. Presas afiadas e letais se destacavam em sua

boca, prontas para aniquilar qualquer presa desavisada que cruzasse seu caminho.

Enquanto serpenteava, a cobra emitia um sussurro suave, um aviso de sua presença ameaçadora. Seu movimento era uma dança sinuosa e silenciosa, uma coreografia mortal que se desenrolava na escuridão. A cada deslize, deixava para trás um rastro de mistério e medo, como se fosse um arauto de segredos sombrios e ancestrais.

A cobra gigante personificava o poder e o perigo da natureza selvagem. Era a encarnação do mistério e da imprevisibilidade que permeavam a floresta, uma força indomável que inspirava admiração e temor. Na escuridão da noite, seu imponente porte desafiava qualquer intruso a ousar enfrentar sua majestade.

E ali, preso em sua mandíbula, encontrava-se o corpo de Jurupari. Rupunini tentou falar, mas Maú o interrompeu, fazendo um gesto para que sussurrasse em seu ouvido.

Rupunini - Que criatura é essa? E que cobra é aquela? Nunca ouvi falar de tais animais.

Maú não respondeu, mas indicou que desconhecia

as respostas.

Eles observaram a cena com horror, esforçando-se para permanecerem o mais silenciosos possível, de modo a não atrair a atenção da criatura.

A cobra permaneceu imóvel, como se esperasse por algo. Ela deixou o corpo do Jurupari cair no chão quando surgiram outras duas criaturas diferentes da cobra e do Jurupari, correndo em direção à clareira com a mesma velocidade de um jaguar. A cobra não parecia se importar com a presença desses seres, como se os estivesse esperando.

As criaturas assemelhavam-se a homens, e quando produziam um som semelhante a madeira arrastando em outra madeira, os animais próximos a elas reagiam ao barulho, fugindo ou gritando em resposta, como os macacos nas árvores.

Vrummm! Tsss! Tsss!

O som emanava do peito das criaturas quando abriam uma espécie de porta em seus peitorais. De dentro desses seres, surgiam criaturas menores, da altura de crianças. Enquanto saíam dos seres maiores, estes pareciam estar paralisados, imóveis, sem vida.

Maú voltou-se para Rupunini e sussurrou, aproveitando a agitação dos animais.

Maú - Meu pai mencionava homens ricos em sua terra, que usavam armaduras de ferro, do mesmo material das espadas. Acredito que essas coisas sejam as armaduras dessas criaturas que se assemelham a crianças.

Rupunini - Acredito que sejam os Yokais.

As criaturas que emergiam das armaduras lembravam pequenos homens, mas caminhavam desajeitadamente, com dificuldade. Tinham partes de seus corpos deformadas, e Maú percebeu que as armaduras auxiliavam na locomoção delas.

Maú e Rupunini puderam observar que essas criaturas se comunicavam por meio de sons inaudíveis e tinham visão noturna. Elas examinavam o corpo do Jurupari como se não acreditassem no que havia acontecido com ele, utilizando uma luz vermelha para obter informações sobre os ferimentos.

Boommm! Tsss! Tsss! Vrummmm!

A cobra gigante soltou uma fumaça branca e emitiu um som semelhante ao anterior, porém mais alto,

o suficiente para assustar os macacos nas árvores. O barulho vinha da cabeça da cobra, que se separou do corpo como se estivesse se erguendo. Luzes surgiam de dentro daquilo que Maú e Rupunini acreditavam ser uma cobra. E dentro delas, sentada, havia outra pequena criatura semelhante às anteriores que examinavam o corpo.

A cobra gigante parecia não ser um animal, mas sim uma colossal máquina. Na região em que a criatura estava assentada, havia estruturas que lembravam remos, movimentadas pelo operador para movimentar aquela construção.

Maú ficou extremamente intrigado e decidiu descer da árvore para obter uma visão mais próxima. Os animais da floresta gritavam quando ocorreu uma explosão e uma nuvem branca emergiu daquilo que parecia ser a cobra gigante, e a criatura desceu dela.

Maú e Rupunini desceram pela abertura na árvore e pediram às crianças para ficarem em silêncio. Eles saíram da árvore e selaram a entrada com uma pedra próxima.

Eles correram e aproximaram-se das criaturas em

total silêncio. Ao vê-las de perto, perceberam que elas utilizavam máquinas, embora só tenham compreendido isso posteriormente. Naquele momento, eles não sabiam ao certo o que era aquilo.

Eles notaram que as criaturas que saíram da cobra eram idênticas às outras e estavam examinando o corpo. Todos estavam vestidos com uma espécie de couro que os cobria por inteiro em cores escuras, impossibilitando sua identificação devido à escuridão da noite. Essas vestimentas permitiam-lhes movimentarem-se de maneira eficiente e os protegiam de insetos.

Os pequenos seres estavam ao redor do corpo de Jurupari, conversando entre si em uma língua desconhecida, quando retiraram do corpo um fragmento da espada de Quisquis e os pedaços de obsidiana. Eles analisaram o objeto.

Uma das criaturas pegou um pedaço de obsidiana e fez um corte na própria madeira da espada, percebendo que ela cortava tanto a madeira quanto o tecido do corpo de Jurupari. Em seguida, tentaram cortar duas armaduras com o mesmo pedaço, constatando que a pedra não era resistente e se quebrava.

Outra criatura parecia observar e anotar tudo o que encontravam, enquanto uma terceira inseria a mão no corpo de Jurupari para avaliar o tamanho da ferida.

Maú e Rupunini observavam a cena em segurança de seu esconderijo, tentando compreender o que estava ocorrendo. Eles sabiam que estavam diante de algo completamente desconhecido e estranho. No entanto, a curiosidade superava o medo, e eles continuaram se aproximando em silêncio, buscando uma visão mais nítida dos seres.

Os seres pareciam à vontade naquele ambiente e não se perturbavam com os ruídos. Quando Maú assustou uma ave que dormia numa moita, ela voou em pânico e assustou outros animais, desencadeando uma reação em cadeia de aves voando, atraindo a atenção dos Yokais. Eles viraram-se na direção do som e pareceram ficar em alerta, como se tivessem escutado algo ameaçador. Maú segurou rapidamente o braço de Rupunini e sussurrou que precisavam partir dali o mais rápido possível. Rupunini assentiu, e os dois começaram a se afastar da clareira, tentando fazer o mínimo de ruído possível. Quando estavam a uma distância segura, Maú e

Rupunini olharam para trás e constataram que os seres tinham desaparecido, assim como a cobra gigante e as outras armaduras. Parecia que nunca estiveram ali.

O Amanhecer

Com o sumiço das criaturas, Maú e Rupunini se assustaram, sem saber o que eram ou de onde vinham, mas tinham a certeza de que não queriam encontrá-las novamente. Eles correram para longe daquele local, procurando um novo esconderijo para se abrigar. E, se abrigaram em meio aos arbustos, entre algumas árvores, próximo a um pequeno córrego. Não se sentiam seguros voltando para a árvore onde as crianças estavam.

A adrenalina ainda corria em suas veias, e a sensação de perigo iminente os mantinha alerta. Eles sabiam que não podiam baixar a guarda, pois a floresta escondia inúmeras ameaças desconhecidas. Sentados em silêncio, procuravam recuperar o fôlego e acalmar seus corações acelerados.

Maú e Rupunini sabiam que precisavam descansar, mas a tensão do momento dificultava o relaxamento. Eles permaneceram alerta, com os sentidos aguçados, atentos a qualquer sinal de perigo.

Com o passar do tempo, o cansaço os dominou, e eles adormeceram abraçados um ao outro, encontrando um

pouco de conforto na presença um do outro. Sob o manto estrelado, a floresta continuava sua dança misteriosa, e os segredos da noite permaneciam ocultos, assim como as criaturas que os haviam perseguido.

Já havia se passado algum tempo e o dia começava a ganhar força quando o som de passos se aproximou do esconderijo de Maú e Rupunini.

Eles acordaram com o som de galhos quebrando, e imediatamente tentaram controlar a respiração para permanecer o mais silenciosos possível. No entanto, os passos continuavam se aproximando cada vez mais, aumentando a ansiedade do casal.

Subitamente, uma luz vermelha varreu o local onde estavam escondidos. Era um Yokai, utilizando sua luz para examinar o ambiente em busca de presas. Paralisados pelo medo, Maú e Rupunini observavam enquanto o Yokai se aproximava perigosamente. Até então, parecia que o ser não havia os avistado. No entanto, ao se aproximar do local onde estavam escondidos, o Yokai deu um salto e pousou próximo a Maú. O coração do casal disparou, e eles tentaram se afastar silenciosamente, com a esperança de passarem despercebidos. Porém, a criatura os percebeu.

Com um movimento ágil, o Yokai agarrou o braço de Maú e o arrastou para fora do esconderijo. Rupunini, desesperada, tentou puxar Maú de volta, mas a força do Yokai era avassaladora. A coragem e a determinação tomaram conta de Rupunini, e ela se lançou contra o Yokai, lutando com todas as suas forças para libertar o seu amado.

Os dois se debatiam, enquanto o Yokai mostrava sua ferocidade e força. Rupunini desferia golpes rápidos e precisos com um pedaço de madeira achado no local, aproveitando cada oportunidade para enfraquecer a criatura, enquanto Maú lutava para tentar se soltar. Porém, o Yokai parecia imune à dor e continuava a arrasta-lo com uma determinação assustadora.

O Yokai levantou Maú e o arrastou, correndo com ele para longe de Rupunini, deixando-a caída e sozinha na vastidão assustadora da floresta. Desorientada e tomada pelo desespero, Rupunini tentou se levantar para acompanhar a direção em que Maú foi levado, mas logo perdeu de vista tanto o Yokai quanto Maú.

Com o coração apertado e a determinação incansável de reencontrar sua família, Rupunini se ergueu do chão, sacudindo a poeira e a dor que a cercavam. Seus passos,

incertos e trêmulos, ecoavam na quietude da mata enquanto ela buscava desesperadamente encontrar o caminho de volta até seus filhos.

A cada passo, Rupunini enfrentava os obstáculos impostos pela natureza selvagem. Os galhos das árvores se entrelaçavam em seu caminho, parecendo tentar impedi-la de avançar. A vegetação densa a envolvia, como se a floresta conspirasse contra ela. No entanto, a determinação e o amor que pulsavam em seu peito eram mais fortes do que qualquer adversidade que pudesse encontrar.

Enquanto isso, o Yokai corria pela vegetação densa em alta velocidade, segurando Maú com firmeza em suas mãos. Para Maú, era como se estivesse sendo carregado por um gigante, envolvido pela sensação contraditória de calor e frieza. O peito da criatura emanava um calor intenso, enquanto seus braços que prendiam Maú eram gélidos como a própria espada de Maú.

Aos poucos, Maú percebeu que o ser que o carregava não estava vivo. Abandonou a luta e passou a observar detalhadamente aquela figura misteriosa. Buscava desesperadamente por uma brecha na armadura, por um ponto frágil que pudesse explorar. Contudo, desconhecia o

local exato onde deveria atacar. Seus pensamentos oscilavam entre a preocupação com sua família, que enfrentava perigos iminentes sem sua proteção, e a necessidade premente de encontrar uma maneira de se libertar e retornar a eles.

O destino de Maú estava nas mãos do Yokai, e ele teria que lutar com todas as suas forças para encontrar uma saída daquele cativeiro e reunir-se novamente com Rupunini e seus filhos. A esperança era sua única aliada em meio à escuridão que o envolvia, enquanto o coração pulsava com determinação e a mente buscava uma estratégia para escapar do domínio daquela criatura impiedosa.

A espada permanecia presa em suas costas, ainda não utilizada contra a criatura, por temor de deixá-la escapar de suas mãos. Maú desviou o olhar para o peitoral do ser, esforçando-se para lembrar onde o Yokai se conectava à armadura. Sabia que, se acertasse um golpe certo nesse ponto vulnerável, poderia derrubar a criatura e recuperar sua liberdade. Assim, decidido e com a determinação ardendo em seu coração, puxou a espada e concentrou todas as suas forças em um único golpe, eternizando aquele momento em sua memória. Com toda a sua força ele desfere o golpe.

O golpe foi certo e atravessou o peitoral da

armadura, perfurando a parte inferior do abdômen do Yokai. Cambaleando, o ser chocou-se contra uma árvore, lançando Maú entre arbustos e matos. Rolando entre galhos e pedras, o jovem conseguiu se erguer, enquanto o Yokai soltava um grito de dor que ecoava, e era semelhante ao de uma cutia encurralada.

Outro som foi feito, o mesmo ouvido por Maú e Rupunini quando a armadura abria para a criatura sair.

Tsss!

O peitoral do Yokai se abriu, revelando uma oportunidade que Maú não hesitou em aproveitar. Ele correu até a criatura caída e a atacou com fúria, mas surpreendentemente, a criatura não revidou. Era uma criatura pequena e frágil, com o corpo coberto de escamas e olhos brilhantes de um vermelho intenso. Maú desconhecia o perigo que ela poderia representar, mas sabia que não podia deixá-la viva após o que havia presenciado.

Com um último golpe, Maú assegurou-se de que a criatura estava morta. A energia da luta ainda pulsava em suas veias, e ele olhava ao redor em busca de qualquer sinal de ameaça. O silêncio da floresta ecoava em seus ouvidos, enquanto ele recuperava o fôlego.

Ao examinar mais de perto a criatura abatida, Maú notou que sua aparência lembrava a de uma criança, mas com barbas e cabelos longos, e seus membros estavam deformados e inchados. Um líquido amarelo semelhante a sangue escorria de suas feridas e boca, enquanto estava presa por cabos que lembravam os cestos usados pelas mães para transportar as crianças para a roça, assim como o cesto que carregava Kamarakoto. Ao contemplar o corpo imóvel da criatura, iluminado por luzes misteriosas, Maú foi inundado por lembranças de seus filhos aprisionados na árvore e de Rupunini perdida na mata. Ele se levantou, olhando ao seu redor, buscando orientação.

Maú encontrava-se no coração da floresta, perdido e confuso, tentando assimilar tudo o que acabara de presenciar. Seus olhos percorriam a paisagem ao redor, em busca de algum sinal de vida, mas apenas o silêncio sombrio da natureza o rodeava. O medo e a incerteza começavam a se infiltrar em sua mente, ameaçando sua calma interior, mas ele sabia que precisava se manter focado e encontrar uma saída. Embora se sentisse aliviado por ter derrotado o Yokai, essa vitória momentânea não dissipava completamente a nuvem de preocupação que pairava sobre ele.

Maú tentou se orientar, observando as árvores altas e frondosas que o cercavam, buscando algum ponto de referência familiar, mas a verdadeira rota permanecia desconhecida. A floresta parecia um labirinto sombrio e impenetrável, capaz de engolir os desavisados. No entanto, ele sabia que não poderia permitir que o desespero o dominasse. Sua determinação e coragem eram suas armas contra a adversidade.

Com uma respiração profunda, Maú decidiu seguir em frente, confiando em seu instinto e na esperança de reencontrar sua amada esposa e seus preciosos filhos. Ele avançou com passos cautelosos, consciente de que cada escolha poderia ser crucial para sua sobrevivência.

Ao afastar-se do corpo e tentar lembrar o caminho de volta, Maú foi surpreendido por um som estranho. Era um grito semelhante ao de um gavião, porém mais alto e prolongado. Olhou ao redor, mas não conseguiu identificar a origem daquele som misterioso.

"Kill! Kill! Kill! Kill! ..."

A armadura do Yokai começou a emitir sons e luzes. Intrigado, Maú se aproximou e notou que, nas costas do ser caído e dentro da armadura, luzes de várias

cores cintilavam. Percebeu que os sons eram um sinal, e um sentimento de medo tomou conta dele.

Desesperadamente, Maú correu para longe do local onde a criatura jazia morta, tentando se esconder o mais rapidamente possível. Sabia que os outros seres do grupo não ficariam parados e viriam atrás dele para vingar a morte da criatura. Corria pelo meio da floresta, procurando seguir a trilha que havia percorrido ao chegar ali, mas tudo parecia confuso e ele estava completamente perdido. O som da armadura continuava ecoando pela floresta, aumentando ainda mais seu temor. Sabia que precisava sair dali o mais rápido possível.

O som já estava distante e quase inaudível enquanto Maú corria. Ele ouviu passos e galhos se mexendo, então, escondeu-se, pronto para atacar. Ao observar de longe o que se movia pela floresta, reconheceu a voz familiar de Rupunini. Correu em direção a ela, mas Rupunini, ao ouvir o barulho próximo, atacou instintivamente com o pedaço de madeira que tinha em mãos.

Maú - Ai!

Ela o acertou no braço, mas logo o reconheceu e

o abraçou com toda a força.

Rupunini – Desculpa! Desculpa! É tão bom ver você!

Maú – Não foi nada, estou bem. O que está fazendo aqui?

Rupunini - Pensei que você tivesse morrido. Estou tentando encontrar o caminho para as crianças.

Maú - Você está bem?

Rupunini - Sim, estou bem. E como você conseguiu escapar?

Maú – Com um golpe certeiro, acertei o peito do Yokai. Nós caímos e a criatura saiu, mas eu a matei.

Rupunini olhou impressionada para Maú, sabendo que ele tinha enfrentado mais um perigo.

Rupunini - Será que uma lança é capaz de matar um desses seres?

Maú - Se acertar no peito, acredito que sim.

Rupunini – Estou cansada de fugir. Quase perdi você, não vou mais fugir.

Maú – Eles são mais fortes que nós.

Rupunini – Você matou um deles, então eles podem morrer. Vamos lutar.

A determinação nos olhos de Rupunini refletia uma coragem renovada. Era como se uma chama ardente se acendesse dentro dela, alimentada pela vontade de proteger seus filhos e de enfrentar os desafios de frente. Maú sentiu uma mistura de admiração e temor diante da determinação de sua esposa.

Enquanto eles andavam buscando o esconderijo das crianças, um barulho próximo ecoou na mata, acompanhado por uma luz vermelha que varreu o local.

Rupunini colocou-se à frente de Maú, como um escudo protetor em meio ao caos iminente.

Foi quando o Yokai apareceu fechando o caminho, envolvendo-os em sua aura ameaçadora.

Rupunini assumiu uma postura de combate e decidiu não recuar, encarando a criatura com olhos determinados ela estava com sua pequena faca de pedra. Maú, percebendo a determinação da mulher e sabendo que poderiam atrair mais Yokais ou até mesmo a cobra gigante, tomou uma atitude arriscada. Ele sabia que não seria páreo para o Yokai, pois este era ágil como uma sombra veloz.

Maú assumiu a posição de liderança, colocando-

se à frente de Rupunini, sua voz firme ecoando no ar tenso ao redor deles.

Maú - Você precisa proteger as crianças. Eu vou atrasá-lo, enquanto você sai daqui e encontra nossos filhos.

A criatura permanecia imóvel, em silêncio, observando o casal com um olhar penetrante. Sua presença era intimidadora, mas Maú e Rupunini não se deixavam abalar. Determinados a proteger seus filhos, enfrentariam qualquer desafio que surgisse em seu caminho.

Com um gesto rápido, Maú segurou a mão de Rupunini e puxou-a consigo enquanto corriam pela mata. A criatura saltou e aterrou à frente deles, bloqueando seu caminho. Sem hesitar, o casal mudou de direção, buscando uma rota alternativa. A criatura persistia, saltando e cercando-os a cada mudança de trajeto.

Em um ritmo frenético, eles continuaram correndo, desviando-se da criatura que os perseguia implacavelmente. Seus corpos se moviam em perfeita sincronia, mantendo o impulso constante, sem olhar para trás. Cada vez que a criatura se posicionava à frente deles,

eles reagem instantaneamente, mudando de direção com agilidade e determinação.

Mesmo diante da exaustão que começava a se manifestar em seus corpos, Maú e Rupunini não desistiam. Seus músculos ardiavam, seus pulmões imploravam por ar, mas o fogo da determinação queimava em seus olhos. Não havia espaço para o cansaço ou a desesperança.

E assim, eles persistiram, uma dança frenética entre a vida e a morte. Correram por entre as árvores, saltaram sobre raízes e desviaram de troncos caídos, cada movimento calculado, cada passo levando-os mais perto de seu objetivo. A criatura continuava em seu encalço, mas Maú e Rupunini recusavam-se a deixar o medo dominá-los.

No meio da correria, eles tropeçaram em um corpo no chão. Maú caiu, e Rupunini, que estava logo atrás, parou para ver de quem se tratava. Era um soldado maia, caído ali, próximo a uma lança. Rupunini pegou a lança, deixando o pedaço de madeira que usava anteriormente. Maú se levantou, preparando-se para o ataque.

Com a espada em mãos, Maú e Rupunini sabiam

que suas armas pouco representavam uma ameaça real para o Yokai. Protegido pela fortaleza de sua armadura e dotado de uma força avassaladora, enfrentá-lo diretamente seria quase impossível.

Em meio à adversidade, Maú tentou pensar rapidamente em uma estratégia para salvar suas vidas. Seus olhos percorriam freneticamente o entorno, buscando qualquer solução possível. Mas a floresta parecia ter se esvaziado de recursos, e a situação tornava-se cada vez mais desesperadora.

Então, uma ideia ousada brotou em sua mente como um raio de luz em meio à escuridão.

O Yokai reapareceu e a passos lentos se aproximava do casal, ao caminhar ele estava fazendo sons metálicos idêntico ao raspar pedras com pedras.

Começou a bater palmas e a emitir sons com a boca, tentando atrair a atenção do Yokai. Quando este se virou para encará-lo, Maú partiu em uma direção oposta, determinado a afastar a ameaça de Rupunini.

A criatura começou a perseguir Maú, que se escondeu atrás de um tronco. Quando a criatura passou por ele, Maú desferiu um golpe certo com sua espada

contra o Yokai. No entanto, a criatura se defendeu erguendo o braço, bloqueando o impacto. A lâmina atingiu e cortou o braço do adversário, que ficou inerte.

O braço do Yokai atingido permaneceu inerte, como um galho sem vida. A criatura parecia incrédula diante do que havia acontecido, seus olhos refletindo perplexidade diante de sua momentânea vulnerabilidade.

Maú se separou de Rupunini e correu para ganhar distância do Yokai, mas uma sombra negra escureceu o local. Uma criatura emergiu do meio das árvores, derrubando algumas delas, revelando todo o seu poder.

Apesar de seus esforços para fugir, Maú se viu cercado pela cobra gigante. A criatura erguia-se em posição de ataque, aguardando-o com uma sinistra serenidade. Consciente de que essas criaturas não eram animais comuns, Maú compreendeu que não havia pontos fracos previsíveis. Sem saber exatamente o que fazer, preparou-se para defender-se do iminente ataque do animal.

O cenário à frente de Maú era aterrorizante, com a cobra gigante de um lado e o Yokai se aproximando lentamente do outro. O ambiente pareceu congelar por

um instante, enquanto Maú se via encurralado entre duas criaturas poderosas e imponentes.

A cobra gigante mantinha os olhos fixos em Maú, suas escamas brilhando à luz filtrada entre as árvores, revelando sua perigosa majestade. Seu corpo sinuoso se movia com uma graça mortal, pronta para atacar a qualquer momento.

Enquanto isso, o Yokai avançava com passos firmes e determinados, sua armadura refletindo a luz com um brilho ameaçador. Seus olhos intensos e vermelhos transmitiam uma presença sinistra, capaz de aterrorizar qualquer alma.

Maú sabia que precisava agir rápido e com precisão. Seu coração batia descompassado, mas sua coragem e determinação não vacilaram. Com a espada em uma mão ele estava pronto para enfrentar o desafio que se apresentava.

Os sons da floresta pareciam desaparecer, deixando apenas o silêncio tenso e a respiração ofegante de Maú ecoando em seus ouvidos. Seus instintos de sobrevivência assumiram o controle, e ele se preparou para lutar pela sua vida.

Enquanto o Yokai se aproximava de Maú, Rupunini reapareceu, atacando-o pela lateral com sua lança. Que atravessou seu abdome. Apesar da força do Yokai, o ataque foi certo e o derrubou, abrindo espaço para Maú escapar do cerco.

Rupunini retira sua lança do corpo do Yokai, que fica caído, e se prepara para o ataque da cobra, quando Maú corre e a puxa pelo braço. Juntos, eles correm pelo meio da mata. Não olham para trás para saber se o ataque provocou algum dano ao Yokai; era uma corrida pela vida, eles não tinham chances contra a cobra. Durante a fuga, Maú identifica o local e encontra o caminho para a árvore onde estavam as crianças.

O som dos galhos quebrando e das folhas sendo pisoteadas pelos seus pés ecoava pela floresta, enquanto a adrenalina pulsava em suas veias. Cada passo era como um bater de asas de um pássaro em fuga, e o medo os impulsionava como um vento poderoso. O tempo parecia dilatar-se, transformando segundos em eternidades.

Enquanto corriam, o brilho do sol crescia, iluminando a floresta e revelando o ambiente que antes estava lançado em sombras sinistras. O cenário, que era

um palco sombrio e ameaçador, se transformava em uma beleza selvagem. Os raios de sol dançavam entre as folhas, pintando o chão de um verde brilhante e projetando sombras que pareciam dançar em meio à luz.

Os sons da floresta ganharam vida com a luz do dia. Os cantos das aves preenchiam o ar, criando uma melodia que ecoava como um alerta de perigo eminente. Cada nota era como um chamado dos guardiões da mata, advertindo uns aos outros sobre a presença invasora.

Enquanto avançavam, Maú e Rupunini sentiam a terra sob seus pés como um tapete vivo e vibrante, que os impulsionava para frente. O ritmo de suas passadas era como o pulsar de um coração acelerado, guiando-os pela trilha incerta da sobrevivência. Eles eram como um par de dançarinos, movendo-se em perfeita sincronia, coreografados pelos desafios impostos pela floresta.

O aroma da terra molhada e das folhas úmidas preenchia o ar, envolvendo-os como um abraço acolhedor da natureza. Cada inspiração era como um mergulho em um mar de vida, conectando-os ao mundo ao seu redor.

A floresta revelava sua verdadeira essência, exibindo sua beleza selvagem e imponente. As árvores,

que antes pareciam ameaçadoras e sinistras, mostravam-se majestosas e imponentes, como guardiãs ancestrais da sabedoria contida na mata. Os galhos retorcidos eram como braços abertos, acolhendo-os em meio à imensidão verdejante.

Enquanto avançavam, o sol se elevava no céu, sua luz iluminando cada detalhe da floresta, como se desvendasse os segredos que ali se escondiam. As sombras, que antes pareciam ameaçadoras, tornavam-se aliadas, ajudando-os a se camuflarem em meio à mata.

Maú – Aquela é a direção para a árvore das crianças.

Indica Maú para Rupunini.

Maú – Preciso que vá até elas, vou levar esses bichos para longe de vocês. Tire as crianças daqui.

Rupunini – Não vou deixar você só!

Maú – Não podemos cair juntos, quem cuidará de nossos filhos?

Enquanto corriam, perceberam que não estavam mais sendo perseguidos.

Rupunini – Eles não estão nos caçando?

Eles diminuem os passos, mudam de direção e vão

ao encontro das crianças.

Maú – Vamos aproveitar para mudar de esconderijo.

O esconderijo das crianças estava próximo ao local onde eles estavam. Eles as retiraram apressadamente e saíram andando, tentando fugir daquele local ameaçador.

Maú sugeriu: "Vamos voltar para aquela montanha da pedra partida, acredito que podemos passar um tempo lá e depois tentar atravessar o rio."

Rupunini respondeu, com cansaço em sua voz: "Estou exausta, meus pés estão doendo. Não tenho forças para nadar. Vou precisar de dias para descansar, assim poderemos enfrentar o rio."

Maú sentiu um leve tremor no solo, sabendo que a cobra estava por perto. "Precisamos correr, a cobra está perto", alertou ele.

Eles apressaram os passos, a corrida era desesperadora. Maú carregava o filho mais velho nas costas e a segunda criança em seus braços, enquanto Rupunini, com o bebê e a lança em mãos, corria ao seu lado. O amanhecer se revelava como um espetáculo de obscuridade entremeado por uma luz enigmática,

tornando impossível determinar de onde o sol emergia dentro da densa floresta.

A cada passo, a floresta parecia se mover ao redor deles, como um gigante que respira, vivo e pulsante. O barulho de suas próprias pegadas ecoava entre as árvores, como se a própria floresta sussurrasse seus segredos.

A luz do sol penetrava timidamente entre as copas das árvores, criando uma dança de sombras e raios de esperança em meio à escuridão. A floresta, que antes os acolhia com sua beleza selvagem, agora parecia ameaçadora e opressora, como se estivesse conivente com a perseguição que os assolava.

O chão irregular fazia com que cada passo fosse uma luta contra a natureza hostil ao seu redor. As raízes das árvores, que emergiam como tentáculos do solo, pareciam querer prendê-los e puxá-los para o âmago da terra.

O ar estava impregnado com o cheiro de terra e folhas úmidas, mesclado com o aroma do medo e da adrenalina que invadia suas mentes. O suor escorria pelos seus rostos, como se a própria floresta estivesse

expelindo suas angústias através de seus corpos.

Enquanto corriam, Maú e Rupunini sentiam o peso do mundo em seus ombros, a responsabilidade de proteger suas crianças e enfrentar as criaturas ameaçadoras que os rodeavam. O brilho do sol, que antes era um símbolo de esperança, agora os cegava, tornando-os vulneráveis a qualquer ameaça oculta na escuridão da floresta.

O tempo parecia escorrer pelas mãos deles como grãos de areia em uma ampulheta inexorável. Cada segundo era uma corrida contra o destino, uma luta pela sobrevivência em meio ao imenso espetáculo da natureza.

O coração deles batia em uníssono com o ritmo da floresta, como tambores ancestrais que ecoavam nas profundezas da mata. Eles se tornaram parte dela, fundindo-se com o pulsar da vida que existia ao seu redor.

Cada passo, cada respiração, cada olhar para trás, era como uma dança com o destino. A floresta testava sua resistência, sua coragem, sua capacidade de enfrentar o desconhecido.

E assim, eles corriam, em meio a sombras e luzes, em meio a medos e esperanças, em meio a vida e perigo.

O destino ainda era incerto, mas eles se agarravam à certeza de que sua força de vontade e amor incondicional pelas crianças os guiariam através dessa jornada desafiadora.

No coração da floresta, onde a obscuridade e a luz se entrelaçam em uma dança eterna, Maú e Rupunini seguiam em frente, enfrentando a escuridão e desbravando o desconhecido, como heróis lutando por suas vidas e por aqueles que amavam.

Eles chegam ao local onde as crianças estavam. O bebê Kamarakoto estava chorando com fome, e o local estava infestado de formigas de fogo vermelhas.

Ao adentrarem o esconderijo, Taurepang estava com a lança em posição de ataque, e os menores se encontravam em uma área mais protegida da árvore. Rupunini pega o bebê, cujas perninhas estavam marcadas por mordidas de formigas, e o leva ao peito. Ela sente dor quando o pequeno começa a mamar, devido aos ferimentos sofridos na noite passada.

Maú é incisivo:

Maú – Não podemos ficar aqui, precisamos mudar de esconderijo.

Ele toma as outras crianças nos braços, e juntos levam apenas o necessário para fazer fogo, partindo o mais depressa possível.

A fome toma conta de todos, e as crianças começam a reclamar. Maú busca uma área mais antiga da mata, onde há diversos pés de castanheiras. Eles colhem alguns ouriços e encontram alguns tucumãs caídos próximos a um igarapé na mata. Com a espada, Maú quebra os ouriços, extraindo de dentro as castanhas e alimentando as crianças.

Com a barriga saciada, as crianças sentiam-se mais reconfortadas, e o grupo seguia em frente, adentrando a densidade da selva, em busca de um novo esconderijo seguro.

Ao adentrarem uma parte da floresta que parecia ser a mais antiga, repleta de imponentes castanheiras envelhecidas e robustas, o casal buscava um esconderijo entre as árvores. Foi quando avistaram uma árvore oca, menor que as demais. Movidos pela esperança, adentraram o interior da árvore, deparando-se com o guia de Quisquis, Turé, que jazia deitado, visivelmente ferido.

O susto que Maú e Rupunini experimentaram ao

entrarem no buraco e se depararem com Turé foi avassalador. O guia encontrava-se com as duas pernas quebradas e um dos braços dilacerado, resultado do impacto violento contra as árvores durante o ataque que sofrera.

Turé, com voz trêmula, implorou por ajuda:

Turé – Me ajudem!

Maú, ainda perplexo com a cena, questionou:

Maú – Quem é você?

Turé – Me ajudem!

Rupunini, compadecida com a condição do guia, indagou:

Rupunini - Quem o atacou?

Turé - Eu quero água. Estou com sede.

Maú - Amigo, não temos água, e estamos fugindo de duas criaturas: uma cobra gigante e um Yokai.

Turé - Ela me atacou e me jogou nessas árvores.

Ele aponta para as feridas de mordidas em suas pernas.

Diante da situação desesperadora, Maú e Rupunini sentem-se divididos entre ajudar Turé e proteger suas crianças. A sede do guia era como um eco

do desespero que assolava toda a floresta, sedenta por vida, e eles precisavam encontrar água para sobreviver.

Maú fecha a entrada da árvore com um pedaço de casca da própria árvore.

Turé - Ai! Ai! Eu quero minha mãe. Está doendo muito.

Rupunini tira de sua cintura um pedaço de tecido amarrado em forma de bolinha, contendo uma mistura de ervas e folhas amassadas, e entrega para Turé.

Rupunini - Tome isso, pode aliviar sua dor.

Maú fica na entrada, observando o movimento lá fora, que parece estar calmo.

Maú - Não podemos ficar aqui, eles vão nos encontrar.

Turé estava deitado devido aos ferimentos, próximo à entrada da árvore, enquanto as crianças e Rupunini estão mais ao fundo do pequeno abrigo. Maú está na entrada, tentando ver o que está acontecendo lá fora.

Maú - Esta árvore é diferente da outra, não podemos subir até seus galhos.

Nesse momento, com um soco, o Yokai quebra a

proteção da entrada e puxa Turé pelos pés, que grita desesperado.

Maú se reajusta e se joga próximo à família, incapaz de ajudar Turé.

Os gritos de desespero de Turé assustam as crianças, que começam a chorar alto.

Nesse momento, a cobra começa a se enrolar na árvore e, com toda a sua força, tenta quebrar a árvore onde Maú e sua família se encontram.

Os estalos do tronco quebrando eram altos, o animal usava seu peso para balançar a árvore e quebrá-la. As raízes se partiram, e o tronco começou a balançar, revelando uma saída. Maú, percebendo que a árvore estava caindo, aproveitou a oportunidade e correu junto com sua família. No entanto, eles precisavam ser rápidos, pois a árvore se fechava em um movimento oscilante da cobra, podendo esmagá-los. Determinado a fugir daquele lugar, Maú calculou o momento exato e pulou para fora da árvore, juntamente com sua família. Ao caírem no chão, Rupunini machucou a perna esquerda nos pedaços do tronco quebrado, mas conseguiu se levantar com o bebê nos braços e correr, abrindo caminho com a lança

em sua mão. Maú também corria em direção à clareira.

A floresta próxima ao rio era repleta de espinhos, tanto nas árvores quanto nos arbustos e vegetação rasteira. Maú abria caminho com as crianças que carregava, e durante a fuga, eles se cortavam nas plantas espinhosas.

A cobra não percebeu que a família havia fugido da árvore e, com seu peso, estava esmagando-a. A queda da árvore abriu uma enorme clareira, pois ela era muito grande, e ao cair, atingiu várias outras árvores, causando um alvoroço entre os animais que habitavam ali.

Turé, que havia sido capturado pelo Yokai, foi jogado ao chão, e a criatura, com uma voz grave e sombria, falou com ele.

Yokai - O que vocês fazem nesta área da floresta?

Turé estava muito machucado e já não conseguia falar.

Yokai - O que vocês estão fazendo aqui?

Turé - Socorro! Mamãe! Ai! Ai!

O Yokai mal conseguia movimentar um braço; o outro, atingido pela espada de Maú, não funcionava corretamente e emitia estalos metálicos. Com o braço que

ainda funcionava, ele ergue o corpo inerte de Turé e o examina, constatando que estava morto. Em seguida, joga o corpo no meio da mata.

Retornando ao local onde a árvore caíra, o Yokai busca por algum corpo entre os destroços do tronco esmagado. A cobra, que havia cessado o ataque à árvore, permanece em guarda no local, aguardando a confirmação de que os demais fugitivos estão mortos. Porém, o Yokai não encontra nenhum corpo em meio aos destroços da árvore, e informa à cobra antes de sair em busca da família.

Os seres começam a procurar a família na mata. Maú encontra um local para esconder as crianças.

Maú - Rupunini, fique aqui com as crianças. Preciso levar esses seres para longe de nossa família.

Rupunini - Não nos deixe aqui!

Maú - Se eles me encontrarem, deixem que vocês escapem. Aguardem o amanhecer e fujam. Com vocês, nossos filhos podem sobreviver. Eu amo vocês.

Ele deixa a família escondida e corre para procurar os seres. Durante a corrida, ele ouve ao longe o som de árvores caindo, percebendo que pode ser a cobra. Assim,

ele muda de direção para se afastar ainda mais de sua família. Ele segue por um caminho traçado pelos animais na mata, utilizado por eles para beber água ou se alimentar, em direção a um igarapé. Ao chegar lá, busca uma árvore para subir. É quando ouve um som metálico ecoar pela floresta.

"Curúm!!! Pirá!!! Curúm!!! Pirá!!!"

O som estava distante, mas estava se aproximando. À medida que se aproximava, o som aumentava.

"Curúm!!! Pirá!!! Curúm!!! Pirá!!!"

Maú consegue subir em uma árvore e se esconde entre as folhagens. A criatura chega ao local do igarapé. Maú estava determinado a lutar e não se render. A criatura emitia luzes vermelhas e uma fumaça saía de seu braço. Era o mesmo Yokai que Maú havia atacado.

A criatura se aproxima da árvore onde Maú estava escondido, procurando por seus rastros e examinando todo o local, quando Maú salta da árvore, segurando a espada com as duas mãos, em cima do Yokai.

O golpe atravessa a criatura, que começa a girar descontroladamente. Maú fica com a espada presa no

corpo do Yokai, e com o movimento giratório, consegue soltá-la, sendo jogado a uma certa distância do Yokai.

A criatura apresenta dificuldades para se movimentar; o golpe danificou partes de seu corpo. Cambaleando, ela se afasta de Maú, caindo de joelhos. Maú se levanta do chão e vê um líquido verde-escuro na espada, com um odor forte que lembra peixe podre, o que embrulha seu estômago e provoca náuseas ao cheirar.

A criatura se levanta, apresentando tiques em seus movimentos. O braço que Maú acertou não se movimenta, e ela pega um pedaço de tronco e avança na direção de Maú para atacá-lo.

A criatura estava mais lenta em seus ataques e movimentos, o que facilitava a defesa de Maú. Apesar de todas as dificuldades, a criatura era mais forte do que Maú. Seus golpes eram defendidos por Maú, que contra-atacava com estocadas em direção ao peito do Yokai.

Em meio a uma clareira no coração da floresta, com árvores majestosas ao redor, a luz do dia ganha força, atravessando as copas das árvores e criando feixes de luz que dançam no chão revestido de folhas. O clima está abafado, com uma brisa suave soprando ocasionalmente.

Suado e ofegante, evidenciando sinais de exaustão, Maú assume uma postura defensiva, ágil e determinada. Seus olhos estão fixos no Yokai, em busca de uma oportunidade de ataque. Seus movimentos são ágeis e precisos, revelando habilidade no manejo da espada de madeira.

Por outro lado, o Yokai exibe uma presença imponente, apesar do braço imobilizado. Seu rosto exibe uma expressão feroz e sua postura é mais rígida, utilizando o tronco como escudo e contando com seu porte físico imponente para intimidar Maú.

A batalha se desenrola com uma série de golpes e contra-ataques. O Yokai utiliza sua força bruta para tentar desarmar Maú, enquanto este último emprega sua agilidade e técnica para evitar os ataques e encontrar uma brecha.

Num momento crucial, o Yokai realiza um giro no ar, desequilibrando Maú. Ele aproveita a oportunidade para derrubá-lo ao chão com um golpe preciso. Com Maú caído, o Yokai ergue o pedaço de madeira com intenção de desferir um golpe fatal.

Contudo, Maú, percebendo a vulnerabilidade do

Yokai, age rapidamente. Com determinação e coragem, ele desfere um golpe certeiro no peito do Yokai. O impacto paralisa o Yokai, deixando-o momentaneamente imóvel e incapaz de continuar o ataque.

Após receber o golpe, o Yokai se afasta de Maú. A estocada acerta o ponto fraco da armadura, fazendo-o tentar andar, mas ele cai de joelhos. Maú, ainda no chão, tenta se levantar para desferir outro golpe, quando surge correndo Rupunini, que estava distante. Com um salto, ela empunha sua lança e, com o peso de seu corpo, finca-a no pescoço da criatura, de cima para baixo, atravessando as costas do Yokai.

Com alguma dificuldade, Rupunini arranca a lança do corpo imóvel da criatura, quando repentinamente começa a sair uma fumaça branca com odor de queimado de seu abdômen. De súbito, chamas irrompem do peito da criatura, acompanhadas por gritos de dor e desespero vindos de seu interior. O peito não se abre e o fogo se intensifica, aprisionando a entidade em sua própria armadura. O aroma intenso de peixe queimado permeia o ar, e Maú e Rupunini deixam o local onde a criatura está em chamas, dirigindo-se ao encontro

SANTOS – CRONICAS DE MAÚ KUCHI VOLUME I – UMA VIAGEM INESPERADA.

de seus filhos.

O Choro

Durante a frenética corrida pela mata, Maú e Rupunini deparam-se com a cobra gigante que os estava caçando, cuja agilidade é impressionante, capaz de derrubar árvores em seu caminho. Embora soubessem que aquilo não era um simples animal, ao se encontrarem frente a frente com a cobra, a grandiosidade de seu tamanho tornou-se evidente. Era capaz de engolir uma pessoa facilmente, sua pele lembrava couro, porém era trabalhada de maneira única, muito diferente dos animais comuns. Além disso, seu corpo emanava calor, algo incomum para uma serpente, que normalmente é de sangue frio.

De perto, a separação entre cabeça e corpo não era claramente visível, como Maú e Rupunini tinham observado anteriormente quando estavam nas árvores. Os olhos da serpente pareciam mortos, mas exibiam um brilho peculiar. Diferente das cobras comuns, ela não sibilava a língua característica.

Nesse momento, a armadura do outro Yokai derrotado por Maú e Rupunini emite um som semelhante

ao anterior, o que distrai a criatura colossal, fazendo-a abandoná-los e perseguir o som em outra direção.

Rupunini, desesperada, corre em direção ao esconderijo das crianças, enquanto Maú permanece alerta, correndo e constantemente olhando para trás. Ele sabe que sua espada não será suficiente para afugentar a criatura, e que não terão outra chance se ela voltar.

Rupunini havia encontrado um buraco próximo ao igarapé e escondeu as crianças antes de sair para auxiliar Maú. Quando eles chegam ao local onde as crianças estão escondidas, adentram no buraco. Maú, preocupado com a escolha do esconderijo por Rupunini, decide sair em busca de um lugar mais seguro.

Após algum tempo, Maú retorna com uma descoberta. Ele encontrou uma grande árvore caída, oca por dentro, com a entrada próxima ao igarapé. A árvore estava escondida entre galhos e raízes antigas, e ao redor da entrada havia outras árvores e galhos espalhados trazidos pela água, que poderiam ser utilizados para fechar a entrada. Decidem então mudar para esse novo esconderijo.

Dentro do novo abrigo, acendem uma pequena

fogueira para iluminar o ambiente, trazendo um pouco de conforto e segurança para a família em meio às sombras da floresta.

Maú fica em silêncio, preocupado, pensando em como poderão escapar da mata e fugir daquela terrível criatura que se assemelha a uma cobra.

Após um momento de silêncio angustiante, Maú rompe o silêncio e expressa sua preocupação.

Maú – Precisamos sair daqui. Aquela criatura vai nos procurar e ela é extremamente poderosa. Não temos chance contra ela.

Rupunini – Eu avistei uma área próxima, onde as margens do rio são estreitas, talvez com a distância de uma flecha. Posso atravessar as crianças uma a uma, enquanto você fica de vigia.

Maú – Não podemos passar a noite aqui. Precisamos sair imediatamente.

A tensão no ar era palpável, mas a determinação de Maú e Rupunini em proteger suas crianças era inabalável. Eles sabiam que enfrentariam perigos desconhecidos, mas estavam dispostos a arriscar tudo para garantir a segurança daqueles que amavam.

Maú – O que é isso?

A lança de Rupunini estava encharcada com um líquido azul. Maú, usando uma folha, pega um pouco do líquido e o aproxima da tocha que estavam usando para iluminar o interior do esconderijo. O líquido entra em contato com o fogo, criando uma chama branca que logo se torna azul e, por fim, consome a folha em um tom vermelho. Surpreso, Maú deixa a folha em chamas cair no chão, onde ela continua queimando mesmo sem mais folhas para consumir.

Rupunini joga água na chama, mas em vez de apagá-la, o fogo aumenta em intensidade, assustando ambos com sua força. Maú afasta a lança de Rupunini do fogo, enquanto eles jogam areia para controlar as chamas, que gradualmente diminuem até se extinguirem por completo.

Maú – Temos uma chance, diz ele, olhando para a lança.

Maú – Preciso que fiquem aqui, não saiam e não façam barulho. Se eu não voltar até o meio dia, fujam e atravessem o rio.

Maú sai do esconderijo e desaparece na noite

escura.

Rupunini e as crianças se esforçam para manter o máximo de silêncio dentro da árvore. Ela apaga a tocha que iluminava o local e começa a cantar uma canção de ninar para acalmar as crianças, tentando não demonstrar o medo que a aflige ao ficar sozinha com elas.

*Dorme, meu filhinho, dorme,
A lua brilha no céu,
As estrelas estão a brilhar,
Dorme, meu filhinho, dorme,*

*O mundo está em paz,
As nuvens estão a passar,
O vento está a soprar.
Dorme, meu filhinho, dorme,*

*Dorme, meu filhinho, dorme,
Yuri, Yuri
Dorme, meu filhinho, dorme,*

Dorme, meu filhinho, dorme,

*Eu estou aqui
Dorme, meu filhinho, dorme,
Eu nunca te deixarei.*

*Nas terras antigas,
onde a alma se liberta,
A brisa suave sussurra segredos do mar,
Envolvendo teu sono com doçura.*

*Dorme, meu filhinho, dorme,
Yuri, Yuri
Dorme, meu filhinho, dorme,*

*O canto dos pássaros
Traz a paz do céu,
Embala o teu descanso
O tambor ressoa,
Pulsando em teu coração*

*Dorme, meu filhinho, dorme,
Yuri, Yuri
Dorme, meu filhinho, dorme,*

Yuri, Yuri...

O som de um choro interrompeu a canção, ecoando à distância. Era um choro de bebê, perceptível mesmo de dentro do esconderijo, despertando a atenção de Rupunini. Uma preocupação se instaurou em seu coração.

Rupunini – Preciso alertá-los sobre o perigo que estão enfrentando.

Ela imaginou que alguma família poderia estar em fuga, assim como eles, e que a criança chorando era um sinal de desespero.

Rupunini – Fiquem aqui, eu volto logo. Mantenham-se em silêncio.

Ela instrui as crianças antes de sair cautelosamente do esconderijo. Queria ser rápida para avisar dos perigos da região. Ela procura a origem do choro, afastando-se da árvore onde as crianças estão, em direção ao som. O sol já tinha nascido, mas aquela região da mata era muito escura, criando uma atmosfera sombria com a mistura de luzes e sombras.

Ela chega a uma área de vegetação baixa e chama:

Rupunini – Quem está aí? Vocês estão em perigo? Há uma cobra grande rondando essas matas.

O choro para abruptamente, e um silêncio assustador toma conta do local. O amanhecer é um dos momentos mais belos de se ver e ouvir na floresta, quando os animais celebram com festa. Coros de pássaros e outros animais compõem uma sinfonia em comemoração à chegada do dia. Mas aquele silêncio assustador assombra Rupunini, que corre de volta para a árvore.

Em meio à corrida pela floresta, Rupunini tropeça em uma criança que lembra seu filho do meio. Ela se levanta assustada, pensando que um de seus filhos havia saído da árvore. Ao tocar a criança caída, percebe que ela está gelada e se desfaz em uma névoa à sua frente.

Rupunini solta um grito de susto diante dessa cena e, ao se virar para retornar à árvore, vê a criança de frente para ela, com as mãos estendidas e um sorriso no rosto. O sol brilha intensamente, permitindo que ela veja que a criança se assemelha a um espírito sombrio. Com medo da situação, Rupunini corre na direção oposta e se esconde atrás de uma árvore, sentando-se no chão e abaixando a cabeça, cheia de medo.

Uma mão pequena e gelada toca a mão direita de Rupunini. Ela luta para resistir à tentação de abrir os olhos, mas acaba cedendo à curiosidade. Ao fazê-lo, depara-se com uma mão extraordinariamente branca, lembrando a pele de Taurepang quando ele veio ao mundo. Com uma pequena faca presa à sua cintura, Rupunini desfere um golpe certo na criatura que a atormentava. Em seguida, ela se levanta e parte em disparada em direção à árvore onde seus filhos se encontram.

O golpe atinge a criatura, que começa a rosnar de dor e raiva. Rupunini, em fuga, lança um olhar fugaz para trás e percebe a criatura perseguindo-a como um animal selvagem. Sua agilidade é surpreendente, lembrando a destreza de um cão, porém envolta em uma aura espiritual que torna a cena aterrorizante. A criatura salta de tronco em tronco, alcançando alturas inimagináveis para um animal comum. Seu rosnado ecoa como o de uma fera enfurecida. Rupunini, dominada pelo medo, corre freneticamente, sem jamais olhar para trás, mantendo seu olhar fixo adiante, em busca de uma rota de fuga segura.

Rupunini percebe que não é apenas uma criatura que a persegue, mas várias correndo em paralelo a ela. Todas elas estão determinadas a alcançá-la.

De repente, Rupunini é atingida lateralmente e ela é lançada em meio a uma vegetação baixa, repleta de espinhos. Com vários ferimentos pelo corpo, Rupunini se levanta. A criança aparece novamente, com um corte no rosto que não sangra, mas sim apresenta uma escuridão assustadora. Os olhos da criança estão vermelhos.

Nesse instante, a criança parece flutuar no ar e desaparece gradualmente, como se fosse atraída por uma intensa luminosidade que preenche todo o ambiente. A luz brilhante diminui gradualmente, revelando sua origem: vem da testa da imensa cobra gigante. A serpente ergue-se majestosamente e assume uma postura ameaçadora, impondo-se sobre Rupunini e deixando clara sua superioridade diante daquela figura intrépida e destemida. Sua altura imponente enquanto se prepara para o ataque ressalta a impotência de Rupunini perante essa criatura imensa e poderosa.

Rupunini percebe que tudo aquilo era uma ilusão, que não havia uma criança, mas sim o encanto da cobra

tentando enganá-la. Ela está desarmada, pois Maú levou sua lança e ela deixou com Taurepang ao sair da árvore seu arco e flechas. Agora ela está diante da maior cobra que já viu. Rupunini puxa sua pequena faca de pedra e se prepara para lutar, posicionando-se diante da criatura.

No entanto, Rupunini logo percebe que está no centro de um círculo formado pelo corpo da cobra. Sem perceber, a cobra a cercou completamente, impedindo sua fuga. A criatura se abaixa, ficando na altura de Rupunini, encarando-a nos olhos. Sua boca se abre lentamente, se aproximando dela para engoli-la.

Rupunini sente o cheiro podre de peixe que exala da boca da criatura. Ela sabe que a cobra não a engolirá, mas a machucará. Com rapidez, ela pega um pedaço de madeira e o joga dentro da boca da cobra, que o lança para longe. Nesse momento, uma explosão é ouvida e um clarão irrompe no corpo da cobra.

Um fogo branco envolve parte do corpo da criatura, que começa a se contorcer em uma tentativa desesperada de apagar o fogo. Rupunini percebe que um buraco se abriu no local onde o fogo se iniciou, permitindo que ela vislumbre o interior da criatura. Ela percebe que

aquilo não é um animal comum.

A cobra parecia confusa com o que estava acontecendo, abrindo espaço para que Rupunini conseguisse escapar de seu cerco. Enquanto ela corria, Maú aparece ao seu lado, segurando a lança e a espada meladas com o mesmo líquido azul.

O dia já estava claro, permitindo que eles vissem a criatura ao fundo lutando contra o fogo. Rupunini, ainda perplexa com o que presenciou, questiona Maú.

Rupunini – O que foi aquilo?

Maú – Lembrei que havia derrubado um Yokai. Ao ver o líquido azul na lança que pertencia ao outro que derrotamos, decidi segui-lo. Eu me recordava do local onde ele havia caído e corri em sua direção. A armadura continuava emitindo sons e luzes perturbadores. Utilizando minha espada, fiz um esforço para abrir sua barriga e extrair o máximo do líquido azul. Foi uma tarefa árdua, mas minha espada resistiu corajosamente. Percebi que havia uma bolsa repleta do líquido, com diversos cipós presos. Cortei tudo e, assim que o fiz, os sons cessaram e as luzes se extinguíram. Peguei tudo e corri de volta para o esconderijo. Próximo dali, ouvi seus gritos

e me dirigi imediatamente em sua direção. Percebi que a cobra estava atacando você. Utilizei sua lança para perfurar a pele do animal, que não sangrava e parecia uma casca de árvore dura. Dentro do animal, havia movimentos estranhos e baús sem tampa, contendo ouro e outros objetos, todos molhados com água. Furei a bolsa com minha espada e a sua lança, e lancei-a para dentro da cobra, que não demonstrava reação ao meu manuseio. Em seguida, iniciei um incêndio, aproveitando o orvalho da noite que ainda molhava seu corpo. O fogo consumiu o líquido azul e a água. Consegui me afastar a tempo antes do estrondo! Acredito que isso irá deter a criatura. Agora, precisamos correr para atravessar o rio.

Eles continuaram correndo para o esconderijo dos filhos, com o dia já claro eles tinham melhor destreza para correr na mata e ganhar velocidade.

Maú olhou novamente para trás, procurando ver a criatura, mas percebeu que ela não estava mais lá. Era possível ver árvores caídas, troncos quebrados, tudo causado pela luta da criatura contra o fogo em seu corpo.

Eles continuaram correndo e, em uma curva entre as árvores e galhos, encontraram a cobra esperando pelo

casal. Mesmo ferida, a criatura deu a volta e tentou emboscar o casal.

Uma Ajuda Inesperada

O casal se encontra frente a frente com o animal, que estava visivelmente ferido. Tentam fugir, mas mesmo ferido, o animal avança em direção a eles. Nesse momento, um grito ecoa por toda a floresta, interrompendo a cena.

O grito era de ataque e reverberou intensamente. Ao olharem para cima, Quisquis surge saltando de uma árvore com uma lança em mãos, cravando-a na cabeça da cobra gigante. O impacto do golpe faz a lança penetrar quase por completo na criatura, porém, esta parece não sentir o ataque.

A cobra ainda ardia em chamas, parte de seu corpo já imóvel, mas continuava sendo uma ameaça formidável. Quisquis luta para se manter em cima do animal, até ser jogado ao chão próximo a Maú e Rupunini.

Aos pés do casal, Quisquis nota que Maú empunha uma espada de metal e questiona:

Quisquis – Onde conseguiu isso?

Maú – É minha!

Em um breve olhar trocado entre eles, Rupunini tenta ajudar o homem caído, quando ele exclama:

Quisquis – Você matou meu filho!

Num movimento rápido, Quisquis puxa uma pequena espada obsidiana que trazia em sua cintura.

Rupunini coloca a lança no pescoço de Quisquis e diz:

Rupunini – Todos estamos em perigo.

Maú – Nunca matei um homem inocente, apenas fiz o necessário para proteger minha família.

Enquanto isso, o animal avança em direção a eles, forçando-os a se separarem. Maú corre em direção à parte ainda em chamas da criatura e toca sua espada, que se acende em um fogo azul. Rupunini faz o mesmo, acendendo sua lança. Quisquis, ao presenciar tal cena, se impressiona com as armas em chamas. Eles começam a desferir golpes no animal, espalhando fogo por toda a sua extensão.

Rupunini arremessa sua lança em direção à cabeça da cobra, cravando-a com precisão. Devido aos diversos pontos em chamas pelo corpo do animal, a lança se incendeia ainda mais, criando uma espécie de chifre de

chamas na testa da cobra.

Quisquis se levanta e se une ao casal no ataque contra a criatura. Maú fica surpreso com a atitude de Quisquis e tenta ajudá-lo. Porém, Quisquis adverte Maú:

Quisquis – Nesta batalha, estamos juntos, mas na próxima vou matar você!

Maú e Rupunini sabem que a cobra gigante não é um animal comum e tentam alertar Quisquis.

Maú – Essa coisa não é um animal!

Quisquis – Sendo animal ou não, ela matou meus homens, e não tenho misericórdia com quem mata meus homens.

Quisquis, determinado e corajoso, ignora os alertas do casal e avança contra a criatura. Em um único golpe com o lado da cabeça, a cobra o ataca e o lança para longe, mas Quisquis se levanta rapidamente e retorna ao enfrentamento com ainda mais determinação.

A cobra ignora Quisquis e parte em direção ao casal, mas o guerreiro não se intimida. Aproveitando um momento de imobilidade da criatura, Quisquis ousa subir em seu dorso, movendo-se com agilidade em direção à sua cabeça. Com uma habilidade impressionante, ele se

mantém firme sobre o animal e desfere golpes precisos com sua espada. A cobra luta ferozmente para derrubá-lo, mas Quisquis se agarra com determinação em partes soltas causadas por seus próprios ataques. Apesar de ser menor e mais fraco que a criatura, sua coragem e determinação não conhecem limites naquele momento.

A cena é uma verdadeira luta épica entre Quisquis e a cobra, onde a destreza, coragem e inteligência do comandante contrastam com a imponente força da serpente. Cada golpe desferido por Quisquis é um testemunho de sua determinação em vingar seus soldados mortos.

A batalha entre a cobra gigante e Quisquis é intensa e desesperadora, uma das mais desafiadoras que ele já enfrentou. Com sua determinação inabalável, ele caminha sobre o animal, se aproximando perigosamente de sua cabeça para retirar sua lança que estava cravada no corpo da criatura. A espada havia perdido suas lâminas, restando apenas o cabo de madeira, mas Quisquis não se deixa abater.

Enquanto a cobra continua sua luta contra Quisquis, que se mantém firme em seu dorso, o casal Maú

e Rupunini foge desesperadamente entre as árvores. A perseguição causa um rastro de destruição, com galhos quebrados e árvores tombando atrás deles. A criatura não desiste, persistindo em seus ataques, determinada a alcançar o casal. O som de seus rosnados ecoa pela floresta, aumentando a sensação de perigo iminente. Maú e Rupunini correm o mais rápido que podem, buscando uma chance de escapar do alcance da criatura e alcançar a segurança.

Eles chegam a um precipício escondido entre as árvores, e Rupunini e Maú correm próximos à beira, desviando das árvores que se entrelaçam ao longo do penhasco. A cobra, que os perseguia, é atacada por Quisquis. A criatura faz uma curva brusca para evitar a queda no precipício, mas a parte de sua cauda que estava imóvel devido ao ataque de Maú acaba despencando no abismo. Desesperada, a cobra luta para se segurar, enquanto Quisquis, que está em cima dela, tenta usar sua lança para se agarrar a algo e evitar a queda. No entanto, a densa vegetação e as árvores altas impedem que Quisquis perceba a verdadeira dimensão do abismo à sua frente.

Num movimento desesperado para evitar a queda, a cobra consegue desferir um golpe com a cabeça em Quisquis, lançando-o para o abismo enquanto ela própria também perde o equilíbrio e cai. O impacto da queda ecoa pela floresta, e o peso da criatura gigante destroça várias árvores em seu caminho. As árvores mais antigas e imponentes resistem ao seu impacto, mas as de menor porte são arrancadas sem piedade. O colapso das árvores e as pedras se misturam à queda da cobra, resultando em uma cena de destruição impressionante. Quisquis desaparece entre os destroços, tornando-se mais uma vítima dessa violenta batalha.

Maú e Rupunini observam o estrago causado pela queda da cobra, mas não conseguem ver Quisquis. A altura é grande demais para descerem até lá, e eles sabem que a cobra não teria morrido com a queda.

Impulsionados pela preocupação com seus filhos, Maú e Rupunini seguem em frente, mesmo cientes de que a ameaça de outras criaturas perseguidoras ainda os rodeia. A determinação de proteger sua família os faz superar o medo e a exaustão, concentrando-se em encontrar um lugar seguro para seus filhos. Cada passo

é dado com cautela, os sentidos alertas para qualquer sinal de perigo iminente. A floresta densa e escura parece conspirar contra eles, mas eles persistem, movendo-se com agilidade e furtividade, buscando a melhor rota de fuga.

Após uma longa caminhada, eles finalmente encontram os filhos e os retiram do esconderijo, correndo em direção ao rio. À medida que se aproximam da margem, a floresta fica cada vez mais densa e o chão encharcado dificulta o movimento rápido. As margens do rio são um verdadeiro pântano, habitado por jacarés, cobras d'água e outros animais perigosos. As piranhas caju são comuns nas águas rasas, e há também os temidos peixes candiru, que se alimentam de animais feridos, penetrando em suas feridas para devorá-los por dentro.

O casal está repleto de escoriações e ferimentos, e sabem que precisam atravessar o rio bem rápido para não serem atacados por esses animais. Pois sabem que o sangue na água atrairá predadores, então precisam se limpar bem antes de entrar na água.

Enquanto caminham pela mata, enfrentam

dificuldades em se locomover, pois existem buracos escondidos no chão, camuflados pelas folhas e vegetação baixa. Troncos velhos caídos, plantas com espinhos, pedras soltas, terreno alagadiço e até mesmo a presença de areia movediça são alguns dos perigos que precisam enfrentar ao se aproximarem do rio. A quantidade de folhas espalhadas pelo chão dificulta a identificação do solo, e a densa vegetação reduz a iluminação, criando um ambiente ameaçador.

Cada passo que dão é cauteloso e calculado, pois o risco de acidentes é alto. Eles precisam estar atentos a cada detalhe do terreno, evitando armadilhas naturais que possam prejudicá-los. O ranger das folhas sob seus pés ecoa pelo ambiente, um som que parece alertar a floresta sobre sua presença.

Enquanto avançam, a sensação de que estão sendo observados aumenta, como se os olhos da floresta estivessem atentos a cada movimento deles. O vento sussurra entre as árvores, criando uma atmosfera tensa e misteriosa. A floresta parece viva, como se cada galho e folha estivessem conspirando contra eles.

A proximidade do rio traz uma sensação de

esperança misturada com a ansiedade do desconhecido. A ideia de que podem encontrar segurança do outro lado é reconfortante, mas o perigo ainda está presente. O som do rio correndo, embora tranquilizador, também parece sussurrar um aviso, alertando-os sobre a água traiçoeira que podem enfrentar.

A medida que se aproximam do rio, o cenário se torna ainda mais desafiador. A correnteza é forte e impetuosa, suas águas escuras e imprevisíveis. Eles sabem que atravessar o rio será um teste de sua força e habilidade.

Com coragem renovada, Maú e Rupunini preparam-se para a difícil travessia. A determinação em seus olhos contrasta com o ambiente hostil ao seu redor. Juntos, eles enfrentam a natureza selvagem, enfrentando cada obstáculo com resiliência e coragem. O destino final ainda é incerto, mas a vontade de sobreviver e proteger seus filhos é o combustível que os impulsiona a seguir em frente, enfrentando todos os desafios que a floresta lhes impõe.

O escuro da mata transforma sua corrida em um verdadeiro desespero. Eles chegam próximo ao local onde

podem ouvir o som da água e o sentir os seus cheiros característicos que inundam o ar.

Eles chegam a um igarapé raso que corre em direção ao rio e o seguem, aproveitando para se limpar. Os galhos das árvores cobrem o igarapé, obstruindo a visão à frente. Maú usa sua espada para abrir caminho enquanto avançam.

A Batalha contra os Yokais

Eles decidem parar para se limpar, buscando refúgio nas águas de um pequeno igarapé que serpenteia até o rio. Sabem que o sangue proveniente das feridas e cortes pode atrair perigosos animais, como os candirus, peixes atraídos pelo odor de sangue na água, capazes de adentrar cavidades naturais de grandes peixes ou até mesmo feridas abertas, alimentando-se do animal ainda vivo, de dentro para fora. Essas criaturas variam em tamanho, desde pequenos exemplares do tamanho de um dedinho mindinho até os maiores que medem o tamanho de uma flecha. Quando um animal desses entra no corpo de uma pessoa, não há como retirá-lo sem que o hospedeiro venha a sofrer ou até mesmo ser levado à morte.

Além disso, o cheiro do sangue também pode atrair outras feras, como as violentas piranhas, que nadam em cardumes numerosos, chegando a milhares de indivíduos. O instinto predador dessas criaturas as torna implacáveis, devorando sua presa em questão de segundos.

Conscientes do risco que correm, Maú e Rupunini

compreendem a importância de limpar bem suas feridas antes de entrarem na água. Enquanto as crianças possuem principalmente picadas de insetos, Maú e Rupunini possuem cortes mais profundos, inchados e com pus. Portanto, o cuidado com suas feridas é fundamental para evitar consequências ainda mais graves em meio àquela perigosa jornada.

Enquanto se lavam no pequeno igarapé, seus sentidos se aguçam ao ouvirem sons de galhos quebrando, o que desperta o temor em seus corações. Logo em seguida, um leve tremor percorre o chão, deixando-os ainda mais apreensivos. A floresta, repleta de mistérios e perigos, parece conspirar contra sua sobrevivência.

Em meio a essa atmosfera tensa, os corpos do casal são cobertos por misteriosos pontinhos vermelhos, e uma luz intensa, mais brilhante que o sol, ofusca suas visões. Instintivamente, Maú e Rupunini param e se preparam para o desconhecido, cada um empunhando suas armas: Maú com sua espada e Rupunini com seu arco. A determinação em proteger a si mesmos e às suas crianças é inabalável, mesmo diante do desconhecido e do perigo que os rodeia.

Naquele momento, o medo já não os domina, pois estão todos juntos e determinados a não se renderem facilmente. Olham para seus filhos e se posicionam em frente a eles, prontos para a batalha. Seus pensamentos são de proteger seus filhos daqueles seres desconhecidos, mas que sabem trazer mal a todos eles.

As luzes impedem que vejam claramente quem os cerca, mas conseguem perceber que há vários seres ao redor, cercando-os. Maú olha para o filho mais velho, Taurepang, e fala:

Maú - Lembra do que te ensinei? Seja forte e corra o mais rápido que puder. Agora é uma questão de sobrevivência. Amanhã é sua vez de lutar! Eu te amo, meu filho. Cuide de seus irmãos. Quando eu assobiar, corram e não parem por nada! Corram como tapirus! Os deuses os ajudarão! Voltem para casa.

Maú toca seus filhos menores e diz:

Maú - Arekuana e Kamarakot, obedçam ao seu irmão mais velho.

Rupunini entrega a cesta que carrega nas costas com Kamarakoto para Taurepang.

Maú aponta para Taurepang e, olhando para seus

filhos, diz:

Maú - Ele será como eu estando com vocês. Eu os amo. Agora, quando eu assobiar, vocês correm!

Taurepang - Pai! Estou com medo!

Maú - Eu também estou com medo, filho! Os corajosos sentem medo, mas nunca devem se render. Mesmo com medo, devemos continuar lutando. Hoje lutamos para que vocês possam viver amanhã e se vingar. Hoje vocês sobrevivem, amanhã vocês lutarão!

Maú e Rupunini assumem posições de luta, esperando o ataque. Rupunini, mesmo com lágrimas nos olhos, não baixa a guarda e diz:

Rupunini - Eu amo vocês e sempre amarei! Agora, corram quando o pai de vocês der o sinal.

No momento em que as luzes diminuíram, Maú e Rupunini puderam ver que o grupo que os cercava era composto por várias Yokais e a Cobra Gigante, que estava visivelmente ferida. Os seres permaneciam imóveis, como se aguardassem algo. Maú assobiou e avançou em direção aos animais, enquanto suas crianças corriam e se separavam dele.

O filho mais velho carregava o mais novo nas

costas, enquanto Rupunini, armada com seu arco, disparava flechas contra os Yokais.

Maú, empunhando sua espada, avançava corajosamente em direção aos seres que não demonstravam medo. Os Yokais apontaram uma lança que emanava uma luz azul na ponta, cujo brilho aumentava lentamente.

De repente, algo foi lançado no meio dos Yokais, que fugiram do objeto. O objeto estourou, provocando um estrondo seguido por uma fumaça branca que se espalhou pelo local. Os Yokais entraram em confusão, disparando suas armas para o alto.

Maú e Rupunini olharam para cima e viram um disco redondo que refletia as coisas como a água, pairando no céu acima das copas das árvores. Os Yokais disparavam luzes azuis e vermelhas contra o objeto, mas sem causar danos.

Na parte inferior do objeto voador, uma luz amarela surgiu, envolvendo Maú e Rupunini, fazendo-os flutuar no ar. Eles foram levantados por uma força misteriosa, incapazes de compreender o que estava acontecendo. Enquanto flutuavam, as crianças também

surgiram no ar, pairando ao lado dos pais.

De cima, observaram os Yokais fugindo do objeto prateado que flutuava no ar.

Naquela posição, eles puderam ver bem as criaturas que tentavam atacá-los, percebendo que eram homens pequenos, todos com barbas, mãos inchadas e corpos deformados. Usavam roupas e armaduras para se movimentarem normalmente.

Eles lutavam para tentar se libertar da luz que os prendia.

Rupunini – O que é isso?

Maú – Não sei.

As crianças, assustadas, choram com medo. A luta contra a luz é sem sucesso, estão presos e flutuando no ar. São atraídos cada vez mais para o disco enquanto ele se movimenta por cima das árvores.

No ar, puderam ver que foram levados para além do rio, para uma terra diferente e muito bonita.

Ainda no ar, eles se abraçam e olham para tudo lá embaixo.

O disco se distanciou da floresta, levando Maú e sua família para dentro dele. Já não podiam mais ver os

Yokais, a cobra gigante fugiu em disparada pelo meio da densa mata e desapareceu entre as árvores.

Uma porta se abre embaixo do disco, e eles são levados para o interior dela. A porta se fecha atrás deles, e uma luz branca muito intensa os rodeia, impedindo-os de ver o que há ao redor. A sensação é de estar em um mundo completamente diferente, envoltos por essa luminosidade cegante.



CAPÍTULO 11 — Uma Nova Casa

A Casa Voadora

No interior do disco, Maú, Rupunini e suas crianças sentem como se flutuassem em um espaço etéreo, desconhecido e misterioso. Eles são separados por forças estranhas e cada um faz um percurso dentro daquele local. Tudo ao redor parece se dissolver, como se estivessem atravessando uma dimensão desconhecida e inexplorada. As emoções se misturam, entre o medo do desconhecido e a curiosidade do que encontrariam adiante.

Eles não têm controle sobre seu movimento, apenas seguem o fluxo, como se fossem levados por uma força invisível. O som do ambiente é abafado e estranho, como se estivessem em um vácuo, onde o som não tem lugar para se propagar. A sensação é de estar flutuando em um mar de incertezas, com o coração acelerado e as mentes cheias de perguntas sem resposta.

Enquanto essa luz branca os envolve, eles sentem como se estivessem sendo purificados, como se todo o passado e os perigos da floresta ficassem para trás. É

como se estivessem sendo preparados para uma nova jornada, uma jornada além do que jamais imaginaram ser possível.

O tempo parece se esticar nesse ambiente misterioso, e não há como saber quanto tempo estão lá dentro. Cada segundo parece uma eternidade, cada respiração é preenchida com um misto de medo e expectativa.

Após um tempo eles são levados para um local muito claro e sem nada. Dentro dessa sala, Maú e Rupunini encontraram seus filhos. Os corações emocionados de todos se fundiram em um abraço caloroso, e lágrimas de alívio e alegria rolaram por seus rostos, pois pensavam que não iriam mais se encontrar.

Um ser se aproxima deles, era Marikumana que trouxe uma sensação de proteção e serenidade, como se estivessem diante de um ser celestial.

Marikumana já não usava a armadura anterior; agora, vestia uma roupa única que lembrava as vestimentas dos navegantes ricos que chegavam em Coro, chamadas de "kuttoneth".

A roupa era deslumbrante, branca, com detalhes

bordados em ouro, um tecido macio e leve, cuja cor branca brilhava com uma luminosidade quase etérea, evocando uma sensação de pureza e elegância. Os bordados em ouro formavam intrincados padrões que refletiam a luz com um brilho encantador. Cada detalhe era meticulosamente trabalhado, como se pequenos raios de sol estivessem tecidos na própria vestimenta.

Os desenhos bordados pareciam contar histórias antigas, com símbolos e formas que evocavam a riqueza do ser que a vestia. Cada fio de ouro reluzente parecia contar um conto diferente, convidando o observador a mergulhar em um mundo de maravilhas e mistérios.

A figura envolta pela roupa branca parecia quase etérea, tão branca que permitia ver as veias em seu rosto. Seus olhos negros e profundos contrastavam com a pele pálida, emanando uma aura misteriosa e enigmática.

Seus cabelos longos e brancos caíam como uma cascata de luz pelas costas, evocando uma sabedoria ancestral. O rosto era adornado por linhas finas e delicadas, que contavam histórias antigas e sábias. Vestido com uma túnica branca reluzente que se estendia até os pés e uma capa de seda branca sobre os ombros,

ele parecia uma figura transcendental, deslizando suavemente sobre a realidade terrena.

Seus olhos eram como portais para dimensões desconhecidas, capazes de enxergar além dos limites do mundo humano. A sabedoria e a paz que irradiavam de Marikumana pareciam ser tão antigas quanto as estrelas no céu noturno, envolvendo todos ao seu redor em uma sensação de calma profunda.

Enquanto ele se aproximava da família, movia-se com uma graciosidade, como se o próprio tempo se curvasse à sua vontade. Sua presença era como uma brisa fresca, que acariciava suavemente a pele, trazendo conforto e serenidade a todos que o cercavam.

Maú, Rupunini e suas crianças sentiam-se acolhidos em sua presença, como se estivessem sob a proteção de uma entidade celestial.

Quem são “Eles”

A criatura se aproxima da família, que já não demonstra medo, e fala com eles.

Marikumana – Vocês estão seguros agora.

Maú e Rupunini entendem o que ele fala, mas somente Maú responde à criatura.

Maú – Obrigado por nos tirar dali. Quem são vocês? E quem são os Yokais? Vocês não parecem ser criaturas das matas.

Marikumana – Fizemos isso, pois observamos que vocês são diferentes dos outros povos da região. Não somos daqui, viemos de um lugar muito distante! No entanto, estamos entre vocês há muito tempo. Somos conhecidos em várias terras por diferentes nomes: Menehune, Fairies, Kachinas, Jinn, Açvatthas, mas vocês me chamam de Marikumana.

Maú – E o que vocês vieram fazer aqui?

Marikumana – Minerar! Nosso mundo era exuberante e criado para servir ao nosso grande líder; nossa terra foi concebida para ser uma referência de beleza e glória, um modelo para os demais planetas que

viriam a ser construídos após o nosso. Porém, uma guerra devastadora eclodiu entre o nosso governo e o governo central do sistema, todo o nosso mundo era uma grande aldeia, dividindo por regiões e por três raças, nós os Satyrs, os Sarisim e os Shamash. nosso povo em três grupos: soldados, aldeões e líderes do governo. O governo central, com toda a sua força militar, arrasou o nosso mundo. Naquele dia, choramos amargamente, pois perdemos tudo e fomos dispersos pelo céu. Apenas alguns de nós conseguimos escapar e buscar refúgio neste novo mundo. Inicialmente, não pudemos intervir nos governos, mas como eu disse, existem outros grupos que têm visões distintas das nossas. Nós, os sobreviventes, desejamos minerar todos os materiais necessários para tentar reconstruir nossas casas e cidades devastadas. Nossos corações anseiam por ver novamente a beleza e a grandeza que um dia foram nossas. Essas terras têm todos os minerais que precisamos para manter nossos povos e nossas máquinas funcionando! Podemos ajudar vocês, mas não podemos interferir nos rumos e decisões de seus povos.

Maú – O que são máquinas?

Marikumana – Isso aqui é uma máquina. Ele aponta para toda a estrutura que os levava.

Marikumana – Aquela roupa que você me viu usando no rio é uma máquina, as armaduras que os Yokais usam para andar na floresta com velocidade são máquinas. A cobra gigante que viram, também é uma máquina. Todas são ferramentas que temos para realizar atividades que não conseguimos realizar apenas com nossas mãos.

Maú – O que são Yokais?

Marikumana explicou que os Yokais, uma raça de mineradores do mesmo mundo que o deles, também exploravam aquelas terras, mas de forma mais agressiva. Utilizavam máquinas e ferramentas poderosas para cavar cavernas e coletar minerais, o que resultava em uma destruição ao seu redor. Nessa região, os grupos estavam divididos em três facções em conflito. Porém, com os Yokais, havia um acordo de paz, no qual ambas as partes se comprometiam a não interferir na extração do outro. Acreditavam que qualquer interferência na mata, ao retirá-los dessa região, poderia gerar atritos e perturbar o delicado equilíbrio de seu acordo.

Maú – Precisamos de armas para lutar contra eles.

Marikumana – Também não fornecemos armas aos locais como vocês. Já fizemos isso antes, criando grupos de trabalhos em troca de ferramentas e ensinando a fazê-las. Tanto eles como nós oferecemos tecnologias para eles, e o resultado foi que vocês as usaram para se voltarem contra nós e subjugar outros. Essa espada que você tem, o processo de construção foi ensinado por eles, os que você chama de Yokais. Eles têm inúmeros nomes em outros lugares, depois do grande mar, alguns os chamam de duendes e anões da montanha. Nós os chamamos de Sarisim.

Rupunini – Aquela Cobra Gigante, o que é?

Marikumana – É um transporte de carga, disfarçado de uma serpente que existe em seus rios, mas em tamanho menor. Nós mineramos usando as forças do ambiente, sem destruir os locais e escravizar seu povo. Não queremos interferir em seu modo de vida, queremos conviver em harmonia com vocês.

Maú – E por que nos ajudou? Não temos como retribuir a vocês!

Marikumana – Nós chamamos sua casa de

planeta, assim como chamamos a nossa, e esse seu planeta é muito grande. Há anos estamos explorando seu mundo de forma pacífica e em harmonia com os seres que vivem nele, mas além dos Sarisim existem outros mineradores que usam uma estratégia bem diferente. Eles se intitulam deuses e escravizam aldeias inteiras, usando a força de trabalho de deles para fazerem o trabalho deles. Coletam tributos em metais e minerais preciosos como forma de adoração a eles, e assim seu povo sofre. Eles fazem com que os governantes desses povos depositam essas riquezas em grandes depósitos, muito bem seguros. Eles atacam também grandes depósitos que não estão sujeitos ao domínio deles. Uma raça de mineradores que chamamos de Shamash chegou a essa região e outros povos estão sofrendo com isso.

Maú estava preocupado com a possibilidade de se envolver na guerra entre os grupos. Marikumana explicou que a guerra já havia chegado e que todos iriam sofrer com a chegada do "Grande líder" e seus soldados, os Shamash, que buscavam ouro e estavam atacando aldeias na região.

Surpreso ao ouvir que o "Grande líder" era conhecido como Boitata, Maú expressou suas dúvidas sobre a existência dessa figura lendária. No entanto, Marikumana assegurou que Boitata já estava presente e que seus soldados eram uma ameaça real.

Percebendo a necessidade de se defenderem, Maú expressou o desejo de obter armas mais poderosas para lutar contra os invasores. Marikumana, mais uma vez, enfatizou que não poderiam fornecer tecnologia, mas se ofereceu para orientá-los na luta contra os invasores e proporcionar um refúgio em uma tribo amiga, onde seriam bem recebidos e poderiam se preparar para a guerra.

Com o amanhecer, chegaram ao local e Marikumana avisou que eles poderiam ficar ali, preparando-se para a batalha que ainda estava por vir. Guardando a espada, ele afirmou que o momento de utilizá-la ainda não havia chegado. Assim, Maú e sua família se preparavam para enfrentar os desafios que estavam por vir, com coragem e determinação.

Nesse momento, a luz branca cresceu tanto que eles não conseguiam mais enxergar nada ao seu redor. O

brilho intenso ofuscava seus olhos, e eles sentiam que estavam sendo transportados para algum lugar desconhecido. O mundo ao seu redor parecia se dissolver naquela luz, e eles se sentiam como se estivessem flutuando em um mar de luminosidade. O coração batia forte, e uma sensação de esperança e ansiedade preenchia suas mentes.

Uma Nova Família

A luz diminui e eles se veem descendo em uma clareira próxima a uma lagoa. Maú sente alívio ao tocar novamente o chão com os pés. Ao recobrem a visão por completo, percebem que suas roupas estão limpas e que suas feridas foram todas curadas. Rupunini está diferente, com uma beleza radiante e seus cabelos exibem um preto vivo. Maú também passa por uma transformação, tornando-se mais alto e forte do que nunca. Todos estão mudados naquele dia, como se algo especial estivesse acontecendo. O sol brilha intensamente, aquecendo-os, mas, ao mesmo tempo, uma brisa fresca sopra, criando uma sensação agradavelmente contrastante.

Em sua mão, Maú segura a lendária Matadora de Deus, agora reluzente como se tivesse sido lavada e esfregada com areia à beira de um rio. A espada parece ainda mais poderosa, emanando uma energia misteriosa e poderosa. Era como se, ao atravessar aquele portal, eles

tivessem se conectado a uma fonte ancestral de poder e sabedoria.

Marikumana sorri para a família, compreendendo que a jornada através do portal havia sido muito mais do que uma simples viagem. Eles haviam sido transformados e agraciados com dons especiais para enfrentar os desafios que estavam por vir.

A lagoa brilha sob a luz do sol, refletindo a jornada que eles acabaram de empreender. O mundo ao redor parece mais vívido e cheio de significado. Eles sabiam que, a partir daquele momento, suas vidas nunca mais seriam as mesmas. A luz do dia banha a paisagem, e a família de Maú e Rupunini agora se encontra próxima a uma aldeia encantadora, cujas casas são construídas com madeira e palha, cobertas por telhados de folhas de palmeira e paredes adornadas com folhagem verdejante.

Enquanto o sol desponta no horizonte, ao fundo ergue-se o magnífico monte Papah Wahte Roroima, envolto em uma suave camada de nuvens, criando um efeito mágico e especial. Os raios solares brincam ao atravessar as nuvens, tecendo um jogo de luzes e sombras que dá um toque quase divino à paisagem. Gigantescos

animais voadores pairam ao redor do monte, exibindo asas longas e estreitas e possuindo uma pele espessa e cabeluda, cujo crânio longo e fino lembra o animal que perseguia os Peccary-Kajá. Os habitantes locais chamam essas criaturas de Tukurú, os mensageiros entre o mundo terreno e o celestial, simbolizando a liberdade e a conexão com o espírito sagrado.

Em meio a esse cenário, Maú, Rupunini e seus filhos encontram-se em um momento de contemplação, absorvendo a beleza da natureza e o nascer do sol em um local verdadeiramente especial. A tranquilidade reina enquanto eles apreciam a cena única. No entanto, a paz logo é interrompida pela chegada de um grupo de homens montados em tapirés, animais que surpreendem a família por serem mais altos do que um homem em pé, algo incomum para a região.

Um homem desce elegantemente de seu tapiré e se apresenta como Curi, saudando-os calorosamente e informando que Mãe d'água os havia avisado sobre a chegada da família. Com palavras acolhedoras, Maú e Rupunini sentem-se bem-vindos em seu novo lar.

Em meio a esse novo mundo e suas mudanças,

eles estavam prontos para enfrentar o que viesse pela frente, com coragem e determinação, e com a lendária espada em mãos, simbolizando sua nova jornada e o poder que agora possuíam. Juntos, eles dariam os passos necessários para proteger sua nova casa e enfrentar os desafios impostos pelo temido Boitata e seus soldados Shamash. A batalha estava prestes a começar, e Maú e sua família estavam preparados.

Ele não Morreu

Quisquis acorda sentindo muita dor e percebe que tem ferimentos graves, com pernas e braços quebrados, e acredita que algumas costelas também tenham sido fraturadas. Ele consegue se movimentar com dificuldade e tenta procurar água para beber, mas ouve passos se aproximando. A luz vermelha passa pelo seu corpo e uma criatura se aproxima dele. É uma Yokai, e Quisquis se assusta ao vê-la. Sem meios de se defender, ele se prepara para o pior.

O Yokai aponta uma lança para ele, que acende uma luz azul, parecendo crescer enquanto emite um zumbido semelhante ao de uma cigarra, que também aumenta com o brilho da luz. De repente, ouve-se um estrondo muito forte que faz o chão tremer. Quisquis fecha os olhos, esperando a morte, mas quando o estrondo e o tremor da terra o fazem abrir os olhos novamente, ele vê um tronco de árvore esmagando a criatura, que está em meio a estalos de raios, fumaça e um líquido verde brilhante.

Assustado com a situação, ele tenta se mover para

sair do local, quando outra criatura aparece e diz:

INTI - Não tenha medo! Vim ajudá-lo e tenho visto o quanto tem trabalhado pela minha causa! Seu povo me conhece como Kinich Ahau, outros me chamam de Rá, Amma, Olódúmaré, Mawu, Hélio, Dingane e outros, mas você me chamará de INTI. Sou o líder de uma família de celestiais que busca e coleta riqueza para o nosso deleite. Somos o povo celestial chamado de Shamash e queremos que você construa um templo para mim. Farei de você um grande rei.

Quisquis observa a criatura e vê que ele lembra as pinturas do templo de seu deus na sua terra natal.

Quisquis – Sim, senhor!

INTI é um ser frágil e albino, com cabelos dourados, olhos azuis e sem pelos, como sobrancelhas e barba. Seu rosto é retangular e ele estava usando uma túnica branca de tecido leve e suave, com mangas compridas e uma bainha que caía até os pés. A roupa tinha detalhes dourados e prateados, amarrada na cintura com uma fita dourada e prateada.

INTI – Sei de sua dor, meu filho! No momento certo, você terá a sua vingança!

Nesse momento, Quisquis se vira e busca adorar a entidade que se apresentava a ele, quando outras duas, com as mesmas características de INTI, aparecem.

INTI – Leve ele, já temos o nosso campeão!

Os outros seres que acompanhavam INTI têm aparência divina, com olhos azuis brilhantes e cabelos prateados. Seus trajes são feitos de ouro, pedras verdes e outros materiais prateados e brilhantes. Suas armaduras são prateadas, cobrindo o peito, o abdômen e os ombros. Elas possuem luzes brancas que brilham e piscam, dando aos seres um aspecto poderoso e imponente. Também usam capas prateadas que caem pelas costas até os pés, com bordas douradas e brilhantes que ondulam ao vento. Esses seres levantam Quisquis sem tocá-lo e o colocam em uma espécie de caixa brilhante, onde ele adormece.

FIM